



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE TURISMO

ISABELLA KATHLEEN BASTOS VARGAS DA SILVA

A PRÁTICA DO TURISMO SOLO OU EM GRUPOS FEMININOS E SUAS
COMPLEXIDADES

Ouro Preto
2023

ISABELLA KATHLEEN BASTOS VARGAS DA SILVA

A PRÁTICA DO TURISMO SOLO OU EM GRUPOS FEMININOS E SUAS
COMPLEXIDADES

Monografia apresentada ao curso de Turismo da
Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito
parcial para obtenção do título de Bacharel em Turismo.

Orientador: Prof. Dr. Leandro Benedini Brusadin

Ouro Preto
2023



FOLHA DE APROVAÇÃO

Isabella Kathleen Bastos Vargas Da Silva

A PRÁTICA DO TURISMO SOLO OU EM GRUPOS FEMININOS E SUAS COMPLEXIDADES

Monografia apresentada ao Curso de Turismo da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Turismo.

Aprovada em 21 de Março de 2023.

Membros da banca

[Doutor] - Leandro Benedini Brusadin - Orientador - Universidade Federal de Ouro Preto
[Doutora] - Kerley dos Santos Alves - Universidade Federal de Ouro Preto
[Doutora] - Luana Melo e Silva - Universidade Federal de Ouro Preto

Leandro Benedini Brusadin, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 21/03/23



Documento assinado eletronicamente por **Leandro Benedini Brusadin, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 21/03/2023, às 17:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0495008** e o código CRC **442DC5E3**.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus e dedico este trabalho à minha mãe Duda, que nunca mediu esforços para que minha graduação fosse possível. À minha irmã e melhor amiga, Rayanne. À minha avó Raimunda e ao meu avô Nemesio (em memória), por sempre incentivarem meus estudos.

Agradeço também à UFOP e aos professores do departamento de turismo pelo ensino de qualidade, especialmente à Prof. Dra. Kerley Alves, que me deu suporte e apoio em um momento sensível, e durante suas aulas me inspirou a escrever sobre mulheres. E ao Prof. Dr. Leandro Brusadin, profissional que muito respeito e admiro, por toda atenção, disponibilidade e incentivo durante a orientação deste trabalho.

Ao meu namorado Gustavo, por todo incentivo, por ter lido e opinado sobre cada parágrafo, me ajudando a prosseguir. Sua ajuda foi imprescindível, muito obrigada. Ao Julio, meu companheiro de estudos e coaching motivacional, amigo que compartilhou comigo a experiência da graduação e fez com que as dificuldades parecessem fáceis.

Agradeço também à Camille, Flavia e Jocelaine, que se disponibilizaram a compartilhar comigo um pouquinho sobre suas experiências como mulheres viajantes solo, colaborando para a realização desta pesquisa.

*"Por vezes sentimos que aquilo que fazemos
não é senão uma gota de água no mar.
Mas o mar seria menor se lhe faltasse uma gota"*
Madre Teresa de Calcutá

RESUMO

Buscando discutir a temática da viagem realizada por mulheres sozinhas ou em grupos femininos, este trabalho apresenta questões que criam barreiras para o deslocamento livre das mesmas, tais como questões ligadas a gênero. Ainda, tem como objetivo empírico traçar a partir de um contexto histórico a representação da mulher, como a construção de estereótipos anulam sua liberdade de locomoção e também como as mudanças e revoluções ocorridas ao longo dos anos foram importantes para a quebra desses padrões, com foco no suporte criado por elas e para elas através de grupos virtuais, páginas em redes sociais e blogs. No que diz respeito ao percurso metodológico deste estudo, utilizou-se inicialmente o método de pesquisa teórica. Por ter caráter exploratório, foi utilizado, além do levantamento bibliográfico, o estudo de caso, através de entrevistas narrativas de cunho qualitativo, em que a coleta de dados foi feita a partir de uma amostra reduzida, mas de forma aprofundada com três mulheres que compartilham em suas redes sociais suas experiências como viajantes solo. Os resultados mostram o quanto é transformador para a mulher a ruptura com os costumes tradicionais. Ao observar a forma com que elas definem a liberdade, a autoconfiança, a solidão e a maneira que se sentem capazes através da realização das viagens solo, é possível concluir que se trata de um ato revolucionário.

Palavras chave: Viagem solo; turismo; mulher; gênero; redes sociais.

ABSTRACT

Looking to discuss the theme of travel carried out by women alone or in female groups, this work presents issues that create barriers for their free displacement, such as gender-related issues. Moreover, its empirical objective is to trace, from a historical context, the representation of women and how the construction of stereotypes annuls their freedom of movement, as well as how the changes and revolutions that have occurred over the years have been important to break these patterns, focusing on the support created by and for women through virtual groups, social media pages, and blogs. Regarding the methodological path of this study, the theoretical research method was initially used. Due to its exploratory nature, in addition to the bibliographic survey, a case study was used, through qualitative narrative interviews, where data collection was performed from a small but in-depth sample of three women who share their experiences as solo travelers on their social media networks. The results show how transformative it is for women to break with traditional customs. Observing how they define freedom, self-confidence, solitude, and the way they feel capable through solo travel, it is possible to conclude that it is a revolutionary act.

Key words: Solo travel; Tourism; Women; Gender; Social medias.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Classificação das Motivações de Viagem.....	29
--	----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO TURISMO FEMININO: DO DESEJO À POSSIBILIDADE	12
1.1. A Construção Cultural do Feminino e o Turismo.....	12
1.2. Hospitalidade e Hostilidade à Mulher Viajante	17
1.3. Turismo Solo Feminino: Perigos e Ameaças.....	21
2. MULHERES QUE VIAJAM SOZINHAS NA CONTEMPORANEIDADE	25
2.1. Motivação	25
2.2. Direitos e Políticas Públicas Para a Proteção das Viajantes Solo.....	30
2.3. Possibilidades: Facilitadores Midiáticos.....	35
3. MULHERES EM MOVIMENTO	39
3.1. Métodos e técnicas.....	39
3.2. Medo x liberdade: Análise dos dados coletados.....	41
3.2.1. Bloco 1 - Apresentação.....	41
3.2.2. Bloco 2 - Redes Sociais.....	45
3.2.3. Bloco 3 - Inseguranças.....	51
3.2.4. Bloco 4 - Segurança e recomendações.....	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	60
APÊNDICES	
1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Camille Carboni.....	65
2. Transcrição da Entrevista - Camille Carboni.....	67
3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Jocelaine de Araújo.....	96
4. Transcrição da Entrevista - Jocelaine de Araújo.....	98
5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Flavia Goulart.....	122
6. Transcrição da Entrevista - Flavia Goulart.....	124
7. Roteiro para Entrevistas.....	141

INTRODUÇÃO

Cada vez mais mulheres estão escolhendo viajar sozinhas, isso é uma tendência crescente na indústria do turismo. Embora viajar sozinha possa parecer intimidante, elas estão descobrindo que é uma experiência enriquecedora e transformadora, sendo assim, começaram a quebrar estereótipos ao tomarem a posição de viajantes solo, criadoras de conteúdo, líderes de grupos femininos e empreendedoras de viagens. Nos últimos anos, o número de mulheres que viajam sozinhas tem aumentado consideravelmente, elas estão desbravando novos destinos, culturas e experiências.

Tendo como justificativa a crença de que iluminando tais construções sociais, seja possível criar uma nova perspectiva de pensar, analisar e investigar a atividade turística da mulher, além de contribuir para a desconstrução de estereótipos instituídos. O objetivo geral da pesquisa é analisar a atividade turística das mulheres que viajam sozinhas na contemporaneidade, sendo os objetivos específicos: A) Traçar, a partir de uma cronologia histórica, a formação cultural da representação do feminino e sua problemática; B) Compreender quais são as motivações que impulsionam as mulheres a realizarem viagens solo; C) Identificar os perigos e ameaças sofridos pela mulher viajante solo e seus métodos para minimizar os riscos; D) Categorizar a criação de grupos virtuais, páginas em redes sociais e blogs como impulsionadores e inspiradores para as mulheres que desejam praticar a viagem solo.

A representação do feminino é influenciada por fatores sociais, culturais e políticos, que moldaram a forma como as mulheres foram retratadas em diferentes contextos e épocas. Ao longo dos anos, as revoluções feministas e as lutas pelos direitos das mulheres acarretaram mudanças em relação à representação da mulher e seus papéis na sociedade, abrindo caminho para que elas conquistassem, de certo modo, a independência. Assim, o presente trabalho analisa no primeiro capítulo, a partir de uma cronologia histórica tal representação. O que fundamenta o fato de que as mulheres são frequentemente retratadas de maneira estereotipada como inferiores, dependentes e sensíveis até os dias atuais.

Para compreender as representações sociais, ainda são levantadas questões sobre a hospitalidade e hostilidade direcionadas à mulher que viaja sozinha, visto que a hospitalidade traz em sua essência a sociabilidade, a solidariedade, a

caridade e o cuidado. Segundo Souza (2015), para as mulheres é necessário que o sentimento de segurança esteja presente para que possam se sentir livres. Ainda assim, muitas se deparam com a inospitalidade, a insociabilidade, a agressão e a violência, que caracterizam a hostilidade. Desse modo, apesar dos avanços na igualdade de gênero, as mulheres ainda enfrentam desafios ao viajar, como assédio sexual e violência de gênero.

Neste contexto, o presente trabalho discorre ainda sobre os perigos e ameaças sofridos por esse público durante a realização de viagens solo, sendo abordados aspectos como a vulnerabilidade da mulher perante ao homem, e entendendo ainda que o cerne da sensação de insegurança se dá pelas constantes violências praticadas contra a mulher, podendo ser psicológica, física, moral, patrimonial, entre outros desdobramentos. É levantado ainda a problemática em não haver leis e políticas públicas no Brasil que resguardem este público ao levar em consideração sua vulnerabilidade presumida.

Já no segundo capítulo, a motivação feminina é um aspecto levantado como estímulo necessário para a realização de viagens sozinhas. Vernon (1973, p.11) afirma que “a motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes”. Nesse contexto, Osman, Brown e Phung (2019) afirmam que os anseios e peculiaridades do público feminino são diferentes dos masculinos, podendo destacar a necessidade de conhecer o outro, seja de forma física ou social, a necessidade de liberdade e flexibilidade, autonomia, empoderamento, autoconhecimento, independência e exploração.

Por fim, é tratado sobre a organização feminina que viabiliza a realização de viagens desacompanhadas. A criação de grupos, páginas em redes sociais e blogs, que chamamos de facilitadores midiáticos, têm sido a principal fonte inspiracional e impulsionadora, se tratando de ambientes em que são compartilhadas experiências, dicas e roteiros de viagens, de mulheres, para mulheres. Nesse sentido, é trabalhada a questão da sororidade feminina, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo entre as mulheres.

Quanto à metodologia de pesquisa, nos dois primeiros capítulos utilizou-se o método de pesquisa teórica, a partir do levantamento e análise bibliográfica de obras relevantes já publicadas. A pesquisa foi concluída por meio de entrevistas narrativas de cunho qualitativo, apresentadas no terceiro capítulo. As mesmas foram

direcionadas a três mulheres que praticam a viagem solo e compartilham suas experiências em suas redes sociais. Assim, foram coletados dados em conformidade com os assuntos levantados na parte bibliográfica como forma de aprofundar e confirmar as hipóteses sugeridas.

1. A CONSTRUÇÃO DA HISTÓRIA DO TURISMO FEMININO: DO DESEJO À POSSIBILIDADE

Para iniciar a discussão, o presente capítulo engloba o levantamento bibliográfico que, de forma geral, direciona a pesquisa ao tema central. Busca compreender como a representação histórica da mulher pode construir estereótipos que anulam sua liberdade de locomoção, e também como as mudanças e revoluções ocorridas ao longo dos anos foram importantes para a quebra desses padrões, assim possibilitando, de certa maneira, o turismo às mulheres. Abordará também a questão central da hospitalidade e da hostilidade à mulher viajante solo e como e quais seriam as formas de violência a serem sofridas na prática de turismo por elas.

1.1. A Construção Cultural do Feminino e o Turismo

Quando pensamos no feminino e sua representação social, é possível observar como a suposta idéia da ideologia de gênero sustenta conceitos e valores que mantêm e perpetuam a cultura do patriarcado. Para iniciar a discussão devemos entender a criação cultural, que, caracterizada a grosso modo, diz respeito à expressão do modo de organização de uma sociedade, de suas crenças e comportamentos em comum, de costumes passados por gerações e influenciados por características regionais.

Santos (1994) considera que a cultura pode ser entendida de duas formas, a primeira remete a todos os aspectos de uma realidade social “assim, cultura diz respeito a tudo aquilo que caracteriza a existência social de um povo ou nação ou então de grupos no interior de uma sociedade” (p.24), sendo assim uma expressão das relações, acordos e costumes no modo de se relacionar de uma sociedade. E a segunda refere-se ao conhecimento, crenças e idéias de um povo, sendo tudo que lhes foi ensinado e passado por gerações, muitas vezes influenciados também pelas crenças religiosas e ancestrais. “Entendemos neste caso que a cultura diz respeito a uma esfera, a um domínio, da vida social” (SANTOS, 1994, p.25), já que se refere à totalidade de características de uma realidade social.

Nesse contexto, pode-se dizer que toda essa construção cultural define o modo de pensamento e comportamento da sociedade, Santos (1994) define ainda que a cultura “é produto dessa sociedade, mas também ajuda a produzi-la, tanto porque está ligada à manutenção de concepções e de formas de organização e de

vida, quanto porque está ligada à transformação destas” (p.65). Dessa forma, é possível visualizar a força que mantém e perpetua essas tradições e valores, que são extremamente importantes quando pensamos em como proporciona o sentimento de pertencimento daqueles que, inseridos em determinado contexto cultural, se entende e se encontra. Entretanto, muitas vezes exclui, oprime e impõe seus valores sem respeitar as particularidades, ou até se aproveitando de fragilidades, pois cada indivíduo tem suas singularidades e condutas.

É importante destacar também que a cultura não é estática e mesmo tendo todas a mesma origem, que seria a construção de uma representação e construção do modo de vida das pessoas que constituem uma coletividade, também não é universal, cada sociedade dispõe de características que, como dito anteriormente, concebem suas singularidades culturais. Segundo Foucault (1999, p. 89, apud BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 455) “cada cultura tem seu limiar particular e ele evolui com a configuração desta cultura”, sendo assim, é possível afirmar que são as características particulares que a constrói em cada comunidade, o que torna comum a pluralidade cultural dentro de um mesmo país, estado, cidade, entre outros agrupamentos.

Ainda nesse contexto, quando falamos de minorias, é necessário entender o quanto a construção cultural se deve à posição social daqueles considerados maioria ou dominantes. Dentro disso levando em consideração a classe social e econômica, a faixa etária, o grau de escolaridade e, como se deseja evidenciar para este estudo, o gênero. Caldas (2000) enfatiza que “a relação entre o indivíduo e a participação na cultura de sua sociedade não é feita de forma aleatória, mas, principalmente, pela sua posição no quadro social e pela instrução anteriormente recebida para ocupá-la” (p. 27). Sendo assim, a cultura também deve ser entendida na perspectiva de sua influência de um indivíduo sobre o outro, levando em consideração as exigências da posição social de cada um. Santos (1999) trás essa abordagem também em sua definição, afirmando a força da posição social, quando se refere ao processo de expansão dos territórios que “se realizou através da dominação política e econômica, e também da imposição de suas próprias concepções culturais aos povos sob domínio e controle” (p. 31).

Essa elitização da cultura é ilustrada historicamente por Martín-Barbero (2001), quando o autor apresenta como no século XVIII, mais precisamente na Europa, a cultura era direcionada a homens com grande poder econômico. Ele define que, na

época, cultura era “um valor que se tem, ou melhor, que só alguns têm ou podem aspirar a ter” (p.109), isso porque ela era confundida com educação culta e intelectual, e a educação superior era reservada a homens superiores. Só no século XIX que a cultura começa a se expandir pois surge “a emergência do popular como cultura” (p.109), e o conhecimento atinge as diversas áreas, como a classe trabalhadora.

Trazendo a abordagem para o campo da dominação cultural por orientação sexual, uma das formas de se entender a discrepância na vida social entre homens e mulheres é entendendo a cultura patriarcal, assim,

[...] uma das formas de compreender as mudanças culturais subseqüentes é entender que, na sociedade patriarcal, gerada no período colonial, o homem tinha o direito de controlar a vida da mulher como se ela fosse sua propriedade, determinando os papéis a serem desempenhados por ela, com rígidas diferenças em relação ao gênero masculino. O homem tinha o dever de trabalhar para dar sustento à sua família, enquanto a mulher tinha diversas funções: de reprodutora, de dona-de-casa, de administradora das tarefas dos escravos, de educadora dos filhos do casal e de prestadora de serviços sexuais ao seu marido (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 456).

Observando a organização da vida familiar, e agora trazendo para o contexto do Brasil Colônia, é possível concluir que os homens brasileiros absorveram muito dos conceitos e valores herdados de seus colonizadores ocidentais. O patriarcalismo é caracterizado pelo poder do homem sobre a mulher no ambiente familiar, como afirma Follador (2009), “essas exigências levavam à formação de um estereótipo que relegava o sexo feminino ao âmbito do lar, onde sua tarefa seria a de cuidar da casa, dos filhos e do marido, e, sendo sempre totalmente submissa a ele” (p.8), entretanto, se tornando uma configuração cultural, também se expandiu ao ambiente externo.

A definição cultural da figura feminina como um ser fraco, submisso, sem possibilidade de tomar decisões fez com que a mulher fosse desconsiderada para o desempenho de quaisquer funções não sendo ligadas à submissão e recato, foi estabelecido o papel superior ao homem e inferior à mulher, sendo assim, as funções exercidas pelos homens, tinham maior importância em frente às desenvolvidas pelas mulheres (MERGÁR, 2006), dessa forma impossibilitando qualquer pensamento de mudança pois solidifica a dominação masculina.

O código de valores luso fixado no território brasileiro impunha que a mulher deveria casar-se e, submetendo-se ao casamento, distanciando-se das tentações da vida mundana: sujeitar-se aos

desejos do marido, seu dono e senhor, que poderia corrigi-la e castigá-la por qualquer ato agressivo; obedecendo-lhe sem qualquer contestação, uma vez que foi criada somente para obedecer (MERGÁR, 2006, p.103)

A educação feminina no período colonial era também limitada, segundo Follador (2009), as leituras e escrita deveriam ser as mínimas possíveis e dependiam do modo de criação do pai, que muitas vezes não permitiam que as filhas aprendessem a ler e escrever quando mais novas. As mulheres aprendiam a costurar, bordar, cozinhar e, quando permitido, a pintar e tocar algum instrumento, trazendo sempre sua atenção aos cuidados com a casa, marido e filhos.

O controle exercido pelos homens sobre elas atingia todos os campos de suas vidas, como o controle dentro de casa desde a infância, o controle ideológico mantido pelos ideais de recato, respeito, humildade e pela falta de instrução; por fim, a escolha de um marido que certamente manteria o mesmo controle sobre ela (FOLLADOR, 2009, p.9).

Dessa forma, a mulher estava submetida ao espaço da casa, o que se estende à proibição de seu deslocamento livre, não podendo desfrutar de nenhum lazer que não fossem as festividades da igreja católica. Durante esse período, a mulher pobre, e muitas vezes solteira, já desempenhava inúmeras funções pela necessidade econômica. Além de exercer atividades consideradas masculinas, muitas delas trabalhavam como lavadeiras, cozinheiras e domésticas, também desempenhavam papéis sexuais ou eram comerciantes de gênero alimentício (FOLLADOR, 2009), segundo Mergár:

O pequeno comércio foi atividade predominantemente feminina durante os séculos XVIII e XIX, na América Portuguesa, envolvendo mulheres pobres, sendo elas brancas ou negras, na função de “vendedoras”, comercializando ora em pequenos estabelecimentos comerciais, ora no comércio ambulante (MERGÁR, 2006, p.97).

No entanto, é necessário evidenciar que nada disso era sinônimo de liberdade, nem ao menos facilitava de qualquer modo a vida da mulher no período colonial. O trabalho era realizado de forma precária, mal remunerada e em jornadas excessivas.

Apenas quando o Brasil começa a passar por um processo de urbanização, com a chegada da Família Real, em 1808, que esse confinamento começa a se dissolver.

A vinda da Família Real Portuguesa para o Brasil, em 1808, ensejou mudanças no campo econômico, urbanístico, social, político, cultural, trazendo também novas perspectivas para a situação da mulher e provocando reflexos não apenas nos núcleos urbanos, mas

atingindo também o modo de vida do patriarcado rural, que ao se transferir da casa-grande para os sobrados, começou a perder o esplendor dos tempos coloniais (SILVA, 2014, p. 36).

Quando as tradições européias começam a influenciar o dia-a-dia da elite brasileira, o papel da mulher sofre algumas alterações, pois suas casas começam a se abrir para receber o padre, o médico, os professores, comerciantes de jóias e adereços, e elas se tornam anfitriãs, “a mulher que nos engenhos quase nunca aparecia aos estranhos, passa a fazer as honras da casa como anfitriã, começa a se tornar visível” (SILVA, 2014, p.37). Mesmo que essas pequenas mudanças em processo no século XIX ainda não caracterizassem a emancipação feminina, pois o homem ainda tinha todo direito sobre a esposa e filhas, podem ser consideradas o início de uma revolução na vida das mulheres.

Apenas no século XX, quando as transformações sociais, econômicas, políticas e tecnológicas influenciam no modo de vida e na demografia das sociedades, surgem novos postos de trabalho, de estudo, de melhores condições de vida, o que favorece a adoção de novos padrões e comportamentos que se refletem sobre as questões de gênero e sexualidade (SILVA, 2014),

[...] essas mudanças concorreram para alterar o modelo das relações patriarcais, uma vez que começou a se desenhar uma nova configuração familiar e conjugal, com as mulheres conquistando uma crescente autonomia, inclusive do ponto de vista da sexualidade, não mais tão atrelada à ideia de reprodução, com mais facilidade de acesso à educação, tendo direitos reconhecidos pela Declaração Universal dos Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (SILVA, 2014, p.39).

Quando as mulheres começam a adentrar nos espaços públicos, alargando as fronteiras domésticas e conseguindo de alguma forma enxergar outras possibilidades e a necessidade de conquistá-las, surgem os movimentos feministas. A partir deles, com a mobilização feminina, elas concebem o direito ao estudo e ao trabalho, mesmo que ainda de forma inferiorizada aos homens, sendo destinadas a menores recompensas. Assim como o direito ao lazer e perpendicularmente ao turismo, mesmo que estes alcancem em maioria as mulheres de classes econômicas mais elevadas.

Ainda segundo Silva (2014), foi a partir da primeira onda do Movimento Feminista Brasileiro que as mulheres alcançaram direito ao voto, mesmo ainda não significando um fator tão significativo na esfera política. Ainda nessa primeira onda

elas lutavam pelo “direito à educação de qualidade, à justa remuneração pelo trabalho, pela questão de proteção à maternidade e à infância” (SILVA, 2014, p.44).

Já na segunda onda do movimento, as mulheres lutaram contra a opressão militarista ao mesmo tempo em que se opunham à hegemonia e autoritarismo masculino nos costumes, nas relações familiares, na liberdade sexual e ainda no trabalho (SILVA, 2014), e como consequência disso

[...] fomentaram várias iniciativas políticas, tanto no panorama internacional como nacional, gerando documentos e assinaturas de tratados patrocinados pela Organização das Nações Unidas, dentre os quais se podem citar: Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Contra a Mulher (1979) e a Convenção Americana sobre Direitos Humanos (1969)(SILVA, 2014, p.45)

A terceira onda evidenciou reivindicações pelas lutas sindicais, questões de raça e a participação da mulher no processo de redemocratização, dessa forma

[...] no período de vigência do sistema patriarcal, a luta das mulheres não se voltou somente para a igualdade de direitos, mas, também, para a libertação do sofrimento psíquico devido à sua marginalização na sociedade, incluindo seu corpo e seus desejos (BORIS; CESÍDIO, 2007, p. 460)

Mesmo com o alcance de diversas conquistas que promoveram o desvencilhamento da mulher em relação ao homem, o patriarcado não é extinguido, apenas se transforma em uma dominação mais simbólica, o que nos permite entender as mulheres do século XXI, seus desejos e medos perante os desrespeitos e desigualdades impregnados na sociedade. Se torna nítido que toda a construção histórica da cultura patriarcal, anulam, ainda hoje, a independência da mulher em diversos sentidos. A mulher conseguiu o direito de fazer suas escolhas individuais e assim começaram a preencher seus espaços por direito, mas ainda assim não é o suficiente para alcançar um pleno sentimento de liberdade que possibilite a livre locomoção, dificultando, de certa maneira, o turismo solo a elas.

No entanto, se por um lado existe a vulnerabilidade, por outro existe a resistência, ao modo em que as mulheres passam a se preocupar mais com seu bem estar e a satisfação de seus desejos, viajar torna possível o experimento da autonomia, da liberdade., além de outros aspectos que se tornam prazeres.

1.2. Hospitalidade e Hostilidade à Mulher Viajante

Entendendo então que a construção social interfere profundamente nas decisões e ações do público feminino, para compreender a relação da hospitalidade com o sentimento de acolhimento, que de certo modo impulsiona a mulher a realizar as viagens solo, é preciso entender de onde ela emerge. Iniciando a discussão, Spolon *et al.* (2011) caracteriza que a idéia básica da palavra “hospitalidade”, a partir de uma associação etimológica, pressupõe “o princípio de receber o outro e oferecer-lhe acolhimento, isto é, disponibilizar hospitalidade e descrever a qualidade dos seres humanos de serem hospitaleiros” (p.11), ou seja, a virtude de ser acolhedor.

Nesse contexto, Camargo (2008) defende ainda que há uma diferença entre entender a hospitalidade como algo desejável que aconteça em um encontro, ou seja uma noção adjetiva, e entendê-la como uma noção subjetiva, uma conduta intrínseca na relação entre os indivíduos (p.19).

No campo da sociabilidade, Praxedes (2004) entende que o ser humano é um ser portador de necessidades que só se realizam através de relacionamentos entre humanos, por isso desenvolvem as mais diferentes formas de interações e relacionamentos afetivos. Na prática do turismo não é diferente, levando em consideração a atividade de recepção turística. Nesse contexto, ele entende que

[...] a hospitalidade é uma forma de relação humana baseada na ação recíproca entre visitantes e anfitriões. Sempre que os humanos se relacionam, mesmo para a realização de atividades práticas ligadas a receber ou visitar alguém ou um local, o relacionamento depende dos valores daqueles que estão interagindo, ou seja, depende dos princípios que orientam as condutas dos envolvidos na relação. A discussão sobre a hospitalidade é muito mais do que uma simples difusão de técnicas de bom atendimento na atividade turística, pois depende de uma discussão prévia sobre os valores que devem fundamentar as práticas de recepção aos turistas. Valores novos devem ser propostos e debatidos livremente, mas nunca impostos. (PRAXEDES, 2004).

Para exemplificar a leitura da hospitalidade de forma subjetiva, citado anteriormente, Lanna (2000), ao apresentar o sistema da dádiva de Mauss, traz seu entendimento da constituição da vida social por um constante dar-receber-retribuir. Segundo a autora, em seu ensaio, Mauss tem como idéia central que a dádiva produz a aliança social. No contexto da hospitalidade, ele demonstra que além da circulação de produtos baseados em trocas monetárias, existem também a circulação de outros elementos e símbolos, como pessoas, gestos, palavras, entre

outros. Acreditando que ambas as trocas, simbólica e material, quando voluntárias, podem ser consideradas uma dádiva.

Ao receber alguém estou me fazendo anfitrião, mas também crio, teórica e conceptualmente, a possibilidade de vir a ser hóspede deste que hoje é meu hóspede. A mesma troca que me faz anfitrião, faz-me também um hóspede potencial. Isto ocorre porque “dar e receber” implica não só uma troca material mas também uma troca espiritual, uma comunicação entre almas. (LANNA, 2000, p.4)

Por outro lado, quando a realização de atos hospitaleiros se tornam um adjetivo ao turismo e à hotelaria, restringindo seu conceito ao acolhimento no sentido da hospedagem como oferta de serviço, pode se tornar um problema, pois ser hospitaleiro começa a depender de alguns critérios, se tornando uma cordialidade superficial. Praxedes (2004) entende que quando o visitante percebe que suas necessidades estão sendo manipuladas ele se sente explorado, ele acredita, ainda, que “nenhum turista considere hospitalidade um sorriso em um rosto acompanhado de uma mão estendida à espera de uma moeda” (PRAXEDES, 2004).

A hospitalidade comercial vem a ser polêmica uma vez que se torna uma prática quase que ensaiada. Ainda assim, ela pode também ser considerada uma extensão da hospitalidade doméstica. Camargo (2008), ao fazer essa comparação, estabelece que o sistema comercial no turismo está atrelado à organização do receptivo turístico, que se dispõe a criar as condições para que a experiência do visitante se desenrole o mais satisfatoriamente possível, saldada pelo pagamento. Sendo assim, uma forma de estabelecer contratos mas também movida pela força do apelo ancestral da dádiva, uma vez que os estabelecimentos comerciais oferecem certa proteção ao visitante fazendo o papel de anfitrião. Nesse contexto, Praxedes acredita que

[...] hospitalidade, então, não pode ser confundida com a cordialidade superficial e indiferente dos vendedores e prestadores de serviços. É possível que até implique na necessidade de polidez e afabilidade nos primeiros contatos, mas é necessário que seja muito mais do que a troca de expressões superficiais entre compradores e vendedores, para significar proteger o visitante do perigo, da rotina que entedia, do cansaço e da doença. Significa, pois, garantir segurança ao visitante cuidando para que ele esteja livre das ameaças que colocam sua vida e o seu bem estar em risco (PRAXEDES, 2004)

O anseio feminino por segurança é um dos principais fatores a relativizar o turismo solo às mulheres. Para entender a relação entre a hospitalidade e a hostilidade com a prática do turismo solo feminino, é preciso entender ainda, que existem aspectos que exercem influências restritivas para as mulheres em suas vidas e experiências de viagens. Wilson e Little (2005), afirmam que existem quatro categorias interligadas de restrição: o contexto sociocultural, crenças e percepções pessoais, desafios práticos e restrições espaciais.

A restrição sociocultural incorpora as restrições que originam das características sociais e culturais, como abordado anteriormente, a construção dos estereótipos impelidos às mulheres na perspectiva patriarcal julga de forma negativa a mulher que decide viajar sozinha. Esse tipo de restrição diz respeito ainda ao contexto em que as mulheres vivem e se encontram durante a realização dessas viagens,

[...] tais constrangimentos socioculturais estão relacionados com a influência das expectativas sociais, os papéis e responsabilidades das mulheres, percepções dos outros em relação às suas viagens, e atenção indesejada durante a experiência de viagem (WILSON; LITTLE, 2005, p.8, tradução nossa).

A restrição no aspecto pessoal “gira em torno de limitações pessoais e internas relacionadas às auto percepções, crenças e emoções” (WILSON; LITTLE, 2005, p.8, tradução nossa). Esta é fundada pela insegurança, medo, vulnerabilidade e solidão. Em qualquer contexto social, estar sozinha é sinônimo de vulnerabilidade para as mulheres, e quando pensado em um contexto onde elas se encontram em ambiente desconhecido, a exposição reflete o medo do assédio, da violência, entre demais situações constrangedoras ou que conferem algum perigo às viajantes. Sendo assim, a apreensão pode levar à desistência da prática do turismo solo (WILSON; LITTLE, 2005).

O contexto prático apresenta como limitações as dificuldades e desafios que as mulheres enfrentam ao viajar sozinhas, ou até mesmo desafios que impossibilitem a realização dessa viagem, “como a falta de tempo e dinheiro, falta de conhecimento do local de destino, e o estresse e fadiga de ir sozinha” (WILSON; LITTLE, 2005, p.8, tradução nossa). Levando em consideração a dupla jornada exercida pelas mulheres no ambiente de trabalho e familiar, atrelado também a incompatibilidade de remuneração, quando comparados aos salários dos homens,

muitas vezes ocupando os mesmos cargos, se torna possível entender essa forma de limitação.

Por fim, as limitações no contexto espacial se referem à falta de segurança no turismo. “As restrições espaciais são aquelas que restringem as liberdades e movimentos das mulheres dentro de destinos turísticos, espaços e lugares” (WILSON; LITTLE, 2005, p.8, tradução nossa), podendo trazer como exemplo o perigo inerente em passear por áreas inóspitas, escuras ou isoladas, ou então por sempre ter como necessidade maior atenção dobrada quando sozinha, sem poder relaxar para melhor proveito das experiências. Dessa forma, as questões espaciais acabam limitando a escolha dos destinos (WILSON; LITTLE, 2005).

Enquanto a hospitalidade traz em sua essência a sociabilidade, a solidariedade, a caridade e o cuidado, pode-se considerar que essas quatro categorias de restrição citadas acima revelam um outro lado das relações sociais que podem ser percebidas através do turismo. Seriam essas a inospitalidade, a insociabilidade, a agressão e a violência, que caracterizam a hostilidade. Spolon *et al.* (2011) ainda afirma que “não é preciso manifestar hostilidade para com o outro para demonstrar falta de hospitalidade em relação às suas ideias, necessidades ou presença” (p.26), apenas o fato de ignorá-lo já é um gesto inóspito.

Sendo assim, a hospitalidade à mulher viajante é importante pois, segundo Souza (2015), para as mulheres é necessário que o sentimento de segurança esteja presente para que possam se sentir livres. Sabendo que a insegurança é algo que as afetam não só nas viagens, como também em ambientes familiares, a autora enfatiza que não fala apenas sobre a segurança pública, mas também sobre a necessidade de segurança psicológica, física e patrimonial (p. 64), uma vez que, tendo como anfitriã uma sociedade patriarcalista, a dominação continua presente.

1.3. Turismo Solo Feminino: Perigos e Ameaças

Ultimamente as mulheres têm viajado para o mundo todo e conseguem ir sozinhas. Como dito anteriormente, essa liberdade foi concedida através de muitas lutas e revoluções desta comunidade durante séculos. No entanto, o risco é inerente à prática do turismo pois é realizado fora do contexto de conforto e proteção dos indivíduos. Quando pensamos na vulnerabilidade do feminino perante à sociedade, é possível observar que “as necessidades femininas exigem condições e objetos específicos para sua satisfação e eles não chegam até elas espontaneamente, mas

elas precisam encontrá-los e criá-los a partir de uma privação ou tensão” (SOUZA, 2015, p.61), ou seja, a busca pela segurança tem que vir das mulheres. O risco intrínseco na atividade se torna uma ameaça ao exercício do turismo solo feminino.

Ao discutir o turismo através do aporte das ciências sociais, Barreto (2003) afirma que o turismo é uma atividade realizada por homens em sociedade, sendo assim, existe um grande grau de imprevisibilidade na atividade, “por mais que haja um bom planejamento de turismo, nunca sabemos como a sociedade vai reagir à presença dos turistas, nem como os turistas vão reagir à sociedade que os hospeda” (p.7).

Torre e Navarrete (2013, p.4), ao apresentarem a Teoria da Atividade de Rotina (TAR), de Lawrence E. Cohen e Marcus Felson (1979), a conceituam com a presença de crimes na atividade turística. Segundo os autores, a proposta central da teoria está na quebra da rotina do indivíduo que influencia o seu grau de exposição ao crime, e quando aplicado ao turismo, é possível entender que as ações rotineiras do turista determinam um conjunto de oportunidades para os criminosos.

A primeira condição para a prática do crime é a existência de um indivíduo motivado a cometê-lo e das oportunidades disponíveis, ou seja, se o alvo não se proteger o suficiente e se a recompensa interessar. Esta teoria acredita que o crime só precisa de uma chance, sendo a maioria deles pequenos furtos, nada muito espetacular ou dramático. Sendo assim, o infrator do turista é um criminoso de ocasião, motivado principalmente pelas rotinas do turista (TORRE E NAVARRETE, 2013, p.5).

A segunda condição para um crime é a presença de alvos ou vítimas apropriadas, Dessa forma, o turista é considerado sujeito vulnerável por diversas circunstâncias, eles caminham mais devagar, fazem poucas paradas e são mais desavisados, alguns gostam de visitar ambientes desconhecidos e há probabilidade de estarem carregando dinheiro ou bens valoráveis. Outra questão que fomenta a vulnerabilidade do turista é a ausência de protetores efetivos, não referindo apenas à proteção formal, mas a qualquer cidadão capaz de proteger a si mesmo ou a outro, podendo ser um amigo, membro da família, policial ou qualquer outra pessoa presente na ocasião (TORRE E NAVARRETE, 2013, p.6).

O espaço e o tempo também são fatores possibilitadores do crime. Existem as áreas definidas como altamente perigosas, mas os crimes sofrem mudanças

consideráveis dependendo da hora, do dia e da semana. As áreas geográficas que concentram serviços turísticos e locais de interesse ao turista, têm maior exposição e risco ao crime. Além disso, em cada local, existe um padrão específico que define os locais e horários mais propícios às atividades turísticas, sendo assim, existe uma concentração de proteção a esses turistas dentro desse espaço e tempo, o que pode oferecer oportunidades para crimes fora deles. Quando pensamos também na diversidade e temporalidade das atividades turísticas, podemos observar que eventos de curto prazo podem produzir grandes impactos nos receptores, superando os níveis de capacidade de carga, o que gera danos sociais (TORRE E NAVARRETE, 2013, p.8).

Ao analisar a questão da segurança para as mulheres durante a prática do turismo, pode-se definir que, novamente, se trata de uma questão de gênero, “os homens são os principais perpetradores da violência contra homens e mulheres, fato que chama a atenção para as construções sociais de gênero e masculinidade como fatores importantes para a compreensão da violência” (KABEER, 2014, p.4, tradução nossa). É importante entender que o cerne da sensação de insegurança se dá pelas constantes violências praticadas contra a mulher, podendo ser psicológica, física, moral, patrimonial, entre outros desdobramentos.

Em 2016, um movimento online intensificado pela criação de diversas hashtags no Twitter, como #ViajoSola, #QueroViajarSozinhaSemMedo, #ITravelAlone e #JeVoyageSeule, trouxe à tona o caso de duas turistas argentinas que desapareceram no Equador (PISCITELLI, 2017). De acordo com as mídias internacionais, essas jovens saíram para conhecer a América do Sul e, ao se separarem de um grupo maior, foram assassinadas. De acordo com relatos, elas teriam aceitado dormir na casa de um homem porque foram assaltadas e ficaram sem dinheiro. Foram presos dois suspeitos, um deles confessou ter matado uma das garotas com um golpe na cabeça, após tentativa de abuso, e acusou o outro de matar a segunda jovem com uma facada. O exame toxicológico dos corpos mostrou que as jovens foram drogadas com um hipnótico, o que deixaria claro a intenção de abuso sexual. (BBC, 2016).

Segundo Piscitelli (2017), além de toda a violência, o espanto na disseminação desse caso se dá pela disputa entre posições. A vice-ministra de Turismo do Equador, referindo-se ao caso, citou: “Iria ocorrer mais cedo ou mais tarde, pois as jovens viajavam de carona e procuravam festas”. Na Argentina, um psiquiatra

considerou essas turistas “vítimas propiciatórias”, afirmando não tirar o peso da responsabilidade dos agressores, ele as descreveu como mulheres que assumem um alto risco e de alguma maneira formam parte do que mobiliza o crime (p.6).

Não só estes, como vários outros posicionamentos levantaram uma interpretação negativa de turistas que viajam sem a companhia masculina, sendo este um grande exemplo de culpabilização da vítima, muito comum, principalmente no caso de vítimas mulheres. No entanto, o movimento das redes sociais, que resultou na criação dessas hashtags, veio em defesa das jovens. Exigindo justiça e trazendo a reivindicação de que as mulheres possam viajar sem a companhia de um homem (p.7). Na revista Capricho, em matéria intitulada “Só morta entendi que para o mundo não sou igual a um homem”, a autora de um texto sobre o assassinato afirmou que as jovens viajavam “juntas” e não “desacompanhadas” (OTTO, 2016), reafirmando que a companhia não deve ser considerada apenas quando de um homem.

Mesmo sendo uma questão social, a existência do medo nos processos turísticos também se torna um problema para a indústria. Kahn (1999, p.2) afirma que essas preocupações influenciam o deslocamento das pessoas, “sem que se perceba, deixa-se de viajar para determinadas cidades, de morar em certas vizinhanças, de estacionar o carro nesta ou naquela rua, de comprar carros conversíveis ou morar em casas”. O autor ainda afirma que “segurança” é um bem desejado por todos, mas cada vez mais escasso” (p.1).

No que se refere à insegurança e violência urbana, o Women’s Danger Index (2022) elaborou um ranking para classificar os países mais perigosos do mundo para turistas do sexo feminino, confirmando o fato de que mulheres são mais afetadas, em relação aos homens, não apenas no campo das viagens, mas no cotidiano em geral. A pesquisa listou os dez países mais perigosos para mulheres que viajam sozinhas com base em oito fatores: segurança nas ruas para mulheres, homicídio intencional de mulheres, violência sexual não praticada por parceiro íntimo, violência sexual por parceiro íntimo, discriminação legal, diferença global de gênero, índice de desigualdade de gênero e atitudes de violência contra as mulheres. Assim, o estudo definiu que os dez países, partindo do mais perigoso, são: África do Sul, Brasil, Rússia, México, Irã, República Dominicana, Egito, Marrocos, Índia e Tailândia. A pesquisa ainda define os dez países mais seguros

para as mulheres: Espanha, Cingapura, Irlanda, Áustria, Suíça, Noruega, Portugal, Croácia, Canadá e Polônia.

Se torna perceptível que, se para a realização do turismo solo, a mulher precisa se sentir segura, vai ser necessário que esta venha a partir de uma série de precauções de segurança que as próprias turistas deverão tomar para diminuir os riscos durante suas viagens. Para isso, são muitas as recomendações, Souza (2015, p.75) traz algumas, como: não dar muita atenção à estranhos, principalmente em bares ou boates; não descuidar de seu copo, xícara ou garrafa de água, ter aparelhos que façam conexão com a internet; não carregar ou fazer transporte de objetos e encomendas para outras pessoas; entre outras. Uma publicação no site *Catraca Livre* (2022) acrescenta mais algumas recomendações, como: evitar desembarcar à noite; manter contato com amigos e familiares; ter atenção ao usar transportes públicos e estar sempre com o celular.

Viajar sozinha é uma forma de autodescoberta, uma oportunidade de sair da zona de conforto e explorar o mundo sem a dependência de outras pessoas. As mulheres precisam estar preparadas para enfrentar desafios, mas apesar disso, elas não se deixam intimidar e estão dispostas a superar esses obstáculos para viver suas experiências e suprir suas necessidades e desejos.

2. MULHERES QUE VIAJAM SOZINHAS NA CONTEMPORANEIDADE

Sustentado pela bibliografia do primeiro capítulo, que aborda questões como a conquista de direitos femininos e desafios para a inserção das mesmas nas práticas sociais, este item apresenta o que motiva as mulheres a viajarem sozinhas ou em grupos femininos, trazendo ênfase à solidão. Trata-se também sobre a problemática da falta de proteção às viajantes por meio de leis e políticas públicas, e ao que chamamos de facilitadores midiáticos, sendo uma introdução de como a mídia, através de sites, blogs, redes sociais e grupos, agem como facilitadores e até possibilitadores do deslocamento solo feminino.

2.1. Motivação

De acordo com Salgueiro (2002), a busca pelo prazer em viagens vem sendo registrada desde o século XVIII, por meio do fenômeno social chamado de *Grand Tour*, em que a viagem por prazer se torna usual. A autora caracteriza o *Grand Tourist* como o viajante amante da cultura dos antigos e de seus monumentos, com

um gosto exacerbado por ruínas beirando a obsessão e uma inclinação inusitada para contemplar paisagens, um viajante dispondo acima de tudo de recursos e tempo para realização da prática social de viajar por puro prazer e por amor à cultura (SALGUEIRO, 2002, p. 291).

Podendo, a busca pelo prazer, ser apontada como característica motivacional principal para a realização do turismo, o que se pretende analisar a seguir é, além disto, o que mais afeta as mulheres de forma a impulsioná-las à viajar. Osman, Brown e Phung (2019), ao fazerem uma análise sob a perspectiva de gênero dos viajantes solo, atestam que a mulher viajante solo vem se destacando na literatura da mesma forma que crescem em todo o mundo. As autoras identificaram que seus anseios e peculiaridades são diferentes dos masculinos, assim, entender as motivações desse público consumidor é fundamental também para a indústria turística, dado seu valor econômico.

A motivação é um atributo considerado de suma importância no estudo do comportamento humano, portanto, se tratando o turismo de um exemplo do comportamento do indivíduo num contexto social de deslocamento, das atividades desempenhadas no local de destino, de suas atitudes, suas experiências, sua satisfação ou insatisfação, sua personalidade, e da imagem que ele faz do destino, o que te leva a realizar tal ato se torna também de extrema importância para a compreensão do comportamento turístico feminino. Vernon (1973, p.11) afirma que “a motivação é encarada como uma espécie de força interna que emerge, regula e sustenta todas as nossas ações mais importantes”, sendo algo que apenas nós sentimos, e que não pode ser observado por mais ninguém, algo que nos leva a agir.

As mudanças do século XX trouxeram novas alternativas para a mobilidade das pessoas, assim foram criadas novas formas de se fazer turismo, surgindo também novas motivações pessoais, atrelado a novos perfis de viajantes. Ao longo dos anos, o público feminino tem mudado seu posicionamento sobre sua própria imagem, questionado sobre suas atribuições e debatido as disparidades sociais em contraste ao público masculino. Hoje são discutidas a independência financeira, ascensão profissional, e a liberdade de escolha. As mulheres conseguem agora se preocupar mais com o seu bem estar e desejos, conseguem buscar o prazer, o novo e a experiência. É o momento em que muitas mulheres passaram a externalizar seus desejos e optar por buscar o prazer através de viagens.

Ao fazer uma categorização da motivação turística em dois níveis de análise, Jamal e Lee *apud* Dias a apresentam em abordagens micro e macro, nas quais a primeira compreende os mecanismos psicológicos da motivação turística, a partir de determinados fatores pessoais inerentes aos próprios turistas, podendo se caracterizar pela satisfação de necessidades básicas, curiosidade, e gratificação intrínseca. Ainda, a segunda elege como fatores centrais condições sociais que fazem emergir a necessidade dos seres humanos romperem, mesmo que temporariamente, com o seu modo de vida cotidiano, viajando à procura do autêntico ou à procura de um centro espiritual (DIAS 2009, p. 118).

Nesse contexto serão apresentados dois modelos de motivação com ênfase na teoria de micro e macro nível, a fim de entender a motivação feminina a partir do estudo do indivíduo como um todo. Sendo estes, a Escada das Necessidades de Viagem (Travel Career Ladder - TCL) de Philip Pearce e o Modelo Push-Pull proposto por Dann e Crompton.

Abordando uma perspectiva psicológica da motivação para viajar, a teoria conhecida como *Travel Career Ladder* (TCL), feita por Pearce (1988), descreve que a motivação do turista acontece em cinco níveis: necessidades fisiológicas; necessidades de proteção e segurança; necessidades de relacionamento; necessidades de autoestima e desenvolvimento; e necessidades de realização. O modelo de Pearce (1988) segue o princípio defendido por Maslow (1970), segundo o qual o processo das necessidades é contínuo e evolui de acordo com o ciclo de vida individual. Sendo assim, a motivação do público feminino à viagem solo segue também uma sequência a partir de suas necessidades.

Respeitando a hierarquia da pirâmide de necessidades, a mulher viajante em qualquer estágio terá as necessidades dos níveis inferiores, mas talvez não esteja ainda possibilitada, ou mesmo, interessada em satisfazer as necessidades mais altas. Alguns fatores, como finanças pessoais ou questões de saúde, podem ser limitadores, embora o esperado é que a turista suba na escala. Nesse contexto, Pearce desenvolve o conceito de Carreira de Viagens, que leva em consideração o poder do acúmulo das experiências turísticas, assim, com o passar do tempo as viajantes passariam de um estágio para o outro (DIAS, 2009). O que caracteriza o surgimento de novas demandas, novas expectativas e novas experiências para as mulheres viajantes solo.

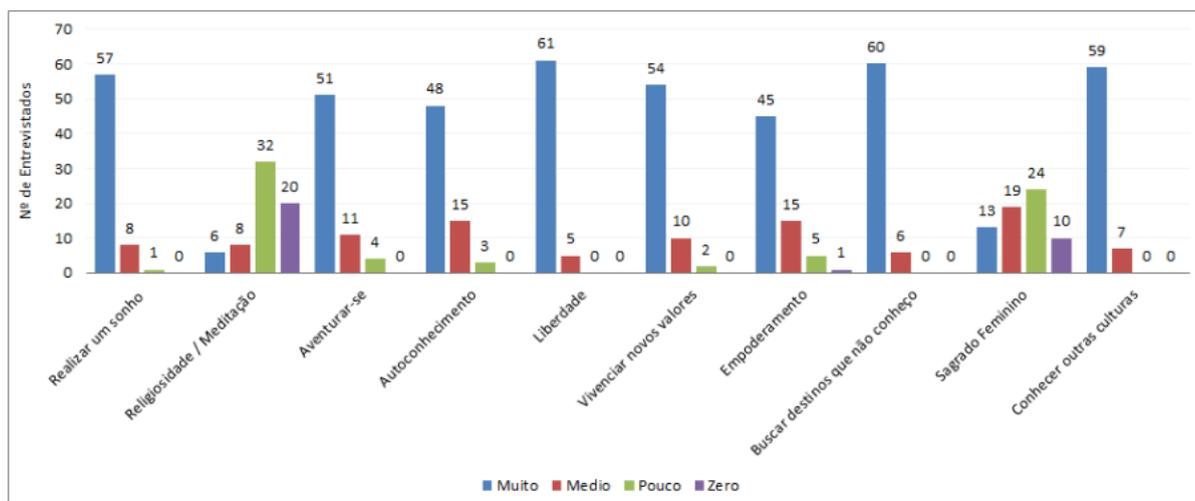
Segundo a caracterização de Pearce, trazida para o contexto feminino, a turista de primeiro nível busca relaxamento ou necessidades corporais, fugindo de exigências; a de segundo nível se preocupa com seu nível de excitação, buscando experiências novas e incomuns; a de terceiro nível procura ampliar seu círculo de relações sociais, dispostas a compartilhar os momentos; a de quarto nível é motivada a desenvolver suas competências e habilidades; e quando atingem o quinto nível ela almeja paz, um turismo que permita um envolvimento pleno nas suas experiências (DIAS, 2009).

Em contrapartida ao modelo anteriormente citado, abordando os mecanismos sociológicos da motivação para viajar, a teoria *push-pull* de Dann (1977, 1981) e de Crompton (1979), entende que os motivos de *push* e *pull* diferenciam as necessidades e desejos dessas mulheres. Assim, motivações *push* são determinantes do comportamento, ou variáveis psicológicas internas, as quais as motivam a viajar, como autorrealização, prestígio, interação social ou senso de realização, sendo as necessidades e desejos pessoais de cada viajante, o que leva a uma demanda de viagem.

Por outro lado, os motivos *pull* são externos a elas e determinam o comportamento, são situacionais que relacionam-se mais com as características do destino do que com as necessidades internas ou valores pessoais da turista, podendo se tratar de oportunidades sociais, atrações, entretenimento e atributos do destino (DIAS, 2009). Assim, o motivo *push* explicaria o desejo que as mulheres têm de viajar, enquanto o motivo *pull* explicaria a seleção do destino.

Em uma das etapas de sua pesquisa, Souza (2021) identificou algumas das principais motivações que levaram mulheres a viajar, em que as entrevistadas puderam classificar cada uma das opções como muito, pouco, médio ou zero, o

nível de relevância do quanto aquilo era significativo para ela.



Fonte: SOUZA, 2019

A partir de seus dados, as motivações mais relevantes, em ordem decrescente são: liberdade; buscar destinos que não conheço; conhecer outras culturas; realizar um sonho; vivenciar novos valores; aventurar-se; autoconhecimento e empoderamento. Sua pesquisa identificou ainda que a inspiração para a realização da viagem solo veio das próprias viajantes, quando não, de outras mulheres, como amigas e mães.

Tais atributos também são abordadas por Osman, Brown e Phung (2019) que afirmam a partir de seus resultados obtidos, que os fatores de decisão para viagem solo das mulheres transpassam a necessidade de conhecer o outro, seja de forma física ou social; necessidade de liberdade e flexibilidade; autonomia, empoderamento e autoconhecimento; independência e exploração. As autoras concluem afirmando que viajar solo permite uma jornada interior de auto-crescimento para as mulheres, corroborando com a teoria *Travel Ladder Career*, pois sugerem que elas ganham confiança à medida que têm mais experiências como viajantes solo.

Ao observar os resultados obtidos pela pesquisas de Souza (2021) e de Osman, Brown e Phung (2019), fazendo uma ligação com as teorias apresentadas anteriormente, é possível observar que as motivações citadas em ambas abarcam aspectos presentes tanto em nível micro, determinados por fatores pessoais, como em nível macro, determinados por fatores sociais. Além disso, é possível observar também motivações carregadas tanto de fatores pessoais quanto sociais.

Enfim, quando uma mulher tem como objetivo realizar viagens desacompanhada estimulada pela necessidade de se sentir livre, buscar ou externalizar seu empoderamento, se torna clara sua desvantagem social, econômica e cultural, demonstrando como essas vulnerabilidades sociais a impulsionam pela busca de uma existência mais justa.

As mulheres, apesar dos avanços políticos e jurídicos, ainda encontram-se em desvantagem empírica para com os homens, justamente em função da desigualdade de gênero. Apesar de terem os mesmos direitos e liberdades, elas ainda recebem salário menor do que os homens por igual função, ainda detêm participação inferior na política e na economia na grande maioria dos países a nível mundial, ainda exercem dupla jornada de trabalho, bem como são expostas, com maior frequência, à violência, inclusive doméstica. (GRUBBA, 2017, p. 116).

Por outro lado, o desejo de conhecer novos destinos, valores e culturas; de realizar sonhos de viagem; e de buscar autoconhecimento, tende a ser impulsionado por fatores pessoais, inerentes à própria turista. Mas ainda assim carregados de uma certa influência social, uma vez que o desejo pelo novo é singular, mas comum entre os demais.

O desejo de outro lugar move o homem viajante. Também está na base dos ideais do cristianismo e de outras religiões – a busca do paraíso, motivadora de muitas explorações. As sociedades apresentam invariavelmente um movimento de congregação/dispersão, algo como momentos antitéticos de organização e dispersão, sedentarismo e errância. (FIGUEIREDO e RUSCHMANN, 2004, p.17)

Por último, parafraseando Figueiredo e Rushmann (2004), a explicação mais plausível para a realização dos deslocamentos está na sede que os indivíduos têm pelo outro lugar, sendo esta uma característica cultural, já que, em determinado momento, o lugar em que se vive já não o satisfaz. Entretanto, com a análise feita nessa sessão, foi possível identificar que o caso das mulheres viajantes solo é específico, uma vez que sua motivação para viagem é carregado de fatores histórico-sociais. Assim, mesmo que tivessem apenas o interesse pelo novo como motivação, não seria suficiente para gerar a força que tem as impulsionado a desbravar o mundo sozinhas.

2.2. Direitos e Políticas Públicas Para a Proteção das Viajantes Solo

A violência é um fenômeno presente desde o início da história da humanidade. Ela é caracterizada pela construção de relações a partir da desigualdade, sendo produzida contra nações, grupos populacionais ou indivíduos que entram em conflito

por causa de alguma desvantagem, “trata-se da violência como ruptura de qualquer forma de integridade da vítima: integridade física, integridade psíquica, integridade sexual, integridade moral” (SAFFIOTI, 2004, p.18). Ela pode ser manifestada em qualquer tipo de ordenamento social, incluindo questões políticas, culturais, educacionais, bem como nas relações pessoais e no seio familiar. Segundo Nilo Odália (1983, p.13), “O viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente, ela sempre aparece em suas várias faces”.

Ao se considerar que a presente pesquisa é desenvolvida a partir da violência exercida sobre mulheres viajantes solo, é importante frisar que a violência de gênero é uma realidade histórica que se consolidou a partir da hierarquia de poder e da prática patriarcal, sendo principalmente desenvolvida a partir da subordinação das mulheres, se estendendo também pela objetificação, pelo desrespeito, e pela desvalorização do feminino. Teles e Melo (2003) expõem a violência de gênero como uma relação de poder, de dominação do homem, e de submissão da mulher. Demonstra que os papéis impostos às mulheres e aos homens, consolidados ao longo da história e reforçados pelo patriarcado e sua ideologia, induzem relações violentas entre os sexos e indica que a prática desse tipo de violência não é fruto da natureza, mas sim do processo de socialização das pessoas.

Ainda em relação ao patriarcado, Saffioti (2004) o estabelece como uma relação civil que estrutura a sociedade moderna, deixando de ser apenas um desenvolvimento particular dos vínculos familiares de parentesco, assim configura um tipo hierárquico de relação, que invade todos os espaços da sociedade. Em continuação, afirma que o patriarcado dá direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, praticamente sem restrição. Aponta que, diferente do Brasil, onde felizmente não há especificação do estupro, podendo ser incriminado qualquer homem que contrariar a vontade da mulher, até mesmo seu marido, “há apenas uma década, e depois de muita luta, as francesas conseguiram capitular este crime no Código Penal, não se tendo conhecimento de se, efetivamente, há denúncias contra maridos que violentam suas esposas” (SAFFIOTI, 2004, p.60), sendo esta a realidade de muitos países, quando não, pior. Entre outros apontamentos, a autora afirma ainda que o patriarcado tem uma base material, corporifica-se, e representa uma estrutura de poder baseada tanto na ideologia quanto na violência.

A partir desta análise, em conjunto com apontamentos feitos no decorrer do presente trabalho, se torna possível afirmar que a fragmentação entre os espaços públicos e privados sempre esteve presente, com o público associado ao mundo dos homens e as esferas de produção, como o trabalho e o profissionalismo, e o privado atribuído às mulheres, sendo vistas como responsáveis pela reprodução e cuidado dos filhos e filhas. No entanto, é importante enfatizar que essa divisão tradicional não é natural ou inevitável, mas sim resultado de uma série de estruturas sociais e históricas que precisam ser questionadas e transformadas.

Ao fazer uma explanação sobre a violência praticada contra turistas no Brasil, Saffioti (2004) afirma que “os habitantes do Brasil, e até estrangeiros que aqui vêm fazer turismo, saberiam muito bem definir violência”, pela constância de casos, que podem ser relatados por qualquer um, pois mesmo não tendo passado por qualquer modalidade de violência, todos conhecem casos acontecidos em seu círculo de convivência. Em reportagem intitulada “4 fatores que impedem que o Brasil vire potência no turismo apesar do potencial”, o primeiro fator segue sendo a imagem ruim que o país tem no exterior.

Violência, corrupção, ambiente hostil para mulheres e para o público LGBTQ+, somados à deterioração nos últimos anos da imagem do país em campos como meio ambiente e a gestão da pandemia do coronavírus, não criam um cenário muito atraente para turistas considerarem o Brasil como destino, afirma Panosso Netto. [...] A mudança do slogan oficial do turismo brasileiro em 2019 também não ajudou na imagem brasileira. A frase usada para promoção, "Visit and love us" (Visite e nos ame, em tradução literal), foi considerada de pouca fluência e de construção pouco usual no inglês, além de soar com conotação sexual para alguns turistas estrangeiros. (SUZUKI, 2022)

Nesse contexto, a existência de políticas públicas para a proteção de mulheres que viajam sozinhas é fundamental para garantir sua segurança e bem-estar. Essas políticas têm como objetivo reduzir os riscos de violência e abuso contra este público, oferecendo medidas de proteção e suporte para que elas possam se deslocar de forma segura e confortável.

Viajar sozinha é uma experiência enriquecedora e libertadora, mas infelizmente, as mulheres ainda enfrentam desafios e ameaças à sua segurança e direitos. No Brasil, existem leis e políticas públicas voltadas para a proteção de mulheres contra violência e discriminação, no entanto, ainda há muito a ser feito para garantir plenamente a segurança e os direitos das mulheres no país. De antemão, é importante frisar que a partir das pesquisas realizadas para a

construção deste fragmento, não foram encontradas leis ou políticas públicas direcionadas especificamente às viajantes solo, deste modo, serão exploradas a seguir algumas das leis e políticas públicas existentes no Brasil para proteger as mulheres de forma geral, podendo ser aplicadas pelas que viajam sozinhas.

A Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006 (BRASIL, 2006), nomeada por Lei Maria da Penha, cria mecanismos para prevenir e coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher e inclui uma série de medidas para prevenir e punir a violência doméstica, como: a ampliação da definição de violência doméstica para incluir não apenas violência física, mas também violência psicológica, sexual e patrimonial; a criação de juizados especializados para julgamento de crimes de violência doméstica; a ampliação das penas para crimes de violência doméstica; a possibilidade de prisão preventiva para acusados de violência doméstica; a criação de medidas protetivas, entre demais disposições. Ela foi nomeada em homenagem a Maria da Penha Maia Fernandes, que sobreviveu a duas tentativas de assassinato por parte de seu marido e lutou por mais de 20 anos para que ele fosse condenado pela Justiça (INSTITUTO MARIA DA PENHA, 2018).

A Lei nº 13.104, de 9 de março de 2015, intitulada Lei do Feminicídio, tipifica o feminicídio como um crime específico, com penas mais severas do que aquelas previstas para o homicídio comum. O feminicídio é definido pela lei como o assassinato de uma mulher por razões relacionadas ao gênero, ou seja, porque ela é mulher. Ela prevê que o feminicídio seja punido com pena de reclusão de 12 a 30 anos, além de outras medidas como a retirada do agressor do convívio familiar e o pagamento de indenização às vítimas e seus familiares. A lei também estabelece outras medidas para prevenir e combater a violência contra as mulheres, como a criação de centros de atendimento, a capacitação de profissionais para lidar com esses casos, e a atuação dos órgãos públicos para garantir a segurança das vítimas (BRASIL, 2015).

A Lei nº 12.845, de 1º de agosto de 2013 dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Ela estabelece as medidas de atendimento, proteção e prevenção às vítimas de violência sexual e estabelece a obrigatoriedade de criação de serviços de atendimento e apoio às vítimas em todos os estados e municípios do país. A lei também inclui medidas para garantir a segurança das vítimas, incluindo o sigilo do nome da vítima e o direito a um atendimento integral e gratuito (BRASIL, 2013).

A Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018, intitulada Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD), resguarda a todos os cidadãos o respeito à privacidade e a inviolabilidade da intimidade, da honra e da imagem, entre demais disposições. Ela garante que as mulheres tenham o direito de saber como seus dados pessoais são coletados, usados e compartilhados, e também estabelece medidas para proteger esses dados de usos indevidos ou abusivos (BRASIL, 2018).

A Central de Atendimento à Mulher, conhecida por “ligue 180” é um serviço de atendimento telefônico gratuito e confidencial criado pelo governo brasileiro, que funciona 24h no Brasil e em mais dezesseis países, para receber denúncias de violência contra as mulheres, atualmente. O objetivo é oferecer uma forma segura e anônima para que as mulheres possam denunciar casos de violência doméstica, sexual e qualquer outro tipo de violência de gênero. O serviço é operado pela Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos e conta com atendentes treinados para lidar com essas situações e encaminhar as denúncias para as autoridades competentes (BRASIL, s.d.).

Além disso, algumas cidades do país aderiram a programas de segurança específicos para mulheres em transporte público, como Criciúma - ES, que sancionou a Lei nº 6747, de 8 de julho de 2016, que dispõe sobre critérios para desembarque de mulheres fora da parada de ônibus em período noturno nos veículos de transporte coletivo do município (CRICIÚMA, 2016). E o Distrito Federal, que a partir da Lei nº 7.140, de 18 de maio de 2022, também adota a parada livre para desembarque de usuário do transporte coletivo no horário das 21 horas até as 6 horas (DISTRITO FEDERAL, 2022). No Rio de Janeiro, a Lei Estadual 7.250/16, garante vagões exclusivos para mulheres no sistema ferroviário e metroviário do estado (RIO DE JANEIRO, 2016).

Em síntese, a falta de proteção pode também limitar a capacidade das mulheres de viajar livremente e de participar plenamente da vida social e econômica. É importante que as mulheres tenham acesso a medidas de proteção adequadas, incluindo suporte e recursos para garantir sua segurança e bem-estar quando viajam sozinhas. Sendo assim, a existência de políticas públicas para a proteção de mulheres que viajam sozinhas é crucial para garantir o livre deslocamento do público feminino. Por isso, é importante que o governo continue investindo em tais políticas para garantir a segurança dessas mulheres e permitir que elas tenham acesso a transporte público seguro e confiável.

Por fim, é importante destacar que a existência de políticas públicas para a proteção de mulheres que viajam sozinhas é fundamental para promover a igualdade de gênero e combater a discriminação de gênero. A garantia de segurança dessas mulheres permite que elas tenham mais autonomia e liberdade para se deslocar e desempenhar suas atividades sem medo de violência ou abuso.

2.3. Possibilidades: Facilitadores Midiáticos

Pautado no grande potencial de distribuição de informações que a internet tem, o que se pretende analisar é como a mídia, através de sites, blogs, redes sociais e grupos, agem como facilitadores e até possibilitadores do deslocamento solo feminino.

É possível afirmar que todo o aparato tecnológico disponível atualmente é um dos fatores que influencia, ampara e impulsiona as mulheres viajantes solo, criando assim essa corrente social feminina e nicho de mercado para o turismo. Com o crescimento da demanda, estão surgindo agências criadas para trabalhar exatamente com esse público, alguns exemplos são: “Mulheres pelo Mundo”, “Woman Trip”, agência “Vamos”, entre outras. Também são criados diariamente muitos conteúdos online direcionados ao tema, assim como *blogs* de experiências e dicas. No *Instagram*, há diversas páginas direcionadas ao público feminino viajante, como também páginas pessoais onde mulheres compartilham suas experiências de viagens.

Sendo assim, existem inúmeros canais para se obter informações e até incentivo. Eles oferecem dicas práticas para a escolha de destinos, pontos turísticos, roteiros, dicas para a organização de malas, informações sobre os lugares, informações sobre mobilidade e acessibilidade, experiências, tempo de viagem, trajetos, entre outros temas de interesse. Além de relatos de experiências e opiniões, que ao vir de outra mulher, tendem a oferecer maior afago e segurança por identificação.

O Relatório de Visão Geral Global Digital de 2022, em sua décima edição publicada em parceria com as empresas americanas de dados We Are Social e Hootsuite, revela que 4,95 bilhões de pessoas são usuárias da internet em janeiro de 2022, sendo equivalente a 62,5% da população mundial. Fazendo uma análise com a década anterior, revelam ainda que esse número mais que dobrou, pois eram

2,18 bilhões de usuários no início de 2012. Além disso, o número de usuários globais de mídias sociais é de 4,62 bilhões, representando 58,4% da população total do mundo. A pesquisa indica que o número é 3,1 vezes maior que na década passada, quando eram 1,48 bilhão de usuários nas mídias sociais em 2012.

Se tratando de plataformas digitais mais utilizadas, a pesquisa indica que o *WhatsApp* lidera o ranking global, com 15,7% dos usuários de internet escolhendo o aplicativo de mensagens como sua plataforma social favorita, em segundo lugar está o *Instagram*, tendo sido indicado por 14,8% dos usuários, e o *Facebook* foi indicado por 14,5% dos usuários (KEMP, 2022). Em uma esfera nacional, o Digital 2022: Brasil indica que havia 171,5 milhões de usuários de mídia social no Brasil em janeiro de 2022, correspondendo a 79,9% de sua população (KEMP,2022).

A partir dos dados citados anteriormente, se torna possível afirmar que a internet e as redes sociais têm sido as principais ferramentas utilizadas pela sociedade a nível de informação, entretenimento e socialização. “Uma pesquisa da GWI revela que o usuário global “típico” da Internet agora gasta quase 7 horas por dia usando a Internet em todos os dispositivos” (KEMP,2022). Herschmann e Pereira (2002), afirmam que “o processo de valorização da informação tem forte impacto na maneira da sociedade se organizar e produzir” (HERSCHMANN; PEREIRA, 2022, p.32), desse modo, o desenvolvimento de ferramentas online como redes sociais, *blogs* e sites de viagens, direcionados a orientar, ajudar e principalmente reunir mulheres que planejam ou praticam a viagem solo, potencializa o aumento do número de mulheres que viajam sozinhas.

Um artigo publicado em celebração ao dia internacional da mulher pela Skyscanner em 2021, reúne perfis de *Instagram* de dez mulheres viajantes de todos os estilos. Tendo sido publicado ainda em período de isolamento pelo Covid-19, eles afirmam: “com as dicas e as fotos dessa mulherada, você com certeza vai se inspirar e sonhar com mais e mais viagens para quando pudermos cair na estrada novamente” (GERBASE, 2021).

Dentre as citadas pelo artigo está Gaía Passarelli (@gaiapassarelli), autora do livro “Mas você vai sozinha?”, um dos primeiros do gênero no Brasil, ela discorre com profundidade sobre ser uma viajante solo e compartilha em seu perfil conteúdos sobre o cotidiano e suas viagens pelo mundo; a segunda é Manoela (@escritoraviajante), que compartilha com seus seguidores como viajar com pouco dinheiro; a terceira indicada é Vovó Izaura (@voizaurademari), que na época da

pesquisa tinha 78 anos, compartilha dicas preciosas para quem quer viajar e seguir viajando em qualquer fase da vida; Patricia Schussel (@patchinpixels) é a quarta indicada, uma fotógrafa que viaja o mundo e inspira os fotógrafos amadores e mulheres viajantes a testar ângulos e criações diferentes; a quinta, Gabi Temer (@jujunatripblog) compartilha a experiência das viagens em família que realiza com seu marido e sua filha há 14 anos; Debbie Corrano (@debbiecorrano) é a sexta indicada pelo artigo, que já desbravou muitos países, sempre na companhia de seus cachorros, assim ela compartilha dicas de viagens, seja para quem vai levar pets ou não; A Fran e a Digli (@viajeiaqui) foram a sétima indicação, intituladas “Lésbicas, videomakers e viajantes”, as duas compartilham suas viagens e experiências com os seguidores; o perfil Mulheres que Viajam Sozinhas (@mulheresqueviajamsozinhas) também foi indicado, uma comunidade de mulheres criada para ser uma rede de apoios entre as viajantes; Claudia Saleh (@aprendizdeviajante_), a nona indicada, compartilha em seu perfil suas aventuras e viagens luxuosas; finalmente a décima indicada é Paula Augot (@nomundodapaula), brasileira residente em Hong Kong, viaja quase sempre sozinha e muitas vezes pela Ásia, em seu perfil ela relata como viajar sendo uma mulher negra.

Entendendo que o fenômeno das viagens solo femininas é um movimento de mulheres, em todos os âmbitos organizacionais a que cabe o processo de viajar sozinha, percebe-se que o pilar para esse movimento está na construção de uma forte relação, senão aliança, entre elas. Nesse contexto, o conceito da sororidade se encaixa como uma variável social possibilitadora. Segundo Perez (2004), “a palavra sororidade é derivada da irmandade entre as mulheres, percebendo-se como iguais que podem se aliar, compartilhar e, sobretudo, mudar sua realidade”, sendo a força que torna possível o alcance de mudanças sociais.

De acordo com Dominique Fougeyrollas-Schwebel, o termo sororidade teria surgido em meio aos Movimentos Feministas da década de 1970:

O movimento feminista participa dos movimentos antiautoritários e privilegia as formas mais espontâneas de manifestação, recusando toda organização hierárquica. Pertencer ao movimento representa a realização de uma nova ideologia, a pesquisa de sentidos e de valores comuns. A essa nova ideologia denominou-se "sororidade": Sisterhood is a Powerful (a sororidade é poderosa). (FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, 2009, p. 146).

Para a matéria “Sororidade : substantivo feminino”, publicada pelo O Globo, o termo seria utilizado para expressar empatia entre mulheres:

Um substantivo feminino ausente de dicionários clássicos de língua portuguesa vem sendo repetido com vigor entre jovens mulheres que militam pela igualdade de gênero. Disseminada em redes sociais, a palavra é salpicada em frases como “A sororidade pode salvar vidas”, “Sororidade gera sororidade” ou, ainda, “Estamos aqui umas pelas outras, isso é sororidade”. Numa definição corrente na internet, “sororidade” se refere a uma espécie de pacto entre mulheres relacionado às dimensões ética, política e prática do feminismo contemporâneo. Ou, simplesmente, uma aliança baseada na empatia e no companheirismo. (TINOCO, 2016)

Ao caracterizar a sororidade como um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade, que deseja transformar as relações de injustiça e dominação presentes na sociedade, Lagarde e De los Rios define:

A sororidade é a aliança feminista entre as mulheres. Sororidade (do latim soror, sororis, irmã, e -idade, relativo a, qualidade de; em francês, sororité, em italiano, sororità, em espanhol, sororidad e soridad, em inglês, sisterhood); enuncia os princípios éticos-políticos de paridade, ausência de hierarquia patriarcal, e relação paritária entre mulheres. Termos relativos: sororal, sorória, em sororidade. (LAGARDE; DE LOS RIOS, 2012, p 543).

Sendo uma política transgressora, a sororidade é uma referência ética e se reflete nas práticas sociais. Lagarde e De los Rios (2012, p. 549) trazem como os os princípios éticos da sororidade: Eliminar a misoginia pessoal e coletiva, não reproduzir formas de opressão entre as mulheres como discriminação, violência e exploração, entre outras; Promover a valorização individual e coletiva da mulher e eliminar a inferiorização de gênero; Reconhecer o valor e a autoridade da outra mulher e promover o valor e a autoridade coletiva e, portanto, a sua própria; Separar a autoridade do autoritarismo; Construir a auto-identidade e auto-estima de cada mulher como apoio da força pessoal, permitindo o reconhecimento dos outros sem sentir seu próprio demérito, experimentando autoridade sem autoritarismo e reconhecendo o valor e a autoridade do outro.

Em resumo, a partir da análise feita até este ponto, torna-se possível afirmar que a tecnologia advinda da internet colabora com a união de grupos minorizados, pois permite estreitar a distância geográfica, aproximando indivíduos em qualquer lugar, possibilitando ainda o compartilhamento de experiências e a percepção de semelhanças e diferenças. Ao observar vinte anos da relação das mulheres com seu direito à comunicação no Brasil, de 1995 a 2015, Nina Madsen (2015) afirma que é “um cenário de profundas e intensas mudanças – tecnológicas, sociais, relacionais – capazes de, ao mesmo tempo, romper e manter estereótipos e arraigadas desigualdades” (MADSEN, p. 3). A autora, ainda, afirma que nas redes sociais as mulheres alcançaram uma considerável amplificação da voz.

Por fim, é possível entender que existe uma evidente força advinda de laços criados pelo público feminino. A sororidade, nesse contexto, é tratada como um sentimento próprio que as mobiliza, isso estimula a constituição de um certo tipo de aliança entre mulheres viajantes, o que pode ser observado pela constituição de grupos *on-line* com a finalidade de reunir esse público oferecendo informações e apoio às demais.

3. MULHERES EM MOVIMENTO

A partir de todo aparato bibliográfico analisado nos dois capítulos anteriores, afirmando a proposta principal do presente trabalho, neste momento do texto serão apresentados a pesquisa, realizada em forma de entrevistas, assim como os dados coletados e a análise dos mesmos, em conformidade com os assuntos abordados até o momento. Da mesma forma, a metodologia utilizada para viabilizar tais resultados.

3.1. Métodos e técnicas

Bastos e Keller (1995, p. 53) definem: “A pesquisa científica é uma investigação metódica acerca de um determinado assunto com o objetivo de esclarecer aspectos em estudo”. Para a construção do presente trabalho, utilizou-se inicialmente o método de pesquisa teórica, a partir do levantamento e análise bibliográfica de obras relevantes já publicadas, sendo este o início de uma pesquisa científica. Para Andrade (2010, p. 25):

A pesquisa bibliográfica é habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monográficas não dispensam a pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nas pesquisas exploratórias, na delimitação do tema de um trabalho ou pesquisa, no desenvolvimento do assunto, nas citações, na apresentação das conclusões. (ANDRADE, 2010, p. 25).

Por ter caráter exploratório, foi utilizado, além do levantamento bibliográfico, o estudo de caso, através de entrevistas narrativas de cunho qualitativo, onde a coleta de dados foi feita a partir de uma amostra reduzida, mas de forma acentuada. É importante frisar que inicialmente a pesquisa seria quantitativa, a mudança gerou-se por entender que a fragilidade do tema pedia entrevistas mais profundas, onde fosse possível falar sobre experiências, não reproduzindo apenas um padrão

genérico. Nesse contexto, Minayo define a estrutura da pesquisa qualitativa da seguinte forma:

Sua matéria prima é composta por um conjunto de substantivos cujos sentidos se complementam: experiência, vivência, senso comum e ação. E o movimento que informa qualquer abordagem ou análise se baseia em três verbos: compreender, interpretar e dialetizar. (MINAYO, 2012, p. 622)

A autora continua, afirmando que o verbo compreender é a principal ação em pesquisa qualitativa, “compreender é exercer a capacidade de colocar-se no lugar do outro, tendo em vista que, como seres humanos, temos condições de exercitar esse entendimento” (MINAYO, 2012, p. 623). Em seguida traz elucidações que fundamentam a escolha de tal método para a presente pesquisa, onde afirma que para compreender é preciso levar em conta questões como a singularidade do indivíduo, sua experiência e vivência no âmbito de grupo e da coletividade ao qual pertence.

O público entrevistado foi definido e escolhido pela pesquisadora com base em seus objetivos de pesquisa, sendo feita uma busca por perfis no Instagram criados por mulheres, para mulheres. Páginas onde são compartilhadas vivências como mulher viajante solo, dicas de viagens, entre outros aspectos deste contexto. O convite para a entrevista foi feito ainda pela mesma plataforma, via direct, e as entrevistas foram aplicadas com o auxílio da plataforma Google Meet, onde foram feitas chamadas de vídeo individuais com duração média de uma hora a cada entrevistada. A transcrição das entrevistas se encontra em apêndice, assim como o termo de autorização para a gravação das mesmas.

As entrevistas foram de cunho narrativo, “esse tipo de entrevista visa encorajar e estimular o sujeito entrevistado a contar algo sobre algum acontecimento importante de sua vida e do contexto social” (Muylaert et al., 2014, p. 194). Assim, os assuntos são relatados livremente pelas entrevistadas, através de suas linguagens espontâneas, não havendo influência da investigadora. De acordo com Muylaert (et al. 2014), as entrevistas narrativas se revelam muito úteis em pesquisas qualitativas compromissadas com os relatos fiéis e com a originalidade das informações. Para a elaboração da entrevista, foi utilizado o método de roteiro semiestruturado, criando um fluxo natural à entrevista.

O uso do roteiro semiestruturado, desde que pré-testado e tendo o pesquisador prévio entendimento dos objetivos de cada pergunta, permite que a entrevista flua pela ordem do discurso do entrevistado, possibilitando que o entrevistador lance mão de seguir um roteiro estruturado que, em geral, quebra a naturalidade e cria imposições restritivas tanto ao

pesquisador como ao próprio sujeito da pesquisa. Ainda assim, a diretividade de cada pergunta aponta para um foco, o que limita o sujeito a responder dentro de um campo associativo bastante definido e previamente delimitado pelo próprio pesquisador. (MUYLAERT et al., 2014, p.197)

O roteiro foi dividido em quatro blocos, onde foram desenvolvidas doze perguntas, o mesmo se encontra anexo ao presente trabalho. O primeiro bloco foi direcionado à apresentação geral da entrevistadora e da entrevistada, além de uma questão introdutória ao assunto a ser tratado, a fim de trazer uma proximidade inicial. O segundo bloco trata-se de questões relacionadas ao uso das redes sociais pelas entrevistadas, trazendo o foco para suas motivações e experiências quanto criadoras e consumidoras de conteúdos direcionados ao público feminino viajante solo. O terceiro bloco trata de questões mais delicadas, com foco nas inseguranças e medos que uma mulher que viaja sozinha pode enfrentar durante sua jornada, além de tratar também sobre cuidados e estratégias que as mantêm seguras. O quarto e último bloco de perguntas trata de segurança e recomendações e mudanças pessoais a partir de suas viagens.

3.2. Medo x liberdade: Análise dos dados coletados

Definido o público alvo entrevistado, para que a pesquisa obtivesse uma análise mais profunda possível sobre seu tema central, ficou estabelecido que seria realizado uma entrevista de cunho narrativo com no mínimo duas e no máximo quatro mulheres. O perfil traçado para a busca das entrevistadas seguiu critérios baseados em algumas características, como ser mulher, ter experiências em viagens solo o suficiente para aprofundar o assunto com propriedade e ter um perfil no Instagram para compartilhamento e troca dessas experiências com outras mulheres. A entrevista foi realizada com três mulheres, tendo duração de em média uma hora cada.

3.2.1. Bloco 1 - Apresentação

A primeira entrevista, realizada em 25 de janeiro de 2023, foi com Camille Carboni, jornalista de 25 anos, solteira, que mora em São Paulo capital. Trabalha atualmente com comunicação corporativa, mas utiliza seu blog e suas redes sociais como uma forma de se manter próxima da criação de conteúdo, o que a aproxima também de sua profissão de formação. Seu instagram (@camillepelomundo) soma

3.218 seguidores, além disso, ela também mantém atualizado seu blog “Camille Pelo Mundo”, e seu canal no YouTube.

Segundo Camille (2023), seu primeiro contato com a viagem solo foi aos 16 anos, durante um curto intercâmbio de idiomas.

Aquilo pra mim foi muito impactante porque eu de fato eu estava sozinha na parte da viagem. Então eu tive que me virar sozinha no aeroporto, passar por 16 horas de viagem de avião sozinha, fazer todos os trâmites de imigração, me localizar sozinha antes de eu chegar de fato no destino.(CAMILLE, 2023).

Em sua família, desde criança Camille era a única que tinha o desejo de viajar e conhecer o mundo, o que não era prioridade para seus pais, “Eu queria tanto viajar, eu queria tanto fazer esse intercâmbio, conhecer outros lugares, outros países, outras línguas, que a parte de estar sozinha era um pouco secundário” (CAMILLE, 2023).

A sensação de independência que esse intercâmbio trouxe foi o principal motivador para viagens futuras, “Eu acho que o mais importante pra mim foi perceber que eu não precisava esperar ninguém pra viajar, que se eu tivesse oportunidade, se eu tivesse dinheiro, tempo, eu poderia ir” (CAMILLE, 2023). Suas próximas viagens foram em companhia de principalmente sua mãe e sua irmã, até que, aos 21 anos ela decidiu se aventurar sozinha novamente, quando, após organizarem tudo para o próximo destino, suas companheiras não podiam mais ir, “Eu não fiquei muito tempo pensando o que eu ia fazer, na verdade, na minha cabeça já estava muito claro que se elas não pudessem ir, eu ia de qualquer jeito” (CAMILLE, 2023). Ela mudou o roteiro, e define essa como sua primeira viagem solo por lazer. Camille afirma ainda que um de seus maiores erros nessa viagem foi não ter buscado depoimentos e experiências de outras mulheres antes de ir, “Com certeza isso teria me ajudado a ficar mais tranquila” (CAMILLE, 2023). Diz também que nem tudo foi maravilhoso, “Eu tive algumas crises de ansiedade nessa viagem, eu demorei um pouquinho pra parar de sentir culpa por viajar sozinha” (CAMILLE, 2023).

Por fim, ela terminou sua viagem extremamente satisfeita, “Foi maravilhoso, foi a primeira viagem que eu fiz com meu próprio dinheiro [...] então é uma sensação muito boa” (CAMILLE, 2023). Sobre sua relação com a viagem solo, ela define: “Eu quero viajar, então se não tiver ninguém para ir comigo, eu não posso ficar a minha

vida inteira esperando pela disponibilidade de outras pessoas. Então eu vou.” (CAMILLE, 2023).

A segunda entrevista foi realizada no dia 31 de janeiro de 2023 com Jocelaine de Araújo, Engenheira Florestal de 38 anos, casada, que reside atualmente no interior de São Paulo, mas já morou em quatro estados brasileiros e três outros países estrangeiros. Jocelaine trabalhou por 14 anos com colheita florestal, área que define ser a mais masculina de toda a rede florestal, “trabalhei 95% do tempo com 99% de homens”(JOCELAINE, 2023). Ela acredita que o fato de sua profissão exigir tantas mudanças foi um facilitador em sua decisão de começar a viajar sozinha. Seu perfil no Instagram (@joceviaja) tem 104 mil seguidores, e seu canal no YouTube tem 343 inscritos.

A decisão de viajar sozinha aconteceu quando em 2012 Jocelaine queria viajar para Fernando de Noronha, mas não encontrava companhia, “Eu perguntei para todo mundo que eu conhecia, para minhas irmãs e para amigos e para... E tipo, eu estava quase implorando para as pessoas viajarem comigo e ninguém... Ninguém queria, ninguém podia.” (JOCELAINE, 2023). Nessa primeira experiência, ela já havia decidido viajar sozinha, comprou um pacote de viagem pois ainda não sabia como organizá-la, mas por fim conseguiu a companhia de uma amiga.

Em 2013 Jocelaine foi impulsionada pelo desejo de conhecer a neve, mas dessa vez decidiu que não procuraria companhia, “Eu não vou passar pelo que eu passei no ano passado, e agora eu não quero a companhia de ninguém, eu vou sozinha” (JOCELAINE, 2023). Mesmo estando naquele momento há 8 anos fora de sua cidade natal, sua decisão foi um choque para sua família e principalmente para sua mãe, “Na época ela ficou muito brava, ela não queria que eu fosse” (JOCELAINE, 2023), ainda assim ela continuou com sua decisão inicial, comprou um Smartphone como exigência de sua mãe para terem um melhor contato e foi viajar.

Sua motivação inicial era principalmente não ter a necessidade de implorar por companhia. Na época ela não falava ou entendia outras línguas e este foi seu primeiro choque cultural, “Chegando lá, eu fui comer um lanchinho, e aí eu não entendi o que o garçom falava, o garçom não me entendia, e aí que caiu a realidade pra mim.” (JOCELAINE, 2023). A viagem seguiu com mais alguns perrengues, por um desentendimento de horários, Jocelaine foi esquecida no aeroporto pela equipe do hotel, que deveria buscá-la, “Eu fiquei lá parada no aeroporto, ninguém mais no

aeroporto, e eu assim... E agora?” (JOCELAINE, 2023). No hotel, Jocelaine passou por uma situação que define como “quase abuso”, em que um grupo de brasileiros que ela conheceu naquele momento tentou invadir seu quarto de madrugada, “Eu acordei três horas da manhã com a minha porta sendo chutada, esmurrada. E eu acordei, eu falei, meu Deus, e agora?” (JOCELAINE, 2023).

Ainda assim, Jocelaine deu continuidade em sua viagem, que terminou bem sucedida, e continuou planejando as próximas, “Eu não tive, assim, uma preparação pra ir, eu não fiquei pensando se alguma coisa desse errado, né? Não, mas depois eu voltei e eu falei, bom, então agora eu tenho que começar a planejar melhor as coisas” (JOCELAINE, 2023). Ela define que a viagem solo foi o que trouxe sensações de independência e liberdade a ela.

A terceira entrevista aconteceu no dia 01 de fevereiro de 2023, com Flavia Goulart, graduada em turismo e em direito, tem 37 anos, é solteira, e mora na cidade do Rio de Janeiro. Sua ocupação atual foi denominada por ela como blogueira de viagens. Flavia já viajou por 34 países e compartilha suas experiências em seus três perfis no instagram direcionados ao público de mulheres viajantes solo. Em seu primeiro perfil (@allweneedstravel.br), ligado ao seu blog intitulado “All We Need Is Travel”, Flavia tem 49,3 mil seguidores. Em suas redes, ela oferece e-books gratuitos e cursos. Autora de um livro, “Tô indo viajar sozinha”, tem no perfil destinado a ele (@toindoviajarsozinha) mais 51,4 mil seguidores, e também o perfil de sua marca de camisetas denominadas “blusinhas de viagem”, 597 seguidores. Além disso, seu canal no Youtube tem 3 mil inscritos.

Flavia teve seu primeiro contato com a viagem solo quando trabalhou em um hostel e conheceu a experiência através de outros viajantes, “Eu via algumas mulheres, principalmente gringas, nessa época eu não via mulher brasileira nenhuma viajando sozinha, eram todas gringas. Então, querendo ou não, elas foram a minha inspiração, né?” (FLAVIA, 2023). A partir disso ela decidiu fazer um intercâmbio em 2008, no qual tinha a intenção de fazer um mochilão com uma amiga. Quando sua companhia cancelou a viagem, ela precisou buscar novas alternativas, “Eu queria tipo, fazer um mochilão de, sei lá, três meses e tal, e como ela não ia, eu falei, cara, eu quero muito ter essa experiência, e aí eu encarei a realidade, que eu falei, cara, eu preciso viajar sozinha” (FLAVIA, 2023).

Durante seu mochilão solo, Flavia afirma: “Um novo mundo se abriu pra mim” (FLAVIA, 2023), segundo ela, desde nova já tinha afinidade com a solidão e tinha o

costume de fazer coisas como ir à praia sozinha, e por isso, a viagem solo seria o melhor estilo de viagem para ela.

3.2.2. Bloco 2 - Redes Sociais

A primeira pergunta direcionada ao uso das redes sociais e consumo de conteúdos voltados para as mulheres que viajam sozinhas foi: “Qual foi sua principal motivação ao criar uma rede social voltada para o compartilhamento de suas experiências como viajante solo?”.

Ao criar seu blog, em 2015, Camille tratava o assunto de viagens de forma geral, “Na época eu viajava super pouco, mas eu sempre tive vontade de manter registro disso, de compartilhar um pouco o que eu fazia” (CAMILLE, 2023). Seu Instagram inicialmente também foi criado apenas para o compartilhamento de fotos de suas viagens, “Aos poucos ele foi tomando esse formato de Instagram de viagem, de fato. Eu postava muito sobre as viagens que eu estava fazendo, mas sem um nicho específico” (CAMILLE, 2023). Só em 2020, em meio à pandemia, Camille percebeu que todas as vezes que mencionava o fato de que viajava sozinha, atraía um público com curiosidades sobre o tema, e foi assim que definiu que esse seria seu tema principal.

Então eu comecei a fazer isso com a ideia de ajudar outras mulheres que queriam viajar sozinhas, não sabiam como, tinham dúvidas, muito pelo feedback que eu recebia quando falava um pouco sobre isso. Mas você começa a ter um impacto na vida das pessoas, que você não imagina no começo. Então eu começava a receber DMs, tipo “eu fiz minha primeira viagem sozinha por sua causa”, de pessoas que eu nunca nem tinha visto comentarem, curtirem, falarem comigo. Eu falo “meu Deus do céu, eu sou minúscula, não tenho nem mil seguidores e estou ajudando pessoas a viajar sozinhas. Elas estão super felizes e estão falando que minhas dicas são úteis”. Então foi muito incrível ter essa experiência e essa troca, porque eu comecei também a conversar com muitas outras pessoas no Instagram, então é muito legal você ter essa troca, tanto com outros produtores de conteúdo, quanto com pessoas que estão ali só para consumir esse conteúdo.(CAMILLE, 2023).

Para Flavia, o início como influenciadora de viagens surgiu de forma natural, “Eu inspirava algumas amigas no offline, mas para mim aquilo era muito natural” (FLAVIA, 2023). Seu primeiro Instagram direcionado à viagem foi o “All We Need Is Travel”, segundo ela, o perfil não foi criado com a intenção de atingir o público feminino ou falar de viagem solo, mas com o decorrer do tempo seguiu esse rumo.

No início era muito hobby, eu não tinha ideia de virar a minha profissão. Até porque eu estava na faculdade de Direito nessa época. E aí, eu abri o Instagram para falar sobre isso, mas como eu viajava sozinha e já tinha tido experiência, eu acabava falando sobre isso, né? E aí, eu comecei a

responder um monte de mulheres, que elas perguntavam, "Ué, mas você vai sozinha? Mas como é que você faz isso? Você tira foto como? Você não tem medo? E a segurança?". E aí eu comecei a falar "Cara, tem muita dúvida", e aquilo me chamou a atenção, e aí eu lembro que eu comecei a ter uma ideia de falar assim "Cara, eu preciso começar a falar mais sobre isso". Então eu comecei a fazer posts sobre isso, e até um dia que eu tive a ideia de escrever um ebook sobre isso, com as dicas todas, condensar tudo, que foi o meu livro, né? (FLAVIA, 2023)

Por não tratar ainda de um nicho específico dentro das viagens, Flavia decidiu criar um Instagram que seria utilizado apenas para a divulgação do livro, no qual ela começou a produzir mais alguns conteúdos de viagem solo feminina para chamar atenção do público. Posteriormente esta se tornou sua página principal, direcionada às mulheres que viajam sozinhas.

E aí eu tive que ir além da viagem, né? Porque aí você começa a tratar disso, de solitude, de se valorizar, a própria companhia, de autoestima, de empoderamento de mulher, de tudo relacionado ao autodesenvolvimento, ao conhecimento. Então, foi meio que por acaso e a partir de uma identificação a identificação dessa necessidade que as mulheres tinham de ter alguém que inspirava, mas ao mesmo tempo que contava suas experiências e tiravam suas dúvidas e que chegavam junto ali para falar "não, vamos embora".(FLAVIA, 2023)

Para Jocelaine, o início nas redes sociais foi apenas para compartilhar as fotos de suas viagens e seguir perfis relacionados.

Eu sempre quis postar foto de todas as minhas viagens e reflexão de viagem, então, o meu Instagram sempre foi isso, com reflexão, foto. Tanto que eu nem, até hoje, não sigo toda a minha família, não sigo todos os meus amigos. Eu sempre falei "Gente, Instagram pra mim é pra ver coisa de viagem". (JOCELAINE, 2023)

Com o tempo ela começou a profissionalizar seu perfil e decidiu falar das duas atividades que ela mais exerce: viagem solo e viagem econômica. Não sendo possível separar os dois temas, por ser a realidade da maioria de suas viagens, Jocelaine decidiu falar sobre como viajar sozinha gastando pouco, e diz que uma de suas missões de vida é influenciar cada vez mais mulheres a viajarem sozinhas.

E aí, enfim, eu comecei a dar essas dicas, mas assim, qual o motivo mesmo? Porque o que eu quero, né? Uma das minhas missões de vida é que mais mulheres viajem sozinhas, e não é só viajar sozinha para ir viajar sozinha, para passear, para se divertir, não. É pelo poder da transformação que uma viagem sozinha pode ter para uma mulher. Ainda mais num mundo que a gente vive com tanto relacionamento abusivo, né? Com tanta mulher que tem autoestima baixa, não se sente capaz, não se sente suficiente, não se sente independente, não se sente... Tem tanta mulher que se acha tão abaixo do que ela é, e uma viagem sozinha acaba despertando muito... Tudo que ela tem de bom, né? Tudo que ela pode fazer. (JOCELAINE, 2023)

É interessante ressaltar que nenhuma das três entrevistadas perceberam inicialmente que suas experiências em viagem solo era algo grandioso. Nenhuma

delas, mesmo exercendo a atividade, entendia que deveria ser esse seu nicho de trabalho na internet. Além disso, é importante frisar o fato de que todas começaram a falar sobre o tema com o intuito de ajudar outras mulheres, e não visando lucro, assim como a responsabilidade e preocupação que elas têm com o emocional da mulher na hora de produzir seus conteúdos. Assim, expressando de forma orgânica a sororidade entre as mulheres, termo destacado anteriormente, definido por Lagarde e De los Rios (2012) como um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade entre elas. Tal sentimento é expresso por Flavia quando questionada sobre como é a experiência de compartilhar suas vivências na internet com outras mulheres.

Você tem que ter noção de que você está contribuindo não só para a viagem, mas para a vida. Porque é o que eu sempre falo, você tomar consciência de como você vai extrapolar para a sua vida. Não vai ficar só na viagem solo, você vai olhar para a sua companhia, você vai se valorizar, você vai escolher melhor os relacionamentos, porque você se sente bem sozinha. A gente sabe que a mulher muitas vezes acaba ficando num relacionamento porque ela não quer ficar sozinha. A partir do momento que você identifica que está tudo bem estar sozinha, você não se sujeita a muitas coisas. Então, isso para mim, até me arrepio de falar, porque é uma coisa que me toca muito. A experiência de compartilhar é incrível, porque realmente você se sente transformando e ajudando muitas mulheres e até contribuindo um pouco para mudar um pouquinho essa sociedade, sabe? Eu não sou uma influência de um milhão de seguidores, mas assim, eu consigo influenciar algumas mulheres e isso, pô, isso para mim tem um valor assim inestimável, né? Então, é uma coisa que eu gosto, tanto que eu acabei largando meu outro Instagram inicial para acabar focando nisso, porque é o que toca mais no meu coração, não tem jeito, então, é incrível essa experiência. (FLAVIA, 2023)

Demonstrando a mesma preocupação, Camille foca na parte inspiracional no momento de criar seus conteúdos.

Mas tem uma outra parte, que é muito importante, que é inspiracional. Então eu tento balancear esses conteúdos para trazer textos, vídeos, que inspirem as pessoas e que também fazem com que elas se sintam acolhidas no sentimento delas. Então, assim, 90% das mulheres vai ter medo de viajar sozinha, então quando eu viro para elas e falo que eu viajo há 10 anos sozinha, e mesmo assim eu ainda sinto medo, ainda fico antes das viagens "Meu Deus, será que eu estou fazendo a coisa certa, será que eu escolhi o lugar certo? Será que eu não estou sendo completamente doida?" faz com que elas falem "Não, beleza, é normal você sentir isso, ela também sentiu isso, ela vai, ela gosta, então tudo bem se eu for também". (CAMILLE, 2023)

Quando questionadas sobre quais seriam as principais informações que elas procuram trazer para as seguidoras quando conhecem um novo lugar, as respostas seguiram a mesma linha: informações práticas, planejamento, dicas de segurança e roteiros.

Quando eu conheço um novo lugar, eu falo muito sobre planejamento, eu tenho muito esse background aí, não só porque eu formei em turismo, mas também porque eu trabalhei muitos anos em agência e também uma coisa que eu identifiquei é que o planejamento é muito a base da segurança para uma viagem. (FLAVIA, 2023).

O planejamento foi citado por todas as entrevistadas como o ponto crucial para a realização de uma viagem solo, segundo elas, quanto menos imprevistos você tiver que superar estando sozinha em algum lugar, melhor. E por isso o planejamento prévio é de extrema importância.

Sobre as informações e dicas práticas, Camille cita algumas das que compartilha em suas redes sociais:

Então quando eu falo, hoje em dia, sobre viajar sozinha, eu quero muitas vezes mostrar o lado técnico, o lado prático de você fazer uma viagem sozinha. Então, por exemplo, nos meus stories eu vou mostrar muito do dia a dia da viagem, então mostrar os lugares, pontos turísticos, roteiro, o que eu fiz e tudo mais, lugares onde eu fui, restaurante. Agora no feed eu tento trazer mais informações que vão ser úteis para viajar sozinha especificamente. Então, assim, como é esse lugar para uma mulher sozinha? Se você chegar sozinha nesse aeroporto, o que você faz para sair dele? Quais são as regiões mais seguras para você se hospedar? Como é a experiência de você turistar especificamente nessa região? Quais são os cuidados para você tomar naquele lugar? Como as pessoas vão te tratar quando percebem que você está sozinha? Você fala que você está sozinha ou você não está? Então, eu busco muito essa parte mais técnica quando eu falo especificamente das viagens em si que eu faço. (CAMILLE, 2023)

A próxima pergunta, ainda relacionada às redes sociais e internet, foi: “Como você define a importância de grupos virtuais, agências, hospedagens e roteiros voltados para o público feminino?”. Jocelaine iniciou relatando um pouco de seu sentimento em receber feedbacks de outras mulheres motivadas por sua página no Instagram.

Porque tem muita mulher que vem falar comigo e eu estava até tentando pensar se eu conseguia reunir quantas já me falaram que eu motivei, que viajou sozinha por ver meus vídeos, por ver eu falando. E, nossa, Isabella, eu não tenho noção, mas assim, foram talvez dezenas ou centenas, foram muitas. Então, assim, o fato de elas verem, né, motiva, né? E eu fico feliz, né? Tem algumas que às vezes nem fala comigo antes, fala depois que foi “Ah, eu vi seus vídeos e tal”, aí eu olho e falo “Gente, a gente nunca conversou antes e eu motivei ela e ela foi fazer a viagem sozinha por mim”, né? Então, eu acho muito legal. (JOCELAINE, 2023)

Flavia entende que qualquer incentivo para que a mulher sinta a segurança de realizar uma viagem solo é extremamente necessário, e é assim que ela enxerga os grupos e agências que promovem excursões para as mulheres.

Olha, eu acho muito legal ter esse incentivador, porque tudo vai fazer parte do incentivo. Então, por exemplo, esses grupos, que eu acho que são esses grupos que você está falando de viagem, que a galera junta e tal. E claro, eu falo sobre viajar sozinha, mas é sempre uma coisa que eu gosto

de falar também. Porque muita mulher pergunta, "Flavia, mas viajar de excursão é viajar sozinha?" E eu falo, gente, é. Porque você vai ter que fazer aquele movimento de ir sozinha, de fazer amigos, de sair da sua casa sozinha e pegar o seu táxi, seu ônibus. Então, isso é um movimento, né? Então, por mais que não seja aquela viagem solo clássica, de você fazer tudo, organizar tudo, é assim que você dá os primeiros passos. Então, ter grupos voltados para isso vão auxiliar a mulher nesse processo. (FLAVIA, 2023)

Em concordância, Camille (2023) afirma: "Extremamente importantes. Quando você tem ideia de ir para um lugar, você quer ir para o lugar, você pesquisa e descobre que outras mulheres já foram para lá sozinhas, isso te dá uma tranquilidade enorme. Você fala "nossa, é possível". Em continuidade, ela fala um pouco sobre a responsabilidade com a influência virtual.

Mas eu acho que... A gente precisa tomar um pouco de cuidado também com grupos. Então eu participo de vários grupos no Facebook de mulheres que viajam sozinhas, e muita gente não tem responsabilidade sobre o que fala, porque acha que é só uma rede social tá ali compartilhando informação e tudo mais. E tem muita gente desesperada, tem muita gente que não tem experiência com viagens, mas acha que tem. Então, assim, eu vejo muitas coisas que eu falo "Meu Deus do céu, eu não quero nunca que minhas seguidoras leiam isso, achem que é isso que é pra fazer". (CAMILLE, 2023)

A importância em se ter responsabilidade com a produção de conteúdos, ou até mesmo com comentários e opiniões que são compartilhadas na internet, foi um assunto levantado por todas quando perguntado "Como o depoimento de outras mulheres impactam suas escolhas para viagens?", mesmo que este não tenha sido um ponto sequer mencionado pela entrevistadora.

Camille (2023) inicia afirmando: "Eu sou jornalista, então eu entendo a necessidade de você tentar ser o mais imparcial possível, você ser objetivo, de você entender qual é o impacto daquela informação pra pessoa que vai receber aquilo", e em dado momento fala sobre o impacto de vídeos virais do Tiktok, nos quais algumas viajantes contam situações em viagens, dão opiniões, ou contam vivências de forma exagerada e irresponsável.

Começaram a aparecer muitos vídeos no TikTok de mulheres falando que quase foram traficadas viajando sozinhas, "Ah, eu quase fui traficada em Paris", Não, você não foi quase traficada em Paris, meu anjo, não faz o menor sentido isso. E aí você vê que é porque tinha um grupo de homens com fenótipo árabe ao redor dela, "Moça, é só o seu preconceito, você não foi quase traficada". E eu comecei a receber muitas mensagens falando "é perigoso ir para Paris? É perigoso ir para a Europa? Porque falam que as mulheres são traficadas". Gente, tão criando uma paranoia e um medo completamente desnecessário nas pessoas. (CAMILLE, 2023)

Em complemento, Flavia também compartilha o seu descontentamento com a criação desse tipo de conteúdo.

Porque, cara, a mulher já tem vários empecilhos. Ela tem ela mesma falando que vai ser perigoso, ela tem a sociedade falando que é perigoso, a família dela fala que é perigoso, aí chega um monte de vídeo no TikTok falando que é perigoso. Então, assim, eu acho que tem muitos conteúdos que fazem o contrário, né? Então, eu tento fazer o meu conteúdo e consumo o conteúdo de mulheres que fazem o contrário. Que, claro, com responsabilidade, falar sobre os destinos, mas de abrir os olhos e falar, cara, eu não vou ficar tolhida, a gente já é tolhida demais pela sociedade. (FLAVIA, 2023)

Jocelaine compartilha da mesma opinião. Afirma ainda que ela acompanha e é influenciada sim pela experiência de outras mulheres, no entanto, não se deixa levar por rejeições extremas, por isso está constantemente se questionando e procurando mais informações sobre os destinos.

Porque às vezes eu não levo em consideração nenhuma uma mulher que vira para mim e fala "Ai, é perigoso viajar para o Egito sozinha. Tipo, eu escuto, realmente é complicado viajar para o Egito sozinha., mas se alguém falar assim, aí eu até escuto, né? Mas se alguém falar assim "Não vá para o Egito sozinha, não vá para a Arábia Saudita sozinha", eu falo "Por quê?". (JOCELAINE, 2023)

Ela continua afirmando que não aceita mais que mulheres ainda sejam limitadas, "Então, assim, qualquer pensamento de "Ah, a mulher, ela tá limitada em tal lugar" que pra mim não cola mais" (JOCELAINE, 2023), e compartilha uma de suas inspirações como mulher que viaja sozinha, "Eu sempre cito a "Viaje Sem Limites", que é a Nataly. Por quê? Ela é mulher, ela é negra, e ela tá viajando sozinha por todos os países do mundo, com um baixíssimo orçamento" (JOCELAINE).

Analisar este fragmento é importante porque a hipótese que se tinha inicialmente sobre a pergunta "Como o depoimento de outras mulheres impactam suas escolhas para viagem?", era de que fossem haver apenas respostas positivas, em que toda e qualquer opinião seria validada. Os apontamentos levantados pelas entrevistadas nos traz a realidade de que tudo deve ser analisado mais profundamente, uma opinião apenas não pode ser tomada como verdade absoluta, principalmente quando expressa na internet. É interessante ressaltar também o quanto as experiências e opiniões de cada pessoa são influenciadas por suas crenças e preconceitos, reforçando assim a ideia de que é sempre necessário filtrar as informações ofertadas.

3.2.3. Bloco 3 - Inseguranças

Iniciando o bloco no qual trataremos sobre as inseguranças da viajante solo, a primeira pergunta foi: “Você sente alguma pressão estrutural quanto à sua decisão de viajar sozinha?”. O interessante a se analisar neste tópico é que a forma como todas as entrevistadas tomaram para si o movimento de viajar sozinhas, e como a segurança com que tratam desta prática desde quando decidiram fazer a primeira viagem solo, faz com que as pessoas mais próximas não se surpreendam e a opinião dos demais não impacte na vida delas, como afirma Jocelaine (2023), “Ah, hoje não mais. E também porque quem me conhece não tem mais coragem de falar mais nada para mim. Mas antigamente o que se escutava muito era "Nossa, você é muito corajosa", "Nossa, você é doida". Camille compartilha do mesmo sentimento.

A opinião geral das pessoas sobre estar bem com a sua própria companhia não é algo que me afeta muito. Então sempre tem gente que fala "nossa, mas é impossível ser feliz sozinha, é impossível você gostar de fazer alguma coisa quando você tá sozinha" Eu sei que não é, minha experiência de vida inteira me mostra que não, é completamente possível. Então, quando elas falam isso, definitivamente não me afeta. (CAMILLE, 2023)

Ainda assim, elas comentam sobre opiniões que são expressas a elas por meio das redes sociais. Em relação a isso, Flavia fala sobre um vídeo de seu canal no Youtube.

Se você quiser, eu te mando um vídeo no meu YouTube. Depois, lê os comentários para você ver, pode até te ajudar na parte do machismo, porque é um vídeo que, eu não sei o que aconteceu com o algoritmo, que ele mandou para um monte de homem. Então, assim, é um monte de homem falando muita merda de mulher que viaja sozinha, mesmo namorando ou num relacionamento. (FLAVIA, 2023)

Sabe-se que o preconceito não existe apenas nos ambientes virtuais, mas é onde ele mais tem sido exposto ultimamente, sem filtro algum. Camile também fala sobre como nas redes sociais o preconceito das pessoas é estampado a partir de seus comentários.

Eu nunca passei por situações de pessoas próximas que virassem pra mim e falassem algo ruim sobre eu viajar sozinha. Acontece com comentário, no TikTok, no Instagram, gente me chamando de doida, falando que é triste. [...] Então aí às vezes você lê comentários, às vezes em vídeos, em posts que não são nem seus, que não são nem do meu perfil, são de outras mulheres. E aí você começa a ter uma percepção melhor de o que muitas pessoas veem quando elas enxergam uma mulher viajando sozinha. (CAMILLE, 2023)

Seguindo essa linha, foi perguntado a elas se já haviam sofrido algum tipo de constrangimento, medo ou assédio em viagem solo, e infelizmente todas as três já passaram por situações desagradáveis.

Camille conta que foi seguida por um homem no Chile, mas em todo momento o foco de sua narrativa foi sobre a resolução da situação, e não sobre a situação em si. Em relação a isso, ela ainda afirma que não seria a primeira e nem última vez que seria seguida, “Então eu sabia que eu não ia deixar aquilo acabar com a minha vida, a minha viagem” (CAMILLE,2023). Ela ainda comenta sobre a importância de saber como lidar com essas situações:

Mas eu tinha um plano, um plano estruturado do que eu ia fazer se eu visse aquele homem de novo, se ele tentasse fazer alguma coisa mais séria. Essa preparação, uma coisa que eu sempre falo também, de você ter esse sangue frio de entender o que você precisa fazer para você não surtar no primeiro momento se esse tipo de coisa acontecer. E medo, eu já senti medo nessa situação, obviamente, uma pessoa te seguindo não é nem um pouco legal. (CAMILLE, 2023)

Ainda em relação às situações de medo e assédio, Flavia conta que durante uma viagem de trem que faria da Bulgária para a Sérvia, descobriu a necessidade de visto para entrar no próximo destino, e por não possuir foi retirada do trem na fronteira, “Então para no meio do nada, do nada, assim, da fronteira da Sérvia com a Bulgária. Então, assim, não tinha nada, eu fui parada e falaram que eu ia me deportar, mas até você tem que esperar um trem pra voltar”. Ela conta que nesse momento ficou na fronteira apenas com policiais homens com quem ela não conseguia se comunicar e sentiu medo, mas o sufoco maior aconteceu durante a volta para a Bulgária.

Esperaram um trem passar de volta pra Bulgária e me botaram. E aí esses trens ali do leste europeu, eles são tipo... Não é aquelas fileirinhas igual ônibus, é tipo cabines assim né, e dois sofazinhos. E eles me botaram num que tinha três homens mais velhos. E me beijaram, me davam beijo na bochecha e fizeram um símbolo, a gente não conseguia se comunicar, falando que queriam fazer sexo. E aí, eu fiquei tensa, eram duas horas de viagem, mas assim, eles não fizeram nada comigo, a não ser me tocar, assim, e tal. (FLAVIA,2023)

Assim como Camille, Flavia conta que não demonstrou fraqueza durante o acontecimento, mas que desabou logo após, “Depois eu cheguei e dormi chorando, aquele choro que você chora, chora, chora, chora, porque na hora você não consegue chorar. Você precisa se manter ali forte para você tomar as decisões, né?” (FLAVIA, 2023). Ela demonstra sua força novamente quando afirma que o acontecimento não fez com que ela desistisse de sua viagem, “No dia seguinte, eu falei, olha, eu não vou deixar isso abalar minha viagem, que é uma viagem incrível, ainda tem vários dias pela frente.” (FLAVIA,2023).

Elas ainda acabam relacionando a forma que lidam com as situações delicadas que já viveram como viajantes solo, com o fato de serem brasileiras. Camille, quando fala a respeito dessas situações, afirma, “Nada muito diferente do que eu passaria, do que eu passo andando sozinha em São Paulo indo trabalhar, viver”, e Jocelaine demonstra que compartilha do mesmo sentimento, “Então assim, você tá no Brasil você nunca se sente 100% seguro de fazer qualquer coisa”. Para complementar, Flavia demonstra sua revolta quanto ao assédio que a mulher brasileira sofre em seu dia a dia.

Em dezembro, eu passei 20 dias nos Estados Unidos. E, cara, eu chego no Brasil, eu fico revoltada com os assédios que a gente sofre. Tipo, sério, eu fico, tipo, duas semanas muito... Muito... Desculpa, muito revoltada com o que a gente tem que passar aqui, sabe? Porque você não sente isso lá fora. E isso acaba que prejudica as mulheres que querem viajar pra fora, porque elas colocam na cabeça delas a referência que a gente tem do Brasil. E geralmente, na maior parte do mundo, você vai estar muito mais tranquilo lá fora do que aqui. São assédios, estupros e tudo mais.

Mais adiante, foi perguntado se elas se sentem seguras viajando no território brasileiro, elas concordam que a língua nativa facilita muito, mas se tratando de segurança, preferem viajar para o exterior, “Eu acho que é mais fácil para a gente, mulher, viajar para o exterior sozinha. É mais seguro, né? É mais fácil” (JOCELAINE, 2023). Camille ainda complementa, “A gente mora no Brasil, Brasil definitivamente não é um país seguro para a mulher. Pelas minhas pesquisas, o Brasil estaria no segundo lugar dos países mais perigosos para fazer um turismo solo feminino (CAMILLE, 2023). Em seguida, suas afirmações concordam com o que foi dito por Jocelaine.

Não me sinto insegura, mas o turismo no Brasil não tem tanta estrutura quanto você encontra em outros lugares, então ele não tem várias facilidades que tem em outros lugares. Então, é muito bom você viajar pelo Brasil porque você tá mais próximo da sua casa, você tá falando o mesmo idioma, você tem a mesma moeda, você não vai ter nenhum problema de comunicação e você meio que sabe como se virar, né? A gente sabe como se virar no próprio país. Então isso facilita, só que por outro lado, não são todos os lugares que têm essas facilidades para o turista no geral, não só para a mulher sozinha, mas que são coisas que influenciam. Então, cara, a Europa... Nossa, é tão fácil, é tão simples, é tão tranquilo. (CAMILLE, 2023)

Ao afirmar que questões de gênero podem alterar a intensidade da segurança, Souza (2015, p. 65), conclui: “A questão de segurança para as mulheres de maneira geral é quase uma só: a diferença de gênero”. Nesse contexto, foi perguntado às entrevistadas quais estratégias elas têm para se manterem seguras durante uma viagem. As respostas foram extensas, podendo ser resumidas em:

planejamento e atenção. Jocelaine inicia falando sobre a importância em se ter um contato de segurança, com quem você possa dividir todo seu planejamento e todos os acontecimentos durante a viagem.

Eu vou até te dar um exemplo, eu tava no Chile e o banheiro, ele era tipo banheiro assim, eu escorreguei e bati a cabeça, bati a cabeça de leve, mas porque eu consegui segurar. E aí eu falei pra ele, "olha Luiz, aconteceu isso, aí eu vou te passar", eu tinha uma amiga chilena já, "eu vou te passar o contato dela, porque se você vir falar comigo um dia e eu não responder, vai que eu caí no banheiro e bati a cabeça mesmo, então você já sabe que isso pode ter acontecido". Então, assim, a pessoa sempre ter alguém ali com as informações dela. (JOCELAINE, 2023)

As entrevistadas ainda falam bastante sobre o consumo de bebidas alcoólicas e confiança, "Vai sair para jantar alguma coisa, uma balada, tá bom, quer ir para a balada? Vá, mas não beba muito. De jeito nenhum, mesmo que você fez os seus amigos ali, mas os seus amigos ali é da ocasião. Ninguém vai cuidar de você se você beber muito (JOCELAINE, 2023). Em concordância, Flavia ainda complementa com algumas outras estratégias.

Uma coisa que eu sempre falo, evitar beber ao ponto de perder a consciência. Então, toma suas cervejinhas, mas chega naquele ponto, limite. Ou então, se você não consegue ter esse limite, você se proibir de beber álcool nas suas viagens. É... Evitar sair à noite andando pela rua sozinha. Na maioria dos destinos, o ideal é isso. Alguns destinos são muito seguros. Não confiar em qualquer pessoa, né? Tipo, "Ah, vai para o hostel, você faz vários amigos", mas é aquilo, você não pode contar 100% com aquela pessoa. (FLAVIA, 2023)

Segundo Camille, os cuidados que ela toma durante a realização de suas viagens solo são os mesmos que toma em seu cotidiano.

Mas olha, falando de cuidados, uma coisa que a gente percebe viajando sozinha é que os cuidados numa viagem não são diferentes dos cuidados que a gente toma no dia a dia. Então, vai pegar um Uber, compartilha a corrida. Você vai... Sei lá, você vai andar até mais tarde, presta atenção em quais são os caminhos que você vai fazer. Anda com segurança na rua, não anda mostrando que você está perdida ou que você não conhece o lugar. Não é para dar papo para homem, principalmente desconhecido. (CAMILLE, 2023)

Além dos demais apontamentos presentes neste bloco, o que mais chama atenção é a vulnerabilidade da mulher brasileira. Em todo momento que foi falado sobre as inseguranças de uma mulher que viaja sozinha, foi citado pelas entrevistadas fatos que deixam claro que a insegurança real que elas vivem está em suas próprias cidades, em seu próprio país, e não somente durante suas viagens.

3.2.4. Bloco 4 - Segurança e recomendações

Iniciando o bloco no qual trataremos sobre as medidas que promovem maior segurança para a mulher viajante solo, foi questionado às entrevistadas se em dado momento alguma política pública ou costume local trouxe facilidade ou sensação maior de segurança durante uma viagem solo. Em relação às políticas públicas, nenhuma delas afirma ter experienciado. Dessa forma, Flavia cita a modificação e criação de alguns serviços privados, que são direcionados a atender o público feminino.

Mas em relação à viagem, eu acho que a questão dos quartos femininos em hostel é uma grande evolução. Quando eu comecei a trabalhar em hostel, ali em 2005, eu já tinha alguns hostels, o que eu trabalhava tinha quarto feminino, mas era bem raro. E hoje a gente vê que grande parte, acho que 95% dos hostels tem quarto feminino. [...] Acho que também essa questão de... O Sister Wave mesmo, acho que é uma plataforma bem legal, porque tem muitas mulheres que gostariam de fazer o Couchsurfing, mas ficam com medo de ser um anfitrião homem, então você ter uma anfitriã mulher também é uma questão. A questão do próprio Uber não faz isso, mas tem aplicativos que, tipo Uber, que são específicos para motoristas mulheres ou então você pode solicitar uma motorista mulher. Então eu acho que isso também é uma evolução. (FLAVIA, 2023)

Ao discorrer sobre o presente tema no capítulo em que o mesmo foi direcionado, foi levantada a problemática em não haver leis e políticas públicas que resguardem a mulher viajante solo, se tratando de um grupo vulnerável. Neste momento da pesquisa, é possível confirmar as hipóteses sugeridas anteriormente quando é levantado por todas as três entrevistadas o fato de que nunca sentiram tal proteção.

Seguindo a entrevista, foi pedido às três viajantes que fizessem um compilado com as principais recomendações que elas dariam à uma mulher que iria realizar sua primeira viagem sozinha. Para Flavia, o principal é não depender da coragem, “Primeiro, não ache que você precisa estar se sentindo 100% corajosa para você ir. Porque ninguém se sente 100% corajosa” (FLAVIA, 2023) . As três ainda concordam que deve haver uma preparação prévia, que a mulher busque inicialmente se sentir confortável sozinha realizando atividades onde habitualmente estaria acompanhada. “A primeira coisa é começar a fazer coisas sozinha na sua cidade. Então vai ao cinema sozinha, vai dar uma volta no shopping sozinha, vai numa pizzaria sozinha, vai no rodízio, aí chega aí, né? Que aí você vai subindo num nível” (JOCELAINE, 2023). Camille complementa:

Vai passear, vai fazer coisas só com você. Pode ser muito estranho no começo, mas você precisa fazer isso para você se acostumar e não passar por uma sensação de estranheza, e de estar no lugar errado quando você

viaja sozinha. Porque isso vai fazer com que você se acostume com você mesmo. Se acostume consigo mesma. Que você comece a compartilhar as coisas com você, você tem aquele movimento de, ao invés de comentar as coisas que você está pensando com outra pessoa, você comenta com você, você pensa sobre isso, você anota isso mentalmente. Então, eu acho que isso é uma das principais coisas, porque quando você se acostuma com você mesmo, isso é um processo. Você provavelmente vai começar a viajar sozinha sem estar 100% acostumada, mas quando você começa a fazer isso, as coisas ficam muito mais fáceis. (CAMILLE, 2023)

Dando continuidade aos conselhos, todas bateram na mesma tecla: não conte que você está sozinha. “Não falar que você tá sozinha, ninguém precisa saber, não faz diferença, pode mentir. Muitas pessoas vão perguntar só por curiosidade, mas você não tem como adivinhar quais são as motivações, qual a índole daquela pessoa. (CAMILLE, 2023). Jocelaine também é enfática quando fala a respeito disso, “Não fale que você está viajando sozinha, você não pode falar nunca que você está viajando sozinha” (JOCELAINE, 2023).

A entrevista foi finalizada com o relato das mesmas sobre como o fato de serem viajantes solo impacta em mudanças em seus comportamentos, sentimentos e motivações.

Nesse contexto, Jocelaine define como viajar sozinha é transformador em sua vida e destaca o quanto se sente capaz e livre durante a realização de suas viagens.

Nossa, muitas. Eu não seria quem eu sou hoje se eu não tivesse... Nossa, não seria quem eu sou hoje se eu não tivesse viajado sozinha, de forma alguma. Como eu falei pra você, apesar de eu estar lá num ambiente masculino e sendo líder ali, né, eu não sentia que eu era capaz, eu não sentia que eu era independente, né. Eu senti isso mesmo estando numa viagem, né, viajando sozinha. (JOCELAINE, 2023)

Ao citar as transformações que viveu desde sua primeira viagem, Flavia ainda reforça o quanto viajar sozinha contribui para o autoconhecimento feminino.

Ah, menina, eu sempre falo isso, que viajar sozinha ali, eu tinha 21 anos, né? Moldou a mulher que eu sou hoje, assim. Eu já, como eu te falei, eu já tinha uma personalidade que tinha uma tendência para solidão, mas aquela experiência ali, ela me abriu os olhos para a minha autoconfiança, ela me deu autoestima, ela me abriu os olhos para as coisas que eu posso realizar como mulher sozinha, ela me fez enxergar que eu posso me divertir sozinha, né? (FLAVIA, 2023)

Camille também expressa suas realizações: “Nossa, eu sou muito mais autoconfiante, muito mais comunicativa e muito mais aberta para as oportunidades do que eu era antes” (CAMILLE, 2023), e complementa definindo quais são as transformações que observa em si.

Eu acho que a principal é me enxergar como capaz de fazer o que eu quiser. Então, eu acho que isso é uma coisa muito enraizada em mulheres, né? A gente tem essa síndrome de impostora. De achar que nada do que a gente faz é bom, nada do que a gente faz é o suficiente, nada do que a gente faz tá certo, né? Você tem aquela dúvida "Meu Deus, será que eu tô fazendo certo? Será que eu não tô?" E quando você tá viajando sozinha, não tem mais ninguém ali pra fazer com você. Tudo que você faz é mérito seu, tudo que você resolve é mérito seu. Você planejar essa viagem inteira e ela dar certo é um mérito seu. Então isso é muito, muito, muito gostoso. Isso foi uma coisa que melhorou muito em mim desde que eu comecei a viajar.

Para finalizar, é trazido em destaque um pedido feito por Camille durante a realização de sua entrevista: "Vamos parar de olhar mulheres sozinhas como algo triste, né? Não é triste. A gente tá simplesmente vivendo nossas vidas aqui de boa porque nós somos pessoas completas" (CAMILLE, 2023).

Em suma, a partir dos relatos analisados neste capítulo, torna-se possível compreender o quanto é transformador para a mulher a ruptura com os costumes tradicionais. Ao observar a forma com que elas definem a liberdade, a autoconfiança, a solidão e a maneira que se sentem capazes através da realização das viagens solo, é possível concluir que se trata de um ato revolucionário.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa finalizada, torna-se possível afirmar que mesmo sendo uma tendência crescente atual, a realização de viagens solo por mulheres ainda é um assunto controverso para a sociedade, que continua as subjugando e desencorajando a desfrutar da liberdade de viajar sozinhas.

Ao tratar sobre a criação cultural da representação social do feminino, torna-se perceptível o quanto os estereótipos produzidos à décadas continuam ressoando nos dias atuais. No contexto da sociedade, a cultura define o modo de pensamento e comportamento dos indivíduos, muitas vezes excluindo, oprimindo e impondo seus valores sem respeitar as particularidades. Desse modo, quando falamos de minorias, é necessário entender o quanto a construção cultural se deve à posição social dos considerados maioria ou dominantes, incluindo a classe social e econômica, o grau de escolaridade e, especialmente, o gênero. Assim, entende-se que a representação do feminino como frágil, submisso e dependente é resultado de uma complexa interação entre fatores sociais, culturais e políticos, fatores esses, que vêm sendo questionados e combatidos pelas mulheres através de grandes movimentos, como as revoluções feministas, mas também de pequenas realizações, como a atitude de viajar sozinha. Assim, a presente pesquisa mostra que as mulheres vêm conquistando crescente autonomia e liberdade.

No que tange a relação entre a prática do turismo solo feminino e a recepção perante à sociedade, a hospitalidade e a hostilidade direcionadas a este público é percebida de forma diversa. Neste trabalho, foi possível visualizar que as práticas culturais definitivas do relacionamento e tratamento ao próximo podem ser divergentes ao contexto de hospitalidade de um local. A partir das entrevistas e pesquisas realizadas, podemos concluir que, apesar de o povo brasileiro ser conhecido pela afetividade, o toque, a sociabilidade, a disponibilidade e carisma, o Brasil é apontado como local inóspito à turista mulher ainda pelas construções culturais, sendo ressaltados a violência latente no país, seguida do machismo presente. Da mesma forma, os europeus são estereotipados como um povo sério, algumas vezes rude, individualista e conservador. Ainda assim, o continente e seus países foram os mais citados pelas entrevistadas ao discorrerem sobre segurança, acessibilidade e receptividade à turista que pratica viagens solo.

É possível afirmar ainda que na maior parte dos países, a sociedade continua predominando o machismo e o patriarcado, assim, os perigos e ameaças às

mulheres existem e devem ser levados em consideração a todo o tempo. Os relatos das entrevistadas reforçam a ideia de que ao realizar viagens desacompanhadas, é necessário que a mulher esteja sempre alerta e crie estratégias para minimizar a exposição ao risco, além de se preparar para saber como se comportar perante à situações nas quais se encontrem vulneráveis, inseguras ou atacadas. Sendo assim, a predisposição para viagens da maioria das mulheres é influenciada pelas questões de segurança fornecidas pelo destino, seja no direcionamento de políticas públicas, no planejamento turístico ou na cultura local.

Sobretudo, a pesquisa torna evidente que o desejo da mulher em realizar viagens sozinhas é carregado de fatores histórico-sociais, tornando necessário um estudo específico para compreendê-lo. Sendo motivadas principalmente pela necessidade de se sentirem livres, capazes, independentes, elevarem a autoestima, conquistarem o autoconhecimento e crescimento pessoal, elas têm sido impulsionadas a desbravar o mundo sozinhas.

Para finalizar, a pesquisa apresenta a união das mulheres como fator possibilitador para a realização das viagens solo. Ao evidenciar a sororidade como uma aliança fundamentada pela empatia, fortalecimento e cumplicidade entre as mulheres, é apresentado o movimento crescente entre elas nas redes sociais que favorece o contato entre as que realizam viagens sozinhas e as que desejam realizar. Por fim, a criação de grupos virtuais, páginas em redes sociais e blogs podem ser considerados facilitadores, pois a partir do compartilhamento de experiências, conversas, dicas, e da criação de conteúdos voltados para tal público, cria-se uma rede de apoio e incentivo às mulheres que pretendem embarcar nesta experiência e as que procuram por um novo destino.

A partir de toda análise feita, recomenda-se como futuros estudos o foco sobre este perfil de turista, assim como o investimento em planejamentos turísticos que tragam segurança e benefícios às viajantes, pois é perceptível que se trata de uma atividade promissora que em breve tende a virar hábito para o público feminino, assim sendo de grande interesse ao mercado turístico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

#ViajoSozinha: Como a morte de duas turistas argentinas levou a debate sobre assédio. BBC NEWS Brasil, mar. 2016. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/03/160306_salasocial_assassinato_argentinas_ab>.

BARRETTO, Margarita. **O imprescindível aporte das ciências sociais para o planejamento e a compreensão do turismo.** Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 9, n. 20, p. 15-29, outubro de 2003. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/26369086_O_imprescindivel_aporte_das_ciencias_sociais_para_o_planejamento_e_a_compreensao_do_turismo>.

BORIS, G. D. J. B.; CESÍDIO, M. D. H. **Mulher, corpo e subjetividade:** uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. Revista Mal Estar e Subjetividade, Fortaleza, v. 7, pp. 451-478, Setembro de 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1518-61482007000200012&lng=es&nrm=iso&tlng=pt>.

BRASIL. **Lei nº11.340, de 7 de Agosto de 2006.** Cria mecanismos para coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm>.

BRASIL. **Lei nº 12.845, de 1º de agosto de 2013.** Dispõe sobre o atendimento obrigatório e integral de pessoas em situação de violência sexual. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2013/lei/112845.htm>.

BRASIL. **Lei nº 13.104, de 09 de março de 2015.** Prevê o feminicídio como circunstância qualificadora do crime de homicídio, e inclui o feminicídio no rol dos crimes hediondos. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/113104.htm>.

BRASIL. **Lei nº 13.709, de 14 de agosto de 2018.** Lei Geral de Proteção de Dados Pessoais (LGPD). Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/113709.htm>.

BRASIL. Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania. **Ligue 180:** Conheça o canal do MMFDH que recebe, analisa e encaminha denúncias de violações contra a mulher. Brasília. Sem data. Disponível em: <<https://www.gov.br/mdh/pt-br/ligue180>>.

CALDAS, W. **Temas da cultura de massa:** Música, futebol e consumo. São Paulo: Villipress. 2001.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **A pesquisa em hospitalidade.** Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n. 2, p. 15-51, jul.- dez. 2008. Disponível em: <<https://www.revhosp.org/hospitalidade/article/view/151>>.

CRICIÚMA. **Lei nº 6747, de 8 de julho de 2016.** Dispõe sobre critérios para desembarque de mulheres, fora da parada de ônibus, em período noturno nos veículos de transporte coletivo do município de Criciúma e dá outras providências. Disponível em:

<<https://leismunicipais.com.br/a/sc/c/criciuma/lei-ordinaria/2016/674/6747/lei-ordinaria-n-6747-2016-dispoe-sobre-criterios-para-desembarque-de-mulheres-fora-da-parada-de-onibus-em-periodo-noturno-nos-veiculos-de-transporte-coletivo-do-municipio-d-e-criciuma-e-da-outras-providencias>>.

DIAS, Francisco. **Visão de síntese sobre a problemática da motivação turística.** Percursos & Ideias. 2009. Disponível em:
<https://percursoseideias.iscet.pt/articles/PI_2009_N01_0012.pdf>.

Dicas de segurança para mulheres que viajam sozinhas. Catraca Livre. mar. 2022. Disponível em:
<<https://catracalivre.com.br/viagem-livre/dicas-de-seguranca-para-mulheres-que-viajam-sozinhas/>>.

DISTRITO FEDERAL. **Lei nº 7.140, de 18 de maio de 2022.** Dispõe sobre a parada livre para desembarque de usuário do transporte coletivo do Distrito Federal no horário das vinte e três horas até as seis horas do dia seguinte. Disponível em:
<https://www.sinj.df.gov.br/sinj/Norma/bf124b908afe45aa9f25f45cb848cf36/Lei_7140_2022.html>.

FIGUEIREDO, Silvio José de Lima; RUSCHMANN, Doris Van de Meene. **Estudo genealógico das viagens, dos viajantes e dos turistas.** Novos Cadernos NAEA, Belém, v. 7, n. 1, p. 155-188, jun. 2004. Disponível em:
<<http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/40/34>>.

FOLLADOR, K. J. **A mulher na visão do patriarcado brasileiro:** Uma herança ocidental. Revista Fato & Versões, 1(2), 2009. Disponível em:
<<https://docplayer.com.br/19787987-A-mulher-na-visao-do-patriarcado-brasileiro-uma-heranca-ocidental.html>>.

FOUGEYROLLAS-SCHWEBEL, Dominique. **Movimentos feministas.** Dicionário crítico do feminismo. São Paulo: Editora UNESP, 2009. Disponível em:
<https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario_critico_do_feminismo%202009.pdf>.

GERBASE, Iami. **Inspiradoras e aventureiras:** 10 mulheres viajantes para seguir no Instagram. Skyscanner, 2022. Disponível em:
<<https://www.skyscanner.com.br/noticias/inspiracao/inspiradoras-e-aventureiras-10-mulheres-viajantes-para-seguir-no-instagram>>.

GRUBBA, Leilane Serratine. **Direitos Humanos e Desenvolvimento Humano:** O Sistema Global Das Nações Unidas. Curitiba: editora Prismas, 2017.

HERSCHMANN, M.; PEREIRA, C. A. M. **Comunicação e novas estratégias organizacionais na era da informação e do conhecimento.** In: XXV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2002, Salvador. Artigo Científico. Salvador: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2002. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/276119549_Comunicacao_e_Novas_Estrategias_Organizacionais_na_Era_da_Informacao_e_do_Conhecimento>.

INSTITUTO MARIA DA PENHA. HomePage. Fortaleza: IMP, 2018. Disponível em: <<http://www.institutomariadapenha.org.br/quem-e-maria-da-penha.html>>.

KABEER, N. **Violence against women as 'relational vulnerability: Engendering the sustainable human development Agenda.** PNUD. 2014.

KAHN, Tulio. **Os custos da violência: quanto se gasta ou deixa de ganhar por causa do crime no Estado de São Paulo.** São Paulo em Perspectiva, v. 13, n. 4, p. 42-48, out./dez. 1999. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/spp/a/8WPZ77Lpwj3st8YSdRhNkkd/?lang=pt&format=pdf>>.

KEMP, Simon. **DIGITAL 2022: BRASIL.** Data Reportal, 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-brazil?rq=brazil>>.

KEMP, Simon. **DIGITAL 2022: GLOBAL OVERVIEW REPORT.** Data Reportal, 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-global-overview-report>>.

LAGARDE y DE LOS RIOS, Marcela. **El feminismo em mi vida – hitos, claves e topías.** México: Instituto de las Mujeres del Distrito Federal, 2012. Disponível em: <<https://www.mujiresenred.net/spip.php?article2107>>.

LANNA, Marcos. **Nota sobre Marcel Mauss e o ensaio sobre a dádiva.** Revista de sociologia e política, n. 14, p. 173-194, jun. 2000. Disponível em: <<https://nauai.paginas.ufsc.br/files/2010/09/Marcel-Mauss-e-o-ensaio-sobre-a-d%C3%A1diva.pdf>>.

MADSEN, Nina. **Mulheres e Comunicação no Brasil: 1995 a 2015.** Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2015. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_j_mulheres_e_comunicacao_no_brasil_1995_a_2015.pdf>.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos Meios às Mediações: Comunicação, Cultura e Hegemonia.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MELO, Giulia Praça Firmino Sales de; SOEIRO, Ítalo César de Moura. **A mulher e o deslocamento turístico no mundo contemporâneo: Uma contribuição teórico-metodológica aos estudos do turismo.** Caderno Virtual de Turismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, vol. 20, núm. 2, pp. 32-47, 2020. Disponível em: <<http://www.ivt.coppe.ufrj.br/caderno/index.php/caderno/article/view/1764>>.

MERGÁR, A. **A representação do gênero feminino nos autos criminais na província do Espírito Santo (1853-1870).** Universidade Federal do Espírito Santo. Vitória. 2006. Disponível em: <<http://repositorio.ufes.br/jspui/handle/10/3401>>.

Most Dangerous Countries For Women 2022. World Population Review. 2022. Disponível em:

<<https://worldpopulationreview.com/country-rankings/most-dangerous-countries-for-women>>.

ODÁLIA, Nilo. **O que é violência**: Vol. 85. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 1983.

OSMAN, Hanaa; BROWN, Lorraine; PHUNG, Thi Minh Trang. **The travel motivations and experiences of female Vietnamese solo travelers**. *Tourist Studies*, v. 20, n. 2, p. 248-267, 2019.

OTTO, Isabella. **‘Só morta entendi que para o mundo não sou igual a um homem’**. Capricho, mar. 2016. Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/so-morta-entendi-que-para-o-mundo-nao-sou-igual-a-um-homem/>>.

PEARCE, P.L. **The Ulysses Factor**: Evaluating Visitors in Tourist Settings. New York: Springer-Verlag, 1988.

PEREIRA, Gisele; GOSLING, Marlusa. **Motivações push and pull dos amantes de viagens brasileiros**. *Brazilian Business Review*, [S. l.], v. 16, n. 1, pág. 63–86, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/bbr/a/QXFZ5FNYnwXqM6bwMBFMJRk/?lang=pt&format=pdf>>.

PEREZ, Mônica. **Sororidad**: nueva práctica entre mujeres. *Cimacnoticias*, 2004. Disponível em: <<https://cimacnoticias.com.mx/noticia/sororidad-nueva-practica-entre-mujeres/#gsc.tab=0>>.

REIS, Alana Martins. **Mulheres e viagens: insegurança e medo?**. Orientadora: Fábila Trentin. 2016. 97f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal Fluminense, Faculdade de Turismo e Hotelaria, 2016. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/4403/Alana%20Martins%20Reis.pdf>>.

RIO DE JANEIRO. **Lei nº 7250 de 04 de abril de 2016**. Dispõe sobre a destinação de espaços exclusivos para mulheres nos sistemas ferroviário e metroviário do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<https://leisestaduais.com.br/rj/lei-ordinaria-n-7250-2016-rio-de-janeiro-altera-e-acrescenta-dispositivos-a-lei-n-4733-de-23-de-marco-de-2006-que-dispoe-sobre-a-destinacao-de-espacos-exclusivos-para-mulheres-nos-sistemas-ferroviario-e-metroviario-do-estado-do-rio-de-janeiro>>.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004. Disponível em: <https://fpabramo.org.br/publicacoes/wp-content/uploads/sites/5/2021/10/genero_web.pdf>.

SALGUEIRO, Valéria. **Grand Tour**: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. *Revista Brasileira de História*. vol. 22, núm. 44, pp. 289-310.

Associação Nacional de História. São Paulo, 2002. Disponível em:
<<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=26304403>>.

SANTOS, J. L. D. **O que é cultura**. 14. ed. Brasiliense, 1994.

SILVA, E. M. D. C. E. **A marca da matriarca na terra do patriarcado**: a resignificação do poder da mulher nos discursos da presidente Dilma. Universidade Lusófona de humanidades e tecnologias. Lisboa. 2014. Disponível em:
<<https://recil.ensinolusofona.pt/bitstream/10437/6128/1/Tese%20Erly%20Maria.pdf>>.

SOUZA, Caroline Oliveira de. **Mulheres viajantes**: A sororidade no turismo impulsionada pelas redes sociais. 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Turismo) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021. Disponível em: <<https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14153>>.

SOUZA, F. S. D. **Segurança e as turistas mulheres pelo mundo**. In: AMORIN, E.; SOARES, C.; TARLOW, P. Segurança um desafio para os setores de lazer, viagens e turismo. 2015. Disponível em:
<<http://www.cda.ipt.pt/download/ebook-seguranca-turismo.pdf>>.

SPOLON, Ana Paula Garcia; MORAES, Edilaine Albertino de; ROSA, Lélío Galdino; SILVA, William Cléber Domingues. **Hospitalidade**. v. 1. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011. 262p. Disponível em: <<https://canal.cecierj.edu.br/recurso/3478>>.

SUZUKI, **Shin**: 4 fatores que impedem que Brasil vire potência no turismo apesar do potencial. BBC NEWS Brasil. 24 nov, 2022. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63671736>>.

TELES, Maria Amélia de Almeida; MELO, Mônica de. **O que é violência contra a mulher**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense, 2003.

TINOCO, Dandara. **Sororidade, substantivo feminino**. O Globo, 2016. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/sororidade-substantivo-feminino-18959230>>.

TORRE, Marina de la; NAVARRETE David Escobedo. **Turismo, violencia y vulnerabilidad**. Kairos: Revista de temas sociales, núm. 31, 2013, pp. 1-14. Disponível em: <<https://revistakairos.org/turismo-violencia-y-vulnerabilidad/>>.

VERNON, M. D. **Motivação humana**. Tradução de L. C. Lucchetti. Petrópolis: Vozes. 1973 (trabalho original publicado em 1969).

WILSON, E.; LITTLE, D. E. **A 'relative escape'? the impact of constraints on woman who travel solo**. Tourism Review International, 2005. Disponível em:
<https://www.researchgate.net/publication/47782391_A_'Relative_Escape'_The_Impact_of_Constraints_on_Women_Who_Travel_Solo>.

Apêndice 1. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Camille Carboni



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
DEPARTAMENTO DE TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Eu, **Camille** [REDACTED], portadora do CPF [REDACTED], depois de entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados para a pesquisa intitulada “**A prática do turismo solo ou em grupos femininos e suas complexidades**”, estando assim ciente da necessidade da gravação de minha entrevista para que seja feita a transcrição posteriormente, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. A imagem e áudio de minha gravação não serão divulgados em nenhuma hipótese, sendo necessária apenas para a transcrição da entrevista posteriormente;
2. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
3. Caso não me sinta confortável em responder alguma pergunta, tenho a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento;
4. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
5. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
6. Serei livre para solicitar a gravação e transcrição de minha entrevista, assim como a pesquisa, assim que concluída.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa a Sr^a poderá entrar em contato com os responsáveis pelo estudo: Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva (discente) e Leandro Benediti Brusadin (docente orientador), que podem ser localizados no Campus Universitário Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito Turismo e Museologia, Ouro Preto, Minas Gerais, ou pelo e-mail isabella.vargas@aluno.ufop.edu.br e leandro@ufop.edu.br, respectivamente.

Este termo será assinado em uma via digital, pela senhora e pelos responsáveis pela pesquisa, ficando sobre o poder de ambos.

Desde já, agradecemos sua valiosa contribuição.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
DEPARTAMENTO DE TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Camille Carboni

Assinatura do entrevistado

São Paulo (SP) 25/01/2023
Cidade (UF) Data

Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva

Assinatura do responsável pela pesquisa

Ouro Branco (MG) 25/01/2023
Cidade (UF) Data

Apêndice 2. Transcrição da Entrevista - Camille Carboni

Orador 1

Bom, agora que a gente começou, novamente eu preciso perguntar se você autoriza a gravação dessa reunião?

Orador 2

Autorizo.

Orador 1

Bom, eu gostaria de começar te conhecendo, né? Gostaria que você fizesse uma apresentação geral sua. E aí você pode falar o que você se sentir confortável de falar sobre você.

Orador 2

Meu nome é Camille, eu tenho 25 anos. Só um segundo que eu também já tô me ajustando aqui na cadeira. Eu tô com uma dor no joelho, se eu ficar com a perna esticada eu vou morrer até o final. Meu nome é Camille, eu tenho 25 anos, eu sou solteira e moro em São Paulo. Sou formada em jornalismo, trabalho hoje em dia com comunicação corporativa, mas eu uso muito minhas redes sociais e meu blog como uma forma de me manter próxima da criação de conteúdo e do jornalismo, por mais que eu não trabalhe diretamente com isso hoje em dia. É basicamente isso. Algo mais específico?

Orador 1

Não, só isso mesmo. Então, para começar, eu gostaria que a gente voltasse no início de tudo. O que te motivou a realizar sua primeira viagem solo e como foi desencadeado, a partir disso, o interesse por continuar viajando sozinha?

Orador 2

Eu costumo dizer que eu tive duas viagens, duas primeiras viagens solo. Quando eu tinha 16 anos eu fiz um intercâmbio, intercâmbio de idiomas, aqueles que você faz nas férias, curtinhos, de um mês. E aquilo pra mim foi muito impactante porque eu de fato eu estava sozinha na parte da viagem. Então eu tive que me virar sozinha no aeroporto, passar por 16 horas de viagem de avião sozinha fazer todos os trâmites de imigração, me localizar sozinha antes de eu chegar de fato no destino. Eu fui

para Paris e tinham pessoas ali que eram da agência que eram da escola para me guiar e ficar comigo o tempo todo além dos outros estudantes que estavam ali comigo. Essa foi minha primeira viagem internacional, foi minha primeira viagem de avião, então foi muito intenso e já, por mais que não seja de fato uma viagem solo de turismo para férias e tudo mais, aquilo já me deu um impacto muito grande, é muito diferente. Eu lembro até hoje da sensação que eu tive quando eu saí do avião, eu fiz uma conexão em Roma e eu lembro que eu tava assim pra descer a escadinha do avião e do nada eu olhei pra trás como se eu estivesse esperando alguém, como se mais alguém estivesse ali comigo, então é aquele momento que eu percebi "É, eu cruzei o Atlântico e eu estou aqui sozinha, não tem mais ninguém comigo". E foi uma sensação muito agriadoce porque eu sempre quis viajar viajar, sempre foi o maior sonho da minha vida, tudo que eu sempre quis fazer Mas meus pais nunca priorizavam viagem. Meu pai morre de medo de avião, meu pai nunca entrou num avião, eu acho que ele passa mal toda vez que eu viajo. Então, assim, eu fazia muitas viagens curtinhas quando eu era pequena ia pra hotel fazenda, pra casa de familiares, pra casa dos meus avós, interior, pra praia. E eu morria de vontade de fazer viagens mais turísticas. Mas, assim, pros meus pais, nunca foi uma coisa que eles queriam fazer, que eles tinham vontade. Eventualmente, eu consegui fazer a gente fazer algumas viagens, assim, quando eu era adolescente. Mas fazer esse intercâmbio foi a minha primeira grande viagem. Eu tava sozinha e foi tipo... Todo mundo virava pra mim e falava "Meu, não sei como você tem coragem de ir sozinha" Mas pra mim não era de fato uma questão Porque eu queria tanto viajar, eu queria tanto fazer esse intercâmbio, conhecer outros lugares, outros países, outras línguas, que a parte de estar sozinha era um pouco secundário. Até porque eu tava indo pro intercâmbio, então, nossa, foi uma viagem assim incrível que mudou completamente a minha vida, e muito porque eu estava sozinha. Então, principalmente quando a gente é adolescente, a gente ainda tem muita dúvida sobre o que você é, você tem muito receio de se expor, de mostrar seus gostos, você ainda tem aquela vontade de querer pertencer a grupos, e outras pessoas, então quando você se vê longe de tudo aquilo que faz parte dessas angústias, de tudo isso que faz parte de ser adolescente, você começa a se perceber de uma forma muito diferente. Então, assim, eu estava rodeada de muitos outros adolescentes, mas nenhum deles me conhecia de fato aqui, né? Era a primeira vez que eles estavam me conhecendo e foi muito incrível ter essa oportunidade de poder viver

em outro lugar sendo só eu, sem as outras pessoas, sem as expectativas das outras pessoas. Então foi ali que eu comecei a perceber o quão incrível podia ser viajar sozinha, e eu acho que o mais importante pra mim foi perceber que eu não precisava esperar ninguém pra viajar, que se eu tivesse oportunidade, se eu tivesse dinheiro, tempo, eu poderia ir. Eu não precisava esperar meus pais terem tempo, meus amigos terem tempo, eu ia poder fazer isso. Só que na época eu tinha 16 anos, eu tava na escola, não trabalhava, então assim, eu voltei, consegui convencer principalmente minha mãe e minha irmã a viajarem comigo. Então minha mãe e minha irmã foram viajar pela primeira vez de avião pra fora do país um ano depois, que eu fiquei enchendo o saco para a gente ir para a Argentina e aí deu certo. E desde então a gente faz algumas viagens juntas, mas depois disso, fiquei viajando com elas até mais ou menos 2021, não, 2021, mentira, 2018, quando eu tinha 21 anos. Porque eu comecei a trabalhar em 2017, comecei a fazer estágio, e eu falei "Bom, vou guardar todo o dinheiro que eu puder para viajar no ano que vem". Comecei a trabalhar em maio, falei "Julho do ano que vem eu vou viajar" Porque aí coincidia com as minhas férias, férias da minha irmã, minha mãe podia pedir férias também, falei "Ah, gente, vamos viajar, vamos para a Europa", minha mãe sempre pediu para ir para a Grécia, falei "Vamos para a Grécia". A gente estava organizando essa viagem sem nada muito pronto, e faltando mais ou menos um mês eu estava no limite para comprar as passagens. Eu falava "Mãe, você precisa definir suas férias no trabalho porque eu preciso comprar essas passagens", e aí ela foi ver, ela não conseguiu tirar férias, eu já estava com férias marcadas, 30 dias de férias, estava com o meu dinheiro guardado, eu falei "o que eu faço?". E eu não fiquei muito tempo pensando o que eu ia fazer, na verdade, na minha cabeça já estava muito claro que se elas não pudessem ir, eu ia de qualquer jeito. E assim, minha mãe me ligou, acho que era 6 horas da tarde pra falar que ela não ia conseguir de fato tirar férias, às 7h30 eu estava comprando as passagens. Eu mudei o roteiro porque eu falei "Ah, sacanagem, eu ir para a Grécia sem minha mãe, o que ela mais quer fazer", e minha mãe tem essa barreira, se não for alguém com ela, ela não vai sozinha. Aí eu mudei pra uma viagem que eu queria muito fazer, pra Espanha. Eu sou fascinada pela cidade de Salamanca desde pequena, eu fiquei 10 dias na Espanha e uns 4 ou 5 dias em Paris, pra matar um pouco de saudade, porque eu tava com saudade de ir lá, fazia 5 anos que eu tinha ido. E essa de fato foi a primeira viagem de turismo, de lazer que eu fiz sozinha. Eu

simplesmente comprei as passagens, reservei hostel, não fiquei em hostel só nessa viagem. Fui planejando a viagem como se fosse uma viagem normal, qualquer outra que eu faria, até que em um determinado momento me deu esse estalo, foi "caramba, eu vou completamente sozinha, vou ficar duas semanas completamente sozinha, não vai ser como no intercâmbio que tinha alguém ali pra me supervisionar. Eu era menor de idade, eu tava numa residência estudantil, controlada, com outras pessoas ali. Não, eu vou estar completamente sozinha, completamente responsável por mim." Confesso que eu fiquei com um pouco de nervoso, fiquei muito ansiosa antes de ir, porque você sempre fica com aquele medo de "meu Deus, será que vai acontecer alguma coisa?", aí aquelas histórias de mulheres sequestradas e "Ah, o que eu faço se alguma coisa acontecer? Se eu tiver que resolver algum problema, se eu ficar sem dinheiro?". Você começa a pensar em um monte de coisas, mas nunca passou pela minha cabeça desistir, ou cancelar a viagem, ou falar "não, só vou se for com alguém" Às vezes eu falo "meu Deus, eu devo ser muito louca para estar fazendo isso". E na época, eu não conhecia, a ideia de viajar sozinha era uma coisa muito natural para mim no sentido de que eu quero viajar, então se não tiver ninguém para ir comigo, eu não posso ficar a minha vida inteira esperando pela disponibilidade de outras pessoas. Então eu vou. Mas não era... Acho que a discussão que a gente tem hoje em dia sobre viajar sozinha, pessoas que falam sobre isso, grupos na internet, isso tudo era muito incipiente pra mim. Eu não acessava muito, eu não via muito. Inclusive eu tenho um post no meu Instagram que eu falo de alguns dos meus erros nessa minha primeira viagem sozinha foi não ter procurado tanto a experiência de outras mulheres que já tinham feito isso, que já tinham ido para os mesmos destinos. Que, nossa, com certeza isso teria me ajudado a ficar mais tranquila. Porque às vezes você acha que você é a primeira pessoa que tá fazendo aquilo, ninguém nunca fez, mas aí você viaja, você começa principalmente a ficar em hostel, você descobre que tem milhares de outras mulheres fazendo a mesma coisa que você. E que tá todo mundo bem, que tá todo mundo adorando, gostando. E que tá sendo incrível. Assim, nem tudo foi maravilhoso, incrível, eu tive algumas crises de ansiedade nessa viagem, eu demorei um pouquinho pra parar de sentir culpa por viajar sozinha. Porque eu demorei muito pra identificar que aquilo era culpa, mas depois que eu entendi, meio que clicou, né? Que fazia todo sentido, eu sentia que eu não deveria estar fazendo aquilo, aquilo não era pra mim, tipo, "Por que eu tô fazendo isso?" Por que eu tô

aqui?". E aí depois, com muita terapia, eu fui entender que era culpa de estar me priorizando, de estar fazendo as coisas sem a minha família, sempre fiz tudo com meus pais, com a minha irmã. Então, estar fazendo isso eles, era quase como se eu ser egoísta, "meu Deus, por que eu tô fazendo isso sozinha? Por que eu não tô fazendo isso com eles?", mas é um sentimento normal, mas que passa. Acho que depois das minhas duas primeiras... Depois das duas primeiras, eu nunca mais, nunca mais tive isso... E o que mais que dá pra falar? Tirando isso, foi maravilhoso, foi a primeira viagem que eu fiz com o meu próprio dinheiro. Até então, toda vez que eu viajava, era minha mãe que pagava, porque eu não trabalhava, eu não trabalhava nem nada. Mas dessa vez foi a primeira que eu paguei 100% com o meu dinheiro. Então é uma sensação muito... Eu não faço a menor ideia de como eu fazia isso, mas eu fazia. Então foi muito gostoso ter essa sensação. Eu acho que estar sozinha potencializa um pouco essa sensação de conquista, de independência, de perceber que você é capaz, de que você consegue se organizar financeiramente na sua vida, que você consegue viajar e se virar e ter momentos incríveis ali sozinha. Que se acontecer um problema, você vai conseguir resolver, você vai conseguir se virar. Às vezes não vai ser exatamente fácil, porque você vai falar "Meu Deus do céu, só tenho eu aqui pra fazer isso". Às vezes você nem fala direito o idioma daquele lugar, não tem mais ninguém pra resolver, mas você vai lá e se resolve. Então isso ajuda muito com autoestima, com autoconfiança. Mas eu acho que essas são coisas, assim, pra mim, secundárias. Eu vejo muitas mulheres que, como você falou, têm essa vontade de viajar sozinhas por autoconhecimento, para ter essa experiência e tudo mais. Mas para mim, viajar sozinha sempre foi a viagem em si. Eu sempre fui completamente louca, viciada por viagens, absolutamente tudo que envolvesse viagens era minha obsessão, desde muito, muito criança. Eu colecionava mapas quando eu era criança, tinha um milhão de atlas, de globos, como você puder imaginar e eu tinha. Eu ficava decorando as capitais, os países, as cidades com 7, 8 anos. Eu fazia a ditada das capitais de países da América do Sul, da Europa, da África, completamente doida. Viajar sempre foi uma coisa muito central na minha vida. Então, eu meio que percebi que não ia ter gente pra viajar comigo o tempo todo e que eu não tava disposta a abrir mão da oportunidade de viajar, de conhecer o mundo, de realizar meus sonhos por não ter companhia. E eu sempre fui uma pessoa bem independente nesse sentido, assim, de conseguir gostar de estar comigo mesma, de fazer as coisas sozinha,

nunca foi um impeditivo, assim, muito grande pra mim. Então, acho que isso facilitou um pouco, eu não ter essa dependência de companhia foi uma coisa que facilitou essa decisão e esse processo ser um pouco mais simples. Deixa eu ver... Tem um ponto nesse meio, que é quando você começa a viajar sozinha, e eu percebo isso conversando com muitas mulheres, principalmente em hostel. Você vê que se vicia a viajar sozinha, você percebe que é tão bom estar ali só com você, fazer só o que você quer. Às vezes você quer acordar super cedo, às vezes você quer acordar super tarde, às vezes você quer passar o dia comendo besteira pra economizar, às vezes você quer gastar mais com uma refeição pra conhecer mais a gastronomia, às vezes você vai, assim, andar o dia inteiro pra economizar, às vezes você vai querer pegar um táxi porque você realmente não tá afim de fazer nada. E não tem ninguém pra negociar, não tem ninguém pra falar "Ah, eu não quero", "Ah, eu quero", não tem, é só você, você toma suas decisões, você faz o que você quer. E é muito gostoso, é muito gostoso. E a experiência de viagem é completamente diferente, porque quando você viaja com outras pessoas, a companhia delas é um eterno lembrete da sua vida na sua cidade, da sua vida normal, fora das férias, então você conversa sobre milhares de assuntos, você fica falando de trabalho Você fala de muitas coisas da sua vida fora ali da viagem. E muitas vezes você deixa muita coisa passar, você não presta atenção de fato no que está acontecendo, você não consegue absorver a viagem da mesma forma que você faz quando você está sozinha. Porque sozinha é só você e o lugar, você presta muita atenção em tudo, você consegue observar tudo, você consegue entrar em contato com as outras pessoas de uma forma muito mais fácil. Porque às vezes você está com outra pessoa ali e vocês se fecham, você nem percebe, mas vocês se fecham para oportunidades, para conhecer pessoas novas. Para perceber o que está acontecendo ali na sua frente. E sozinha, você tem uma percepção completamente diferente do lugar e da viagem, e isso vicia. E aí às vezes eu falo "Cara, eu não quero viajar com outras pessoas agora", hoje em dia, se tem viagens específicas que eu quero fazer sozinha, eu não aviso ninguém, eu só falo depois que eu já fechei tudo. Falo "Então, tal dia eu estarei viajando", eu falo "Eu não quero que ninguém se convide", eu não quero ter o risco de alguém querer se meter na minha viagem. Gosto de viajar com outras pessoas também Acabei de voltar de uma viagem com a minha mãe e com a minha irmã, já viajei muito com amigas também Mas o que eu prefiro de fato é viajar sozinha.

Orador 1

Ah, sim Vamos para a segunda "Qual foi a sua principal motivação ao criar uma rede social voltada para o compartilhamento de suas experiências com viagens de solo?"

Orador 2

Na verdade, eu criei o meu blog como um blog de viagem em geral. Foi em 2015, eu estava fazendo cursinho, eu estava super focada, estressada, e eu precisava achar um jeito de ter um hobby ali, alguma coisa que me fizesse desocupar a cabeça pelo tempo dos estudos e tudo mais. Eu resolvi criar um blog de viagem, eu tenho blog desde meus 10 anos de idade, sou viciada em blogs, e já tive blogs de todas as coisas possíveis e imaginárias. E eu falei "ah, vou criar um blog para falar das minhas viagens". Na época eu viajava super pouco, mas eu sempre tive vontade de manter registro disso, de compartilhar um pouco o que eu fazia. E eu criei meu blog por conta disso, ele ficou num estágio meio que de hobby mesmo, muito de uma coisa que eu faço só, só de vez em quando, quando eu tenho tempo, até 2020, por conta da pandemia. Eu criei o Instagram, eu não me lembro de fato quando eu criei o Instagram, mas eu primeiro criei só para compartilhar fotos, porque eu gosto muito de fotografia, então eu queria compartilhar só as fotos, isso deve ter sido lá por 2014, 2015 mesmo, acho que ele é até anterior ao blog. E aos poucos ele foi tomando esse formato de Instagram de viagem, de fato. Eu postava muito sobre as viagens que eu estava fazendo, mas sem um nicho específico, era muito mais sobre as viagens, e só. Aí em 2018, quando eu fiz essa primeira viagem sozinha, depois do intercâmbio, eu comecei a falar um pouquinho sobre isso no blog, no Instagram eu falava pouquíssimo. E essa época ali de 2017 até 2019 foi uma época muito complexa para mim, porque eu trabalhava, eu estudava e eu me enfiava em todos os as atividades da faculdade que tinha, então eu era editora de uma revista online que a gente tinha, eu fazia iniciação científica, aí depois veio o TCC, então eu não conseguia dar muita atenção para o blog e para o Instagram, então eu acabava só postando algumas coisas quando viajava ou sobre as viagens, mas nada muito sofisticado, tinha pouquíssimos seguidores, quase ninguém, era só o pessoal que me conhecia mesmo. Até que em 2020 veio a pandemia, e eu não conseguia, eu não conseguia viajar, eu não podia fazer nada, eu falei "Bom, eu vou voltar a me dedicar ao blog", então eu voltei a escrever no blog. Ele continua desatualizado,

mas eu sempre tento, e foi quando eu peguei o Instagram e falei "Não, eu vou fazer disso aqui algo um pouco mais estruturado". A ideia no começo era também continuar com um Instagram de viagem normal, assim, geral, pra falar das minhas viagens, mais pra ser um registro mesmo, né? Ajudar as pessoas com as minhas viagens, mais pra ser um registro do que qualquer outra coisa, mas eu gostei muito. Foi um projeto maravilhoso pra fazer eu esquecer o caos que o mundo estava passando e conseguir ter um foco em algo que não fosse só o trabalho, principalmente quando você começa a trabalhar só de casa, parece que a sua vida vira o trabalho. Então poder ter essa válvula de escape foi incrível. E eu comecei a conhecer mais pessoas, comecei a ter um pouquinho mais de seguidores, um aqui, um outro ali, mas também nunca foi exatamente o foco. Em dois mil e... Em final de 2020, eu comecei a perceber que eu já não estava gostando de fazer aquilo da forma que eu estava fazendo desde o começo, porque eu já não tinha mais viagem nova para contar, não tinha mais nada de diferente pra mostrar ali. E eu falei "Bom, e se eu comesse a falar sobre viajar sozinha?", que era o que eu mais tinha feito nos últimos anos pré pandemia, e toda vez que eu mencionava o assunto ali vinham pessoas curiosas, querendo saber mais, querendo dicas. E aí em fevereiro de 2021, então vai fazer dois anos agora, eu comecei de fato a falar mais sobre viajar sozinha, com esse projeto que eu chamo de "Sozinha pelo mundo". No começo eu intercalava muito com vários outros posts, então eu falava muito sobre o turismo consciente e falava sobre os destinos também, falando dicas gerais, falando de roteiro e tudo mais. E eu fiquei fazendo isso até mais ou menos o começo do ano passado, que foi quando eu decidi que eu queria falar só sobre viajar sozinha, que eu percebi que não fazia muito sentido eu falar sobre outros nichos que eu não ia me aprofundar e que de repente eu ia atrair pessoas ali que não iam se conectar com o principal assunto. Então eu falei "não, vou falar só sobre viajar sozinha", que foi uma coisa que ao longo desse primeiro ano, foi muito gratificante de fazer. Então eu comecei a fazer isso com a ideia de ajudar outras mulheres que queriam viajar sozinhas, não sabiam como, tinham dúvidas, muito pelo feedback que eu recebia quando falava um pouco sobre isso. Mas você começa a ter um impacto na vida das pessoas, que você não imagina no começo. Então eu começava a receber DMs, tipo "eu fiz minha primeira viagem sozinha por sua causa", de pessoas que eu nunca nem tinha visto comentarem, curtirem, falarem comigo. Eu falo "meu Deus do céu, eu sou minúscula, não tenho nem mil seguidores e estou ajudando pessoas a

viajar sozinhas. Elas estão super felizes e estão falando que minhas dicas são úteis". Então foi muito incrível ter essa experiência e essa troca, porque eu comecei também a conversar com muitas outras pessoas no Instagram, então é muito legal você ter essa troca, tanto com outros produtores de conteúdo, quanto com pessoas que estão ali só para consumir esse conteúdo. Então quando eu decidi focar 100% nisso, eu falei "Não, eu quero tentar" Chegar em mais mulheres, tentar ajudar mais com a minha experiência e com isso que tem sido boa parte da minha vida por alguns anos e estou assim desde então.

Orador 1

Fale um pouco sobre como é a experiência de compartilhar suas vivências. Quais são as principais informações que você procura trazer para suas seguidoras quando conhece um novo lugar?

Orador 2

Deixa eu pensar em como estruturar isso... Compartilhar partes da minha vida na internet é algo muito natural pra mim, eu faço isso desde muito nova com os meus blogs e tudo mais. Mas é muito engraçado como você precisa fazer muitas escolhas ali, e fazer uma curadoria, de fato, do que você quer compartilhar, do que você quer falar. Então quando eu falo, hoje em dia, sobre viajar sozinha, eu quero muitas vezes mostrar o lado técnico, o lado prático de você fazer uma viagem sozinha. Então, por exemplo, nos meus stories eu vou mostrar muito do dia a dia da viagem, então mostrar os lugares, pontos turísticos, roteiro, o que eu fiz e tudo mais, lugares onde eu fui, restaurante. Agora no feed eu tento trazer mais informações que vão ser úteis para viajar sozinha especificamente. Então, assim, como é esse lugar para uma mulher sozinha? Se você chegar sozinha nesse aeroporto, o que você faz para sair dele? Quais são as regiões mais seguras para você se hospedar? Como é a experiência de você turistar especificamente nessa região? Quais são os cuidados para você tomar naquele lugar? Como as pessoas vão te tratar quando percebem que você está sozinha? Você fala que você está sozinha ou você não está? Então, eu busco muito essa parte mais técnica quando eu falo especificamente das viagens em si que eu faço, mas tem uma outra parte, que é muito importante, que é inspiracional. Então eu tento balancear esses conteúdos para trazer textos, vídeos, que inspirem as pessoas e que também fazem com que elas se sintam acolhidas no

sentimento delas. Então, assim, 90% das mulheres vai ter medo de viajar sozinha, então quando eu viro para elas e falo que eu viajo há 10 anos sozinha, e mesmo assim eu ainda sinto medo, ainda fico antes das viagens "Meu Deus, será que eu estou fazendo a coisa certa, será que eu escolhi o lugar certo? Será que eu não estou sendo completamente doida?" faz com que elas falem "Não, beleza, é normal você sentir isso, ela também sentiu isso, ela vai, ela gosta, então tudo bem se eu for também". Então falar um pouco desses sentimentos, dessas angústias, da parte boa de viajar sozinha, isso também eu acho muito importante e é uma das coisas que mais me traz retorno. Eu postei um vídeo no TikTok, uma moça comentou assim "Nossa, é normal isso, então?", elas se sentem sozinhas nesse sentimento, porque era uma coisa que lá, antes de eu fazer minha primeira viagem, eu sentia, e como eu não era familiarizada com grupos, perfis, conteúdos de mulheres viajando sozinhas, eu achava que eu era a única "Meu Deus do céu, a culpa é minha. Porque eu tô me sentindo assim?" Mas não é um sentimento normal, né? A gente é mulher, a gente tem medos. E, além disso, eu falo muito sobre a parte da preparação, pra você começar a viajar sozinha. Então eu percebi que boa parte do meu público é de mulheres que nunca fizeram uma viagem sozinha, e elas querem saber o que elas precisam fazer pra viajar solo. Então, além dessa parte técnica dos destinos em si, da parte inspiracional, eu também falo muito sobre o que você precisa fazer pra começar a se preparar pra viajar sozinha. Então você precisa se acostumar com a sua própria companhia, você precisa fazer coisas sozinha na sua cidade, você precisa entender quais são os seus medos, você precisa entender o que você espera de uma viagem. Porque viajar sozinha é só a forma que você vai chegar na viagem e que você vai viver ali, mas existem milhares de tipos de viagem. Por exemplo, turismo de aventura, ecoturismo, balneário, existem milhares de tipos de turismo. E você precisa escolher o que você quer fazer, e aí depois você vai para a parte do viajar sozinha. Então essas dicas, e isso tudo também faz muito parte da minha linha editorial.

Orador 1

Sim... Como você define a importância de grupos virtuais? Blogs, Instagrams, agências, hospedagens e roteiros voltados para o público feminino?

Orador 2

Extremamente importantes. Extremamente. Quando você tem ideia de ir para um lugar, você quer ir para o lugar, você pesquisa e descobre que outras mulheres já foram para lá sozinhas, isso te dá uma tranquilidade enorme. Você fala "nossa, é possível". Eu estou com uma ideia de viajar para a Albânia, que é um país que não é tão conhecido por brasileiros, não tem um turismo tão estruturado assim e vira e mexe eu fico pensando "meu Deus, será que eu estou fazendo a escolha certa? Será que eu vou pra esse lugar mesmo?" E aí eu começo a pesquisar, eu descubro que várias outras mulheres já foram sozinhas, e aí você fala "não, é possível, outras pessoas fizeram, outras mulheres fizeram, e eu posso fazer também". Então, nossa, essa tranquilidade ajuda muito, muito mesmo. E as informações, quando a gente tem grupos específicos para mulheres, agências específicas para mulheres, blogs, elas são muito mais direcionadas e muito mais específicas. Então, eu falei disso num vídeo recentemente que é quando você vai procurar, por exemplo, qual é a melhor região para você se hospedar, tenta ver qual é o feedback de uma mulher que estava sozinha ali. E muitas vezes um homem vai falar "ah, não, é super segura essa região aqui", mas a noção de segurança pra um homem é completamente diferente da noção de segurança pra uma mulher. Então quando você vê esse conteúdo de turismo feito por mulheres ele ajuda muito na parte de de arranjar viagem, organizar o roteiro e de entender o que de fato você pode fazer ali. Então eu já vi muitos homens falando "ah, o centro da cidade morre um pouco à noite", porque o centro de cidade, principalmente na América Latina, eles costumam ter muito comércio de manhã, mas não é uma área residencial, então à noite você não tem movimento nenhum, "Ah, não, mas era tranquilo, não tem muito movimento, mas é ok de ficar ali". Gente, nunca vou falar pra uma mulher ficar no centro de uma cidade, principalmente capitais e tudo mais, porque de fato morre e fica perigoso pra gente, pra um homem pode não ser, mas pra mulheres vai ser perigoso.

Orador 1

É, até na nossa própria cidade, né?

Orador 2

Com certeza... Mas eu acho que... A gente precisa tomar um pouco de cuidado também com grupos. Então eu participo de vários grupos no Facebook de mulheres que viajam sozinhas, e muita gente não tem responsabilidade sobre o que fala,

porque acha que é só uma rede social tá ali compartilhando informação e tudo mais. E tem muita gente desesperada, tem muita gente que não tem experiência com viagens, mas acha que tem. Então, assim, eu vejo muitas coisas que eu falo "Meu Deus do céu, eu não quero nunca que minhas seguidoras leiam isso, achem que é isso que é pra fazer". Então, umas coisas do tipo "Ah, não, pegar Uber de madrugada no aeroporto é completamente tranquilo", não, não é, não recomendo. Pode ser que não aconteça nada, mas, assim, de madrugada, você sozinha num carro com um homem, é uma posição de vulnerabilidade Então, muita gente acaba ali usando esse espaço para falar das experiências pessoais, porque, de fato, é para isso que esse espaço serve, só que elas esquecem que elas estão escrevendo ali e tem um impacto gigantesco na vida de uma mulher que está planejando uma viagem para outro lugar, para esse lugar. E então muitas experiências pessoais, tipo "Achei a cidade tão perigosa, tão suja", "Ah, mas por quê?", "Ah, porque eu achei que as pessoas pareciam pobres". Você fala "Meu Deus do céu, você tá sendo extremamente preconceituosa e tá influenciando a viagem de outras mulheres", uma coisa que tem nada a ver, é simplesmente, pura e simplesmente, seu preconceito. Isso é uma coisa que eu tento trazer muito no meu perfil também. As suas experiências, os seus gostos, eles não podem influenciar na sua sensação de segurança em relação ao lugar. Então muita gente vai falar "Nossa, só tinha muitas pessoas em situação de rua ali, achei muito perigoso", mas é porque você se sente insegura num lugar com pessoas em situação de rua, entendeu? Isso não significa que o lugar é inseguro, não significa que aquelas pessoas vão tentar fazer alguma coisa com você e te roubar. Muito provavelmente não vai acontecer e deixa só seu preconceito.

Orador 1

Nossa... Muito interessante isso. Não tinha pensado por esse lado, porque realmente o que é... Como que eu vou dizer? A nossa experiência pessoal tá muito ligada ao que a gente acredita, o que a gente gosta e não gosta. E aí compartilhando isso também vai influenciar, então tem que realmente filtrar, né? A minha experiência tá sendo porque realmente é ou porque eu acho que é?

Orador 2

Exato. E nossa, hoje em dia isso dá uma confusão gigantesca. Começaram a aparecer muitos vídeos no TikTok de mulheres falando que quase foram traficadas viajando sozinhas, "Ah, eu quase fui traficada em Paris", Não, você não foi quase traficada em Paris, meu anjo, não faz o menor sentido isso. E aí você vê que é porque tinha um grupo de homens com fenótipo árabe ao redor dela, "Moça, é só o seu preconceito, você não foi quase traficada". E eu comecei a receber muitas mensagens de falando "é perigoso ir para Paris? É perigoso ir para a Europa? porque falam que as mulheres são traficadas". Gente, tão criando uma paranoia e um medo completamente desnecessário nas pessoas. E eu tô inclusive pesquisando e procurando especialistas pra falar sobre isso, sobre casos de mulheres viajando sozinhas que foram traficadas. Isso existe, porque você procura, faz pesquisas, internet, artigos, você não encontra nenhum tipo de relato de fato disso. Porque não é o modus operandi do tráfico humano, do tráfico de mulheres. O tráfico de mulheres acontece basicamente do jeito que passou na novela "Salve Jorge". É daquele jeito. Ninguém é sequestrada, forçada a ir para algum lugar. Não vai acontecer. No geral, você vai ter mulheres que recebem propostas de emprego e aceitam e vão de livre e espontânea vontade. Elas são enganadas, mas por quê? Porque elas estão numa situação de vulnerabilidade econômica geralmente muito forte. E assim, viajantes, turistas, nossa, eu nunca vi uma história de fato. Vou falar para você que não pode acontecer, a gente nunca pode falar isso, né? Sendo mulher, milhares de coisas podem acontecer com a gente, infelizmente não tem como dar garantia, mas não é tão simples quanto parece. E aí eu fui começar a pesquisar e eu descobri que nos Estados Unidos eles têm uma paranoia muito grande com o tráfico de mulheres, tudo eles acham que pode ser tráfico de mulheres. E eu estava escutando um podcast outro dia, de um pessoal tentando entender de onde vem isso, de onde vem essa paranoia. Porque ela não se justifica nos números, nas estatísticas, então, essa paranoia de turistas americanas que vão para a Europa e acham que toda e qualquer situação está saindo potencial situação de tráfico, isso vai para o TikTok e atinge mulheres de milhares de países, centenas de países, e elas acham que isso é uma experiência universal, que isso é um risco de fato. Então, assim, eu acho que a gente tem muito produtor de conteúdo que tem essa responsabilidade, e não querendo puxar a sardinha, mas é real, eu sou jornalista, então eu entendo a necessidade de você tentar ser o mais imparcial possível, você ser objetivo, de você entender qual é o impacto daquela informação

pra pessoa que vai receber aquilo. Então, nossa, eu tenho um cuidado gigantesco com essa responsabilidade. Porque eu sou minúscula, meu perfil é minúsculo, eu tenho dois mil seguidores, mas se um vídeo meu bate cinco mil, já é o dobro de pessoas que me acompanham que estão vendo aquilo. Então eu preciso ter responsabilidade sobre aquilo que eu que eu passo, e é uma responsabilidade que muitas vezes eu não vejo em outros grupos, em outros perfis. Então é algo que me preocupa um pouco e que acaba resvalando em mim, porque essas pessoas depois vêm perguntar pra mim, tipo "Meu Deus, eu tava com uma viagem, agora não vou mais porque vão me traficar" e eu falo "Não, ninguém vai te traficar."

Orador 1

Sim...

Orador 2

Meio (dúvida), é meio agridoce.

Orador 1

É, vamos lá. É... Como o depoimento de outras mulheres impactam nas suas escolhas para as viagens?

Orador 2

Impacta bastante quando eu sei dessa responsabilidade. Então, por exemplo, já vi muitas mulheres falando coisas do tipo "Não, viajar sozinha dentro do Brasil não dá para fazer, é completamente perigoso, não faça nunca", eu não vou acreditar no que ela tá falando, né? Eu acho que o fato de eu pesquisar muito sobre viagem há muito tempo, ser completamente obcecada pelo universo de viagens me fez desenvolver esse senso crítico de entender o que é a opinião da pessoa e o que é de fato algo que reflete a experiência de estar naquele lugar. Pessoas vão ter experiências diferentes, mas você começa a perceber alguns padrões, e você começa a entender o que é o quê. É a mesma coisa de ler a avaliação de hotel, depois de um tempo lendo, você começa a perceber o que é problema de fato do hotel e o que é uma pessoa completamente fresca e chata, que vai achar problema em tudo e vai dar uma nota baixa por causa disso. Então me influencia bastante quando eu sei da responsabilidade, mas eu tenho que tomar muito cuidado com o que eu leio e com a forma que aquela mulher tá passando aquela informação, pra

eu entender qual que é a lógica. Então, por exemplo, comunidades mais organizadas, então, outros perfis específicos de mulheres viajando sozinhas, eu confio bastante. Agora, esses relatos mais aleatórios, que você vê em grupo de Facebook, que você vê um vídeo em outro no TikTok, aí eu já deixo com o pé atrás.

Orador 1

Uhum... Entendi. Bom, vamos para a parte de seguranças. Você sente alguma pressão estrutural quanto à sua decisão de viajar sozinha?

Orador 2

Olha, se eu falar que não, eu vou estar mentindo porque eu sinto que existe uma pressão inconsciente. Eu nunca passei por situações de pessoas próximas que virassem pra mim e falassem algo ruim sobre eu viajar sozinha. Acontece com comentário, TikTok, no Instagram, gente me chamando de doida, falando que é triste. Isso só acontece de vez em quando, mas ninguém nunca chegou e falou isso pra mim, então eu não sinto isso pela fala das outras pessoas, pela reação das outras pessoas. Mas a gente sente isso no nosso inconsciente de vivências como mulher. Então aí às vezes você lê comentários, às vezes em vídeos, em posts que não são nem seus, que não são nem do meu perfil, são de outras mulheres. E aí você começa a ter uma percepção melhor de o que muitas pessoas veem quando elas enxergam uma mulher viajando sozinha. Tem gente que acha que você viaja sozinha pra fazer turismo sexual, você tá mentindo que você tá viajando sozinha, você tá indo viajar com seu namorado, você não quer contar pra sua família, você tá escondendo. Então assim, rolam umas percepções muito estranhas que... Isso impacta um pouco, assim, na forma como eu quero deixar claro o que eu estou fazendo, e que eu simplesmente estou fazendo uma viagem porque eu quero conhecer outros lugares. Então você sente essa pressão pra não abrir nenhum tipo de brecha, nenhum tipo de precedente pras pessoas pensarem que você tá viajando por motivos bizarros, e sim, que você só tá viajando porque você quer conhecer o mundo. Então acho que sinto um pouco, mas não é nada que de fato mude as minhas escolhas e as minhas opções de viajar. Eu acho que, como eu falei, eu já sou muito acostumada a fazer várias coisas sozinha. A opinião geral das pessoas sobre estar bem com a sua própria companhia não é algo que me afeta muito. Então sempre tem gente que fala "nossa, mas é impossível ser feliz sozinha, é

impossível você gostar de fazer alguma coisa quando você tá sozinha" Eu sei que não é, minha experiência de vida inteira me mostra que não, é completamente possível. Então, quando elas falam isso definitivamente não me afeta.

Orador 1

Sim... Bom. Você já sofreu algum tipo de constrangimento, medo ou assédio quando viajou sozinha?

Orador 2

Constrangimento... Não me lembro. Ao contrário, eu não costumo falar muito que eu estou viajando sozinha por uma questão de segurança. Já inventei muitas desculpas e muitos maridos que não existem (risos). Quando perguntam, você tá viajando sozinha? "Não, meu marido tá lá no hotel trabalhando e eu saí pra passear". Medo... Já passei por algumas situações de sentir medo, e assédio... Já, mas no geral é aquele assédio de rua, de ficarem mexendo com você, olhando, te medindo. Nada muito diferente do que eu passaria, do que eu passo andando sozinha em São Paulo indo trabalhar, viver, assim. Nada muito mais grave. Eu acho que teve uma vez que eu fui seguida em Viña del Mar, no Chile. Eu percebi que tinha um homem me seguindo, mas eu consegui ali ir para um lugar onde tinha mais gente, acabei encontrando pessoas que eu tinha conhecido num passeio que eu tinha feito no dia anterior e ele acabou sumindo, assim. Mas é aquilo, infelizmente não foi a primeira vez que eu fui seguida, então eu sabia que eu não ia deixar aquilo acabar com a minha vida, a minha viagem. Mas eu tinha um plano, um plano estruturado do que eu ia fazer se eu visse aquele homem de novo, se ele tentasse fazer alguma coisa mais séria. Essa preparação, uma coisa que eu sempre falo também, de você ter esse sangue frio de entender o que você precisa fazer para você não surtar no primeiro momento se esse tipo de coisa acontecer. E medo, eu já senti medo nessa situação, obviamente, uma pessoa te seguindo não é nem um pouco legal. Uma vez, eu costumo pegar transfer compartilhado, né? Porque você vai com várias outras pessoas quando você não tem opção de transporte público, quando muito cedo, muito tarde, principalmente nesse trajeto hotel/aeroporto. E uma vez eu fiz isso quando eu tava na Atacama, então eu precisava, eu precisava sair de uma cidade de San Pedro de Atacama e chegar em uma outra cidade, que é Calama, que dá uma hora e meia de viagem, mais ou menos, que é em Calama que

tem aeroporto. Tava voltando e eu tinha contratado um transfer compartilhado, só que não tinha mais ninguém no meu horário, então foi um transfer individual, só eu e o motorista. Esse motorista foi um dos que ficou fazendo várias perguntas do porquê que eu estava sozinha ali e não sei o quê. E no começo eu fiquei um pouco tensa porque você tá literalmente no meio de um deserto, então o caminho de San Pedro pra Calama era no meio do deserto, era de madrugada, não tinha sinal de internet ali, não tinha nada e eles faziam aquele monte de perguntas. Só que eu comecei a perceber que ele estava genuinamente curioso, querendo entender, e não de fato querendo tramar alguma coisa contra mim. Então eu senti um pouquinho de medo ali, mas não foi nada demais. E já passei por umas outras situações de falar "Meu Deus, eu me ferrei, eu vou me enfiar num perrengue", mas nada especificamente relacionado a viajar sozinha, eu estava sozinha, mas não era necessariamente sobre isso. Então... Eu estava na Itália no meio do ano passado, numa cidadezinha muito pequena, zero turística, que eu tinha que fazer um bate e volta, e a estação de trem era literalmente a linha do trem, e você tem uma plataforma, uma máquina para você comprar o bilhete e é isso. Assim, se eu olhava nos painéis de informações, o mais recente era de 2016 (risos). Eu só sei que eu olhei os horários dos trens, olhei tudo bonitinho, fui lá, comprei meu bilhete e fiquei esperando. O trem atrasou, tipo, 10 minutos e era o último trem. Foram os piores 10 minutos. Nossa, eu falei, "cara, esse trem não vai passar mais, eu vou ficar presa nessa cidade. Não tem um ônibus, o que eu vou fazer?". Mas é aquela coisa, não era um medo por eu estar sozinha, mas é o medo de perder o trem e ter que, de repente, sei lá, achar um hotel ali, de dar um jeito de voltar. Mas, no geral, eu tento organizar minhas viagens para minimizar as situações que vão me fazer sentir medo. Então, eu tento ao máximo não fazer isso que eu fiz de pegar voo muito cedo, muito tarde. Às vezes, os preços das passagens são muito loucos, então é a única opção, mas eu tento ao máximo não fazer isso. Eu tento não entender qual é a logística da cidade pra saber que horário que eu tenho que sair. Por exemplo, Espanha, na Espanha as pessoas abrem muito tarde, então não adianta você sair 8 horas da manhã, você vai pegar tudo fechado, você tem que sair a partir das 10. E o horário de voltar também, então, na Espanha tudo fica muito movimentado até muito tarde, então não tem problema você ficar na rua até um pouco mais tarde se você souber quais caminhos fazer. Então assim, não pegar ruas estranhas, ficar sempre nas avenidas principais Então essas situações acabam te protegendo de sentir o

medo Então às vezes...Cara, a Espanha é um dos países mais seguros que eu já conheci, assim, senti a zero medo. Mas às vezes você tá numa situação que vai fazer com que você se sinta desconfortável, que você sinta medo. Então, é uma rua mais escura, em muitos países isso não vai ser um problema, mas a gente é brasileira, a gente tem esse medo. Mas no geral, eu acho que é isso. E eu... Se sentir confortável, é com a experiência. No começo é estranho, não começo é aquela coisa de eu olhar pra trás no avião pra ver se não tinha... Esperando alguém, mais alguém ali. É você ficar com vergonha de tirar foto sozinha, é você achar que as pessoas estão olhando pra você e prestando atenção, "nossa, ela tá sozinha", não, ninguém tá prestando atenção em você, ninguém liga. Se eles perceberem, eles vão tá achando incrível, "nossa, que legal, ela tá viajando sozinha", e não o contrário. Você tá num restaurante, ninguém tá ali e fala "Nossa, que pena que ela tá sozinha, que dó", as pessoas só querem comer a comida delas. Então, é muito de você tirar essas questões que são muito mais nossas do que das outras pessoas da cabeça, pra você perceber que está tudo bem você estar ali, ninguém liga, está tudo ótimo.

Orador 1

Quais cuidados você julga necessários tomar ao realizar uma viagem sozinha? Você tem estratégias para se manter segura durante a viagem?

Orador 2

Já me antecipei e falei um monte disso na pergunta anterior (risos). Mas olha, falando de cuidados, uma coisa que a gente percebe viajando sozinha é que os cuidados numa viagem não são diferentes dos cuidados que a gente toma no dia a dia. Então, vai pegar um Uber, compartilha a corrida. Você vai... Sei lá, você vai andar até mais tarde, presta atenção em quais são os caminhos que você vai fazer. Anda com segurança na rua, não anda mostrando que você está perdida ou que você não conhece o lugar. Não é para dar papo para homem, principalmente desconhecido. São cuidados muito intuitivos, até mesmo, eu diria, para mulheres. Então são coisas que você faz normalmente no seu dia a dia Não entrar em rua escura, não entrar em lugar, rua vazia. Coisas que você já faz e que você vai continuar fazendo, coisas que muitas vezes você deixa de fazer quando você está viajando com outras pessoas, porque você relaxa, porque você tá de férias e tudo

mais. Mas viajando sozinho você não pode, você não pode meio que baixar a guarda, você tem que estar sempre alerta para o que está acontecendo. Então se eu não tivesse alerta, eu não ia ter percebido o homem me seguindo, e eu não ia ter conseguido tomar atitudes para me livrar de potenciais problemas. É muito de você se manter atenta e de você criar um ambiente para você estar sempre o mais segura possível. Então, uma coisa que eu sempre falo é que quanto mais pessoas ao seu redor, mais seguro vai ser para você. No Brasil a gente tem muito essa coisa de ter medo de transporte público, tem medo de lugar lotado, por medo de furto, de assalto, de violência urbana no geral. Mas a experiência da coletividade na Europa, por exemplo, é completamente diferente. E isso faz com que você entenda um pouco mais qual é a segurança que você está buscando. Uma vez eu fiz um post sobre isso, porque tem gente que fala "Nossa, mas São Paulo não é uma cidade segura, todo mundo pode ser assaltado", "É muito lotado" e não sei o quê. Sim, de fato, mas quando eu falo de viagem sozinha, eu falo muito mais de uma segurança da sua integridade física do que de bens materiais. Então, assim, você estar num lugar mais movimentado, mais lotado te deixa mais vulnerável a furtos? Deixa. Mas deixa, assim, a possibilidade de você ser assediada, de alguém tentar fazer alguma coisa com você ser muito menor, porque tem outras pessoas ao redor. Então, eu sempre falo, usa mais transporte público do que transporte, por exemplo, táxi, carro de aplicativo, porque você tá ali sozinho com o homem dentro do carro. Vai acontecer alguma coisa? Provavelmente não, não existe um consenso muito grande sobre isso ser uma forma de transporte perigosa. Não é perigoso. Mas é mais seguro quando tem outras pessoas ali. Eu falo isso sobre hostel também, quando eu falo que acho quarto compartilhado mais seguro do que você ficar sozinha num quarto de hotel, é porque você tem outras pessoas ao seu redor. Então a chance de uma pessoa fazer alguma coisa com você enquanto você está dormindo, sabendo que tem outras quatro pessoas, seis pessoas, oito pessoas dormindo ali, e qualquer grito vai acordar, é muito menor. Então, de novo, não é como se quarto de hotel fosse perigoso, eu até prefiro ficar num quarto só eu, sozinha, muito mais confortável, tem mais privacidade. Não é perigoso, mas se você começa a pensar nesse tipo de situação, se um homem entrar no quarto de madrugada, a chance de você gritar e alguém ouvir é menor do que se alguém deitar na tua cama de madrugada num quarto compartilhado e você grita... E outras estratégias pra me manter segura? Assim... No geral, é isso. Pensar nos horários, não estar em

lugares vazios, não ficar até muito de tarde, da noite, não falar para as pessoas que eu tô sozinha de jeito nenhum. É muito difícil eu falar que eu tô sozinha. Normalmente eu falo que eu tô com outras pessoas, que eu tenho amigos na cidade, que o marido tá trabalhando no hotel. Tem uma questão de feeling também. Você sente um pouco de quem você pode confiar, quem ali é seguro. Quanto mais cedo, quanto mais tarde, mais perigoso. Justamente por essa questão de iluminação e de movimento. Com o movimento ali, você não tem muito ao que recorrer. Uma coisa que eu sempre faço é deixar o meu roteiro e todas as minhas reservas e absolutamente todo o meu itinerário de viagem com pessoas de confiança, e saber a quem recorrer se eu precisar, né? Então, tanto pessoas que estão em casa, eu tenho uma amiga que eu sei que, assim... Acho que ela é a dupla mais responsável que eu conheço, então, qualquer coisa que acontece, eu aviso ela. Então, quando eu fui para a Itália, eu fiquei doente e ela foi a primeira pessoa que eu avisei, porque é esse tipo de coisa, você tá doente, você percebe que tem alguma coisa errada ali, avise alguém no Brasil, para a pessoa ficar sabendo do que tá acontecendo e poder tomar qualquer tipo de medida, acionar o seu seguro por você e tudo mais. E também identificar pessoas na viagem que você confia. Não confie 100%, mas pessoas que de repente podem te ajudar em alguma situação, então, algum funcionário do hotel, do hostel, alguma mulher que está dividindo quarto com você no hostel, algum funcionário de agência de transporte, algum funcionário de agência de turismo, alguma agência que você fez algum passeio. Então, fazer esse julgamento de quem são pessoas mais confiáveis, principalmente mulheres. É bem complicado confiar em homem quando você está viajando sozinha. Bem complicado mesmo, não recomendo para ninguém. Mas, no geral, é mais ou menos isso.

Orador 1

Você se sente segura ao viajar sozinha no território brasileiro? Você chegou até a comentar sobre isso, né? Qual a maior dificuldade ou facilidade que uma mulher encontra ao viajar sozinha pelo Brasil, ao seu ver?

Orador 1

E fui sozinha pelo Brasil em 2021, eu até 2021 nunca tinha viajado sozinha no Brasil. Eu fui para Curitiba em 2021 e ano passado eu fui para BH e fui para Floripa

sozinha, e eu tô tentando aumentar minhas viagens nacionais até pra ter essa experiência e poder contar. Não me sinto insegura, mas o turismo no Brasil não tem tanta estrutura quanto você encontra em outros lugares, então ele não tem várias facilidades que tem em outros lugares. Então, é muito bom você viajar pelo Brasil porque você tá mais próximo da sua casa, você tá falando o mesmo idioma, você tem a mesma moeda, você não vai ter nenhum problema de comunicação e você meio que sabe como se virar, né? A gente sabe como se virar no próprio país. Então isso facilita, só que por outro lado, não são todos os lugares que têm essas facilidades para o turista no geral, não só para a mulher sozinha, mas que são coisas que influenciam. Então, cara, a Europa... Nossa, é tão fácil, é tão simples, é tão tranquilo. É muito mais fácil, porque você sabe que vai chegar no aeroporto e vai ter mil opções de transporte público para você sair. Você sabe que vai conseguir achar metrô e ônibus para ir para todos os cantos que você quiser, você sabe que a cultura é de ter uma questão urbanística, realmente, de arquitetura. Então, a Europa, principalmente as grandes cidades, você vai ter sempre uma estrutura de ter comércio no térreo e nos andares de cima você tem residências. Isso faz toda a diferença quando você pensa em segurança. Por quê? Porque a maior parte das áreas da cidade vai ter movimento o tempo todo. Tem comércio e tem gente morando. Então sempre tem gente ali, isso facilita muito na parte da segurança. Isso ajuda muito quando você precisa de qualquer coisa. Porque você tem acesso ao que você precisa comprar, ao serviço que você precisa a qualquer momento. Não são todos os lugares da Europa, os lugares não são tão estruturados dessa forma, mas a maioria, os destinos clássicos para onde todo mundo quer ir, é bem, bem, bem simples, assim, é completamente fácil. Você acha muita informação, você tem transporte principalmente, essa questão de aeroporto, opções. Então, por exemplo, hostel é uma coisa que ainda não é tão comum no Brasil, acho que nos últimos anos a gente teve, nos últimos anos pré pandemia, né, a gente teve uma popularização um pouco maior, mas na Europa é muito mais comum do que aqui. E o hostel ajuda muito por uma questão de custo, né, porque você tá pagando pela cama. Hotel, às vezes, você vai pagar num quarto individual a mesma coisa que você pagaria num quarto duplo, então você paga o dobro. Não sei se já me deu alguma coisa que eu queria comentar. Assim, falando em América Latina, por exemplo, aí você já tem também alguns lugares que tem um pouco mais de dificuldade, que aí se assemelha mais ao Brasil, só que tem alguns países, por

exemplo, Chile. O Chile tem uma estrutura turística muito legal, então você acaba tendo várias facilidades. Uruguai também, um dos países que eu conheço. Argentina tem uma super estrutura turística, a gente consegue se virar super bem, mas eu sei que não são todos os lugares que são assim. Então quando você vai para um lugar que ele demanda menos na sua preparação de ter que ficar fazendo conta, ter que fazer quebra cabeça, ter que pensar em horário, ter que ficar pensando em todas as formas que você vai ter que se virar ali, é muito melhor. Porque aí você foca no que realmente importa, que é viver a viagem.

Orador 1

Alguma política pública ou costume local trouxe facilidade ou sensação maior de segurança durante uma viagem solo que você tenha praticado? Por exemplo, pousada apenas para mulheres, que seria o costume, vagões exclusivos para mulheres e transporte públicos, coisas desse tipo.

Orador 2

Eu não consigo lembrar de nada muito específico. Eu posso até tentar lembrar e te falar depois.

Orador 1

Sim, claro.

Orador 2

Mas... Eu acho que não, assim. Infelizmente, não.

Orador 1

Algum lugar que você talvez tenha sentido que a segurança pra mulher fosse mais valorizada, sabe? Mais trabalhada.

Orador 2

Eu acho que na Europa, no geral, você vê muitas manifestações do tipo placas sobre feminismo, coisas nas ruas, pixações, arte de rua, não chega a ser política pública, né? Mas é o costume que acaba fazendo com que você perceba que essa questão é valorizada, que existem pessoas olhando para esse tópico. Então isso traz um pouco de conforto, uma sensação de que se você passar por algum

problema, você vai encontrar pessoas dispostas a te ajudar a resolver. Só isso, queria muito lembrar de... Ter alguma coisa específica.

Orador 1

Não, tudo bem. Quais seriam as principais recomendações, se fosse para dar... Principais mesmo, para uma mulher que pretende fazer sua primeira viagem sozinha?

Orador 2

O primeiro ponto é se preparar desde antes da viagem. Então, começar a fazer várias coisas sozinhas. Se você nunca foi para o cinema sozinha, vai no cinema sozinha, se você nunca foi em um café sozinha, vai sozinha. Vai passear, vai fazer coisas só com você. Pode ser muito estranho no começo, mas você precisa fazer isso para você se acostumar e não passar por uma sensação de estranheza, e de estar no lugar errado quando você viaja sozinha. Porque isso vai fazer com que você se acostume com você mesmo. Se acostume consigo mesma. Que você comece a compartilhar as coisas com você, você tem aquele movimento de, ao invés de comentar as coisas que você está pensando com outra pessoa, você comenta com você, você pensa sobre isso, você anota isso mentalmente. Então, eu acho que isso é uma das principais coisas, porque quando você se acostuma com você mesmo, isso é um processo. Você provavelmente vai começar a viajar sozinha sem estar 100% acostumada, mas quando você começa a fazer isso, as coisas ficam muito mais fáceis. O segundo é ignorar listas de países mais seguros para mulheres, lugares mais seguros para viajar sozinha, porque isso não é garantia de nada. Isso é muito mais estereótipo do que qualquer outra coisa. Então, por exemplo, eu não falaria para você que viajar para o Japão sozinha é perigoso, de forma nenhuma, só que o Japão tem questões com machismo e com violência contra a mulher que são muito relevantes e que são um problema para o país. Então, assim, o que a gente está levando em consideração na hora de falar o que é seguro ou não, né? A gente mora no Brasil, Brasil definitivamente não é um país seguro para a mulher. Pelas minhas pesquisas, o Brasil estaria no segundo lugar dos países mais perigosos para fazer um turismo solo feminino. Porque a gente tá aqui, né? Morando aqui, milhares de mulheres. Não diria que na melhor situação possível, mas a gente vive. E assim, nunca vou falar para uma mulher não vir para o

Brasil por conta disso. Então assim, ignorar isso e ter autonomia na hora de fazer as suas escolhas, eu bato muito nessa tecla justamente porque eu não gosto desses grupos em que as pessoas não têm responsabilidade sobre o que elas falam, né? As pessoas viram e falam coisas muito preconceituosas, que são muito mais estereótipo do que qualquer outra coisa, principalmente países do Oriente Médio, países de maioria muçulmana. As pessoas não sabem, mas elas julgam demais e elas acabam influenciando a decisão que você vai tomar. Então estude muito sobre viagens em si e sobre o destino que você quer conhecer Para que você desenvolva esse senso crítico, para ter autonomia de falar "não, esse lugar eu me sinto segura, eu me sinto confortável para ir, esse lugar não", e não vai ser porque a fulana de tal disse isso ali, porque a ciclana falou isso no TikTok. Você pode levar em consideração, espero que você leve em consideração a experiência de outras mulheres, mas mulheres que têm responsabilidade sobre o que elas estão falando, sobre o que elas estão compartilhando. Porque assim, você pode passar por experiências ruins em qualquer lugar do mundo, não vai ser porque a pessoa falou que, sei lá, a Dinamarca é o lugar mais seguro para mulheres, que isso vai ser garantido, que nada vai acontecer com você ali Isso tem muito mais a ver com as suas atitudes e a sua postura e o que você faz para tornar essa viagem mais segura do que com o lugar em si, né? Na maioria das vezes. E tem lugares que, beleza, não é pra ir de jeito nenhum, a gente sabe que são mais perigosos, mas não é a situação na maioria dos lugares turísticos que você vai querer conhecer. Então, assim, se tem vontade de ir pra um lugar, pesquise o que fazer pra ir pra ele. Quando você começar a pesquisar e ir a fundo, você vai entender se aquele lugar é pra você ou não, entendeu? E tomar cuidado com quem você confia esse tipo de dúvida também. Eu esqueci de falar isso na parte da importância dos grupos e tudo mais, que às vezes eu fico um pouco assustada com perguntas que eu recebo. Então as pessoas, elas confiam em mim decisões que não são minhas, né? Decisões que são elas que precisam tomar. Elas têm que ter essa autonomia para pesquisar e para entender o que elas querem fazer, tipo "Ah, o que eu faço na Itália em 10 dias?" Não faço a menor ideia (risos).

Orador 1

O que você gostar de fazer (risos).

Orador 2

Exato. Então, tipo, esses dias me perguntaram "ah, eu quero ir pra Itália, onde é que eu me hospedo?" Então, é um país, né? Então assim, às vezes eu sinto que as pessoas elas têm um despreparo muito grande em relação a viagens, a preparação de viagens e isso acaba apanhando muito porque quando você viaja sozinho você precisa ter um preparo muito forte, você precisa pesquisar muito sobre o lugar, entender muito sobre ele pra se sentir bem, pra se sentir confortável pra fazer essa viagem. Então, se você não sabe fazer o básico que é preparar a viagem independente de companhia ou não, você não vai conseguir fazer isso sozinha. E aí, provavelmente, talvez você tenha problemas por não considerar essas variáveis, essas questões que são específicas para quando você está viajando sozinho. Então, questão de horário, questão de movimento, onde você vai se hospedar, qual vai ser o tipo de transporte que você vai usar... Outras recomendações? Não tenha medo dos lugares coletivos. Eles são seus melhores amigos. Sempre. Nossa, é ótimo. É muito bom você estar no metrô, você estar num ônibus. Saber que tem outras pessoas ali com você e não que você está num carro com uma pessoa desconhecida que não sabe se ela vai querer fazer alguma coisa com você. É aquilo, provavelmente vai acontecer? Não. Mas a sensação de segurança no espaço coletivo é maior, e eu acho que muitos brasileiros não têm essa percepção. Já vi pessoas reclamarem porque a mesa no restaurante na Europa era coletiva, não tinha uma mesa individual só pra eles, é uma coisa muito do brasileiro, né? Não querer compartilhar dessa forma, não entender essa mentalidade europeia que enfim, tem milhares de razões também, mas que traz muito benefício quando você viaja sozinho. Nossa senhora, poderia passar o dia aqui falando das recomendações, né? Nossa... Muita coisa. Não falar que você tá sozinha, ninguém precisa saber, não faz diferença, pode mentir. Muitas pessoas vão perguntar só por curiosidade, mas você não tem como adivinhar quais são as motivações, qual a índole daquela pessoa. Sempre manter as pessoas avisadas no que você vai fazer. Então assim, eu sempre, antes de viajar, eu imprimo passagem aérea, todos os hotéis, meu roteiro, seguro viagem, tudo, e deixo sempre com os meus pais, e se eu faço alguma mudança, eu aviso. Compartilhar localização é uma coisa que também pode ajudar. E o que mais? Ah, pensa no dinheiro, porque se você for assaltado e levarem todo o seu dinheiro você vai ter um problema, porque você tá sozinha, então sempre deixe o dinheiro espalhado. Leva várias modalidades, então, leva cartão de crédito, cartão de débito, moeda, sempre guarde em lugares diferentes,

dentro da bolsa ou tipo em vários lugares, nunca deixe em um lugar só porque se você perder tudo vai ser um problema. E em relação ao orçamento também, levar em consideração que se você for fazer uma viagem sozinha da mesma forma que você faria uma viagem com companhia, ela vai ficar muito mais cara. Então se você for se hospedar em hotel, provavelmente vai ficar mais caro, se você for ficar andando de Uber o tempo todo, você não vai ter com quem dividir aquela conta, se você for comer em restaurante o tempo todo, você não vai ter com quem dividir o prato. E os passeios também, dependendo do tipo de passeio que você for fazer, às vezes, para dupla, é muito mais barato que uma pessoa só. Então, pensar em como você pode estruturar essa viagem para você não estourar o orçamento, porque é muito fácil fazer isso se você pensar na viagem sozinha, se ela fosse uma viagem com companhia. Acho que eu sempre falo de segurança, que é bem importante, o Instagram tem muitas pessoas estranhas, então quando você posta alguma localização nos seus stories, vira e mexe, vai chegar alguém na sua DM e falar "Ah, você tá aqui nessa cidade? Onde você tá?" Então, por exemplo, no meu perfil eu nunca compartilho minhas viagens em tempo real, só depois que eu volto, porque eu não quero que saibam onde eu estou em tempo real. E eu acredito que essas sejam as principais. Não baixe a guarda, fique atenta aos seus arredores, com tudo o que você faz no seu dia a dia, não anda com cara de perdida, não anda olhando para o mapa celular, né? Sempre tentar pedir ajuda para mulheres quando precisar. E essa é bem triste, mas tentar não ser tão simpática com homens. Então, ser simpática com homens é fazer com que eles achem que você tá dando em cima deles, que você tá dando abertura, que você tá dando mole. E assim, quando eles veem que de repente você tá sozinha ali, eles vão achar que é uma ótima oportunidade e vão te deixar numa situação minimamente constrangedora. Então, anda mais com a cara fechada, seja educada, mas não precisa ser tão simpática, acho que principalmente em outros países em que eles não são acostumados com o jeito brasileiro. Ser super legal com todo mundo, ser simpática, ser amigável, dar risada, eles acham que tudo é flerte. Então acho que tomar esse cuidado, mas pra não ficar numa situação desconfortável, numa saia justa ali. E não ter medo de falar não, sabe? Porque muitas vezes a gente tem medo de se impor e de falar não. E nem sempre é uma situação de perigo, mas assim... Tá no hostel, te chamaram pra passear junto, mas você não quer passear com aquelas pessoas, você fala "ah, não, tô com outros planos, acho que hoje eu tô indo sozinha". Fale. Isso atrapalha a

sua viagem, sabe? Porque senão você vai acabar fazendo coisas que você não queria e vai acabar com todo o princípio de você viajar sozinha e fazer o que você quer.

Orador 1

Sim. Bom, vamos para a última. Quais mudanças você enxerga em si mesma desde que iniciou sua jornada como viagem de solo?

Orador 2

Meu Deus, são muitas. Eu acho que a principal é me enxergar como capaz de fazer o que eu quiser. Então, eu acho que isso é uma coisa muito enraizada em mulheres, né? A gente tem essa síndrome de impostora. De achar que nada do que a gente faz é bom, nada do que a gente faz é o suficiente, nada do que a gente faz tá certo, né? Você tem aquela dúvida "Meu Deus, será que eu tô fazendo certo? Será que eu não tô?" E quando você tá viajando sozinha, não tem mais ninguém ali pra fazer com você. Tudo que você faz é mérito seu, tudo que você resolve é mérito seu. Você planejar essa viagem inteira e ela dar certo é um mérito seu. Então isso é muito, muito, muito gostoso. Isso foi uma coisa que melhorou muito em mim desde que eu comecei a viajar. Eu acho que um outro ponto é parar de ter medo de não fazer as coisas que eu quero na minha vida, é uma coisa um pouco normal quando a gente está em situação de final de faculdade "Meu Deus, o que eu vou fazer agora?" "Será que vou conseguir fazer as coisas que eu sempre quis para a minha vida, realizar sonhos e tudo mais?". Quando você viaja sozinha, você tem um gostinho de que você vai sim conseguir, que você vai ser capaz, de que isso vai dar certo. Nossa, eu sou muito mais autoconfiante, muito mais comunicativa e muito mais aberta para as oportunidades do que eu era antes. Eu acho que no começo eu tinha muito receio da forma como as pessoas iam me tratar, se eu ia falar alguma coisa errada, se eu ia falar alguma coisa estranha, se eu não tinha outros idiomas. Mas quando você está sozinha, você vai ter que se virar de qualquer forma, e você percebe que a gente consegue se comunicar, a gente consegue se virar, a gente não tem nada errado com a gente. Mas isso mudou bastante em mim, de coisas do tipo "Nossa, será que eu vou ali pedir informação?", aí eu simplesmente vou e peço, não tem mais essa barreira tão grande. Nossa, é tanta coisa, mas é tanta coisa. Tem um ponto que eu também acho bem interessante que é entender onde eu

posso estar por ser mulher. Então, eu acho que no Brasil a gente se priva de muitas coisas, por motivos óbvios, né? Questão de segurança, de medo, que é normal. Mas isso faz a gente achar que existem lugares e situações específicas pra gente. E quando você começa a viajar sozinha, acho que principalmente quando você vai pra fora e começa a conviver com outras mulheres, você percebe que não tem nada disso... Eu lembro que eu tinha muito medo de pegar ônibus sozinha quando viajava. Quando eu tinha, por exemplo, que descer no meio do caminho. Se eu fosse, por exemplo, pegar ônibus num terminal, se eu tinha que descer num outro terminal, beleza. Se eu tinha que descer no meio, eu morria de medo. Eu achava que ia dar tudo errado. Assim, tinha bate e voltas que eu queria fazer na Espanha que eu não fiz por causa disso, falava "nossa, vai dar errado". Mas aí também tem muito a ver com essas outras coisas Tipo "nossa, eu não vou querer me comunicar, não vou querer pedir para o motorista me avisar, eu não vou querer perguntar para as outras pessoas", essa ansiedade você consegue controlar quando você percebe que vai dar tudo certo, vai dar tudo bem, você vai conseguir se virar. Muito porque tem muito mais gente boa no mundo do que ruim, você vai encontrar pessoas maravilhosas que vão te ajudar, que às vezes vão, assim, virar amigos até para a sua vida viajando sozinha. Então, é muito engraçado isso, porque eu falo que não é para confiar tanto nas pessoas, mas eu aprendi a confiar um pouquinho mais nas pessoas viajando sozinha. Eu sempre falo pra você ser desconfiada quando você viaja sozinha, você tem que ser uma mulher desconfiada mesmo. Mas você, aos poucos, você consegue encontrar o seu equilíbrio, o que faz sentido para você. Então, eu até confio em depositar algum tipo de confiança nas pessoas que eu conheço no meio do caminho, e até na vida no geral mesmo. E eu acho que tudo isso só reforçou a questão de que eu nasci para viajar e eu quero fazer por o resto da minha vida, e que são pouquíssimas as coisas que vão me impedir de fazer isso. Então, tendo o tempo, o dinheiro e vontade e não preciso de absolutamente mais nada. Você para de procurar empecilhos e de encontrar esses empecilhos na sua vida para fazer essa viagem. Eu acho que a autoconfiança é o principal ponto Acho que muitas outras coisas giram em torno disso De você ter mais confiança em si mesmo E de você perceber que você é capaz E que você é uma pessoa completa, sabe? Eu acho que ter companhias, ter, sabe, companheiros de vida, amigos, família, cara, isso é maravilhoso. Eu não consigo imaginar a minha vida e as pessoas que eu amo ao meu redor, mas eu também gosto muito de mim, né? Então

você aprender a gostar de você, é fantástico você perceber que não tem absolutamente nada de errado de falar "meu Deus, hoje eu só queria ir no cinema sozinha, quero ficar só comigo", e vai ser maravilhoso, perfeito, melhor do que se de repente você estivesse com outra pessoa. Então você naturaliza, sabe? E aí vira uma questão do tipo... Vamos parar de olhar mulheres sozinhas como algo triste, né? Não é triste. A gente tá simplesmente vivendo nossas vidas aqui de boa porque nós somos pessoas completas. As pessoas ao nosso redor que são importantes, são. Eu acho que isso é uma coisa que a gente tem como sociedade, melhorado muito Mas que é algo que ainda pesa pra muitas mulheres, assim, a nível pessoal. Acho que no fundo, quando você deita ali na cama pra dormir e começa a pensar nisso, é algo que muitas vezes pesa, né? Tipo, "Nossa, mas eu não... Será que eu vou ficar sozinha pro resto da minha vida? Será que eu não vou dividir a minha vida com mais ninguém?" Talvez você não encontre ninguém, está tudo bem, não precisa ser algo ruim. Você consegue viver uma vida feliz se você, de repente, não encontrar ninguém, sem fixo, nenhum parceiro. Se você demorar para casar, demorar para, sabe... Consegue enxergar beleza em outras coisas da vida, quando você percebe quantas experiências incríveis e maravilhosas você está vivendo sem precisar de mais ninguém.

Orador 1

Então, é isso. Eu quero te agradecer demais pelos seus relatos.

Orador 2

Eu espero que tenha ajudado.

Orador 1

Com certeza. Espero que tenha sido confortável pra você essa experiência. Enfim, muito obrigada mesmo. Adorei saber de tudo, te conhecer, foi muito bom. Assim que eu fizer a transcrição da nossa entrevista, eu te envio por e-mail, tá?

Orador 2

Imagina. Foi ótimo participar.

Apêndice 3. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Jocelaine de Araújo



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
DEPARTAMENTO DE TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Eu, Jocelaine [REDACTED], portadora do CPF [REDACTED], depois de entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados para a pesquisa intitulada "A prática do turismo solo ou em grupos femininos e suas complexidades", estando assim ciente da necessidade da gravação de minha entrevista para que seja feita a transcrição posteriormente, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. A imagem e áudio de minha gravação não serão divulgados em nenhuma hipótese, sendo necessária apenas para a transcrição da entrevista posteriormente;
2. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
3. Caso não me sinta confortável em responder alguma pergunta, tenho a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento;
4. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
5. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
6. Serei livre para solicitar a gravação e transcrição de minha entrevista, assim como a pesquisa, assim que concluída.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa a Srª poderá entrar em contato com os responsáveis pelo estudo: Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva (discente) e Leandro Benediti Brusadin (docente orientador), que podem ser localizados no Campus Universitário Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito Turismo e Museologia, Ouro Preto, Minas Gerais, ou pelo e-mail isabella.vargas@aluno.ufop.edu.br e leandro@ufop.edu.br, respectivamente.

Este termo será assinado em uma via digital, pela senhora e pelos responsáveis pela pesquisa, ficando sobre o poder de ambos.

Desde já, agradecemos sua valiosa contribuição.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
DEPARTAMENTO DE TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Assinatura do entrevistado

Janeiro Paulista - SP 31/01/23
Cidade (UF) Data

Isabella Kathlem Bastos Vargas da Silva

Assinatura do responsável pela pesquisa

Ouro Branco (MG) 25/01/2023
Cidade (UF) Data

Apêndice 4. Transcrição da Entrevista - Jocelaine de Araújo

Orador 1

Prontinho. Agora que nós iniciamos a gravação, eu preciso te perguntar novamente, você autoriza a gravação dessa reunião?

Orador 2

Sim.

Orador 1

Vamos começar... Bom, primeiro eu gostaria que você começasse se apresentando para eu poder te conhecer. E aí você pode falar sobre você, o que você se sentir confortável de dizer.

Orador 2

Tá... Meu nome é Jocelaine, né? Eu tenho 38 anos, hoje eu consigo falar minha idade (risos), uns anos atrás eu não falava. Mentia, minha idade... Eu sou casada, eu moro hoje no interior de São Paulo, mas eu já morei em quatro estados, já morei em três países, já morei em vários lugares em função da minha formação. Eu sou engenheira florestal por formação da Unesp em Botucatu. Então, eu acho que tem um link, né, que você começou a falar da questão da mulher, né, do feminino ali, então, para mim, eu acho que deu um link até para viajar sozinha com a minha experiência, né. Eu trabalhei 14 anos na área florestal, né, em colheita florestal. Então, na colheita florestal, né, tem um negócio que chama Rede Mulher Florestal, que é uma rede mesmo de mulheres no Brasil inteiro, várias empresas, como se fosse uma ONG, e elas fazem várias ações e uma vez por ano elas divulgam um levantamento que elas fazem todas, não sei se em todas, mas na maioria das empresas florestais e na área de colheita florestal somente 2% das pessoas que trabalham com colheita é mulher. Então é a área mais masculina de toda a área florestal. Então eu acho que por essa minha experiência nessa área tão masculina que eu trabalhei 95% do tempo com 99% de homens né, eu praticamente era única. Só acho que nos últimos dois, três anos que eu tinha mais mulher trabalhando junto comigo, mas eu sempre fui a única. Então a questão de viajar sozinha com a questão de ter esse trabalho talvez me encorajou um pouco. Eu tive que mudar tantas vezes de cidade, de estado em função do trabalho. Eu fui trabalhar em outras

empresas, eu fui transferida, fui, várias coisas aconteceram aí para eu viajar tanto. Mas tem pessoas que também, mulheres que estão na área florestal e não viajam sozinhas, né? Não é que é isso, mas talvez essa minha, essa minha experiência de trabalhar tanto com homem, tanto de um lugar masculino, toda dificuldade que a gente sente, todo o machismo que tem também, eu acho que quando eu decidi viajar sozinha nem foi um problema pra mim, não foi uma questão, não foi nada. Depois que eu fui me ver onde que eu tava me metendo... Aí eu não sei se eu vou falando, ou você vai perguntando...

Orador 1

Não, eu vou passar, vamos lá, que aí já entra nesse assunto.

Orador 2

É que eu falo demais.

Orador 1

Não. Fica à vontade. Para começar, eu gostaria que a gente voltasse no início de tudo. O que te motivou a realizar sua primeira viagem solo e como foi desencadeado, a partir disso, o interesse por continuar viajando sozinha?

Orador 1

Em 2012, o ano anterior, eu queria muito ir para Fernando de Noronha. E aí eu perguntei para todo mundo que eu conhecia, para minhas irmãs e para amigos e para... E tipo, eu estava quase implorando para as pessoas viajarem comigo e ninguém... Ninguém queria, ninguém podia. Eu falei "bom, então eu vou". Fui lá na CVC, na época eu não organizava nada sozinha e comprei um pacote, mas eu estava assim, né? E aí uma semana antes dessa viagem, uma amiga minha conseguiu folga e foi viajar comigo. Então não teve a viagem. Aí no outro ano, 2013, eu queria conhecer a neve. Eu via muito aquele canal Off e tinha o pessoal lá que ficava o tempo todo lá, esquiando, né? Não era nem esqui, era snowboard, naquelas montanhas altas. "Nossa, que coisa linda" Eu falei "Eu quero ver neve" E eu peguei, achei uma agência que era de uma tia de uma amiga minha, não falei com ninguém, não perguntei pra ninguém, que eu falei assim "Eu não vou passar pelo que eu passei no ano passado, e agora eu não quero a companhia de ninguém, eu vou sozinha" E aí eu fui, comprei, montei, né? Comprei o pacote, na

verdade montei o pacote lá com essa agência. Quando eu falei que eu ia viajar sozinha Minha família achou que eu estava doida, minha mãe brigou comigo, e eu já morava longe, fora da minha família, já tinha vários, nossa, já tinha muitos anos, já tinha 10 anos, esse ano vai fazer... Já tinha 8 anos, que esse ano faz 18 anos que eu moro longe deles. Então já tinha 8 anos que eu morava longe deles, mas minha mãe sempre foi uma mãe muito controladora, muito preocupada, então quando eu ia, ela sabia que eu ia viajar para algum lugar, mesmo que eu não estava sozinha, eu tinha que sempre avisar quando eu saía, quando eu chegava, minha mãe era muito preocupada. E aí, na época, ela ficou muito brava, ela não queria que eu fosse, e aí eu vi que tava fugindo o controle, né? Eu lembro que eu fui passar, acho que uns dias em casa, algum feriado, alguma coisa assim, e aí eu ia pra Ribeirão Preto, que do lado de Pirassununga, né? Eu ia pra Ribeirão Preto, na loja da Decathlon, comprar roupa de neve. Que aí eu fui pra Argentina, né? Pra Patagônia, Argentina. E aí eu falei pra minha mãe, falei "Olha mãe, a decisão já tá tomada. Se a senhora tem alguma coisa boa pra me dizer, a senhora me fala. Se a senhora não tem nada, a senhora me desculpa, mas a senhora fica quieta. Porque eu não quero mais ficar ouvindo", porque era demais, sabe? Era um negócio muito pesado. E aí ela ouviu aquilo, ela ficou quieta, e aí ela falou "eu vou com você pra Ribeirão". Aí ela foi comigo, comprou as coisas, ajudou a montar a mala e tudo, a preparação, ela tava ali. E aí eu lembro que na época, antes de viajar, ela fez eu comprar... Eu tinha um celular que era daqueles que abria e fechava, porque naquela época ainda não tinha muito smartphone. E eu fui das últimas que comprei um smartphone, só que ela fez eu comprar smartphone, que ela já tinha, então era pra falar no WhatsApp, na época o meu celular de abrir e fechar não tinha. Aí eu fui e comprei o smartphone antes de ir até, achei fantástico o negócio do WhatsApp, né? Que na época, imagina, dez anos atrás não tinha. Não tinha já gente que tinha mesmo, eu acho que eu fui uma das últimas que comprei um smartphone mesmo. E aí eu fui viajar... E eu não fui, eu não tava pensando assim "Nossa, eu tô indo desbravar, eu tô indo sozinha, e agora?", não, não teve nada disso, eu simplesmente falei "Eu não vou ficar chorando para as pessoas viajarem comigo, não. Eu quero ir, eu não quero nem falar para ninguém que eu tô indo, eles vão saber a hora que eu postar nas redes sociais". Na época era só o Facebook, né? Eu não tinha Instagram, já devia existir, né? E aí eu postei, eu postei não, aí eu fui e foi tudo, na verdade, assim, né? Eu fui, aí chegando em Buenos Aires, que ele fazia uma escala em Buenos Aires,

pra depois eu ir para El Calafate, né? Que é a Patagônia Chilena. Chegando lá, eu fui comer um lanchinho, e aí eu não entendi o que o garçom falava, o garçom não me entendia, e aí que caiu a realidade pra mim. Eu falei "Cara, o que eu tô fazendo sozinha em outro país?", porque eu nunca tinha viajado para outro país, na época eu não falava nenhum idioma, hoje eu falo já vários idiomas, mas na época eu não falava nenhum idioma, só falava o português. Eu tinha levado um dicionáriozinho, um dicionário de espanhol, e eu falei "cara, o que eu tô fazendo aqui, meu Deus do céu, e agora, né?" Enfim. E aí eu passei vários perrengues nessa viagem, que eu cheguei em El Calafate, as pessoas ficavam esperando com a plaquinha, a pessoa não foi, demorou quase meia hora pra pessoa chegar porque o horário do voo lá, ela achou que era um, depois foi outro. E eu fiquei lá parada no aeroporto, ninguém mais no aeroporto, e eu assim "e agora?", e ninguém com a plaquinha de esperar. Foi todo mundo embora, juro pra você, Isabela, eu não fiquei nem desesperada, sabe? Eu fiquei assim parada, olhando. E era um aeroporto pequenininho, então só tinha aquele voo, chegou, os hotéis foram buscar, e esse meu hotel, ele não... Sei lá, a moça falou que o voo adiantou, eu não sei. E aí ela tava na cabeça um horário e foi buscar depois, e eu fiquei lá assim parada, falei "Nossa, rapaz, e agora?", porque eu não tinha parado pra pensar se alguma coisa desse errado, o que eu vou fazer da minha vida? Então eu fiquei só lá parada pensando o que que... "O que que eu vou fazer?". Eu falei "Bom, vou falar com a mulher lá da agência". Sabe quando você fica assim até aérea, que você não sabe o que fazer? E aí deu tudo certo, me buscou, né? Tem alguém me esperando... Aí lá em El Calafate, eu fiquei, essa minha primeira viagem sozinha também foi uma das mais caras que eu fiz, porque não sabia, né, como organizar uma viagem, fiz tudo com agência e peguei o melhor hotel que tinha lá na época. E... Passei por uma situação muito complicada no hotel de quase abuso, que eu conheci um grupo de brasileiros, inclusive, muito ricos, muito, assim... Você via pela conversa e tal, e eles estavam numa viagem de esqui, que eles iam depois para Ushuaia esquiar, todos casados ali, tudo mais velho. E conversamos, porque a gente estava ali no hotel, aí um dia a gente se encontrou lá na cidade, aí a gente jantou junto e tal, eu voltei embora, e aí de madrugada, e aí eles queriam ficar lá até de noite, ir para um cassino, ir pra festa. Eu falei "gente, eu viajo, eu não sou assim de balada, eu gosto de acordar cedo para aproveitar o dia", eu falei "não, amanhã cedo eu tenho o passeio". E aí a noite, quando eles chegaram, eu acordei 3 horas da manhã com a minha porta sendo chutada,

esmurrada. E eu acordei, eu falei "Meu Deus, e agora?". Olha só como é, como eu foi minha primeira viagem eu não tinha noção de nada, nunca tinha pensado que podia dar uma coisa errada. Porque eu podia ter ligado na recepção do hotel, mas nem isso eu pensei. E aí eles ficaram nessa, porque era um hotel grande e eu acho que não dava para escutar lá a recepção de onde eu estava. E aí eles entraram no quarto deles, só que assim, eu não sabia que sabiam qual que era o meu quarto, só que eles sabiam porque alguns deles estavam no quarto do lado do meu e eles entraram, começaram a esmurrar a porta, a parede, bater na parede e falar assim várias coisas muito ruins assim, sabe? E eu fiquei lá e eu falei "vou me fingir de morta, né?". Só que eu não lembro de ter sentido medo, nada disso, eu fiquei na mesma situação que eu fiquei no aeroporto, que eu falei que eu cheguei e não tinha ninguém me esperando, eu fiquei tipo "nossa, e agora o que eu faço?". Só que aí eles já iam embora no dia seguinte, então eu saí cedo, eu não encontrei com eles. E depois em Ushuaia eu fiquei com medo, porque eu fiquei com medo de encontrar com eles, porque eu sabia que eles iam estar em Ushuaia também. E eu fui esquiar e eu não queria encontrar com eles, eu não sabia o hotel que eles estavam. Enfim, graças a Deus não encontrei, mas assim, foram coisas que...

Orador 1

Ficou a tensão, né?

Orador 2

Isso... Coisas assim que eu falei "nossa, uau, podia ter dado muito ruim, né?", alguém podia não ter me buscado, os caras podiam ter entrado, sei lá, fechado a porta e eu não conseguindo chamar o hotel, apesar de ser um hotel muito bom, enfim. Então assim, como eu falei pra você, eu queria viajar e fui. Hoje em dia, eu acho que as pessoas, eu falo pelas mulheres que me procuram, elas me procuram assim com milhões de coisas na cabeça. "Ah, e se isso acontecer? E se aquilo acontecer? E se isso acontecer? E se aquele outro?" Aí eu não sei se é porque hoje a gente é bombardeado de informações com internet, com rede social, com tanta coisa acontecendo e fica muita coisa na cabeça. E antigamente não tinha isso, né? Então, antigamente você tinha notícia Se você... Visse televisão, né? Tinha já a internet, mas não era do jeito que é hoje, né? Que é muito, assim, então eu não tive, assim, uma preparação pra ir, eu não fiquei pensando se alguma coisa desse

errado, né? Não, mas depois eu voltei e eu falei "Bom, então agora eu tenho que começar a planejar melhor as coisas pra... Se der algum problema..." E aí, tanto que a segunda viagem que eu fiz sozinha e que foi para o Chile, eu organizei, né? Eu falei "Agora eu tô no controle de fazer o negócio". E aí o que me fez continuar viajando sozinha? Isso até de vez em quando eu falo em algum post, é que apesar de ter acontecido essas coisas que eu contei pra você, fora assim, aí tem uma outra coisa também, que eu fui num restaurante e aí o garçom não acreditava que eu tava sozinha de jeito nenhum. E aí chamam o outro garçom e ficaram tudo "Ah, mas como assim você tá viajando sozinha?". E olha que besta, né? Porque eu falava que eu estava viajando sozinha para qualquer folha que cruzava o meu caminho, hoje eu falo "Não fale que você está viajando sozinha", você não pode falar nunca que você está viajando sozinha. Só se você conheceu uma pessoa bem legal ali, que você viu, sentiu uma confiança. Mesmo assim, eu sempre falo que confiança em gente que você conhece de viagem, você tem que confiar, você fica... Eu tenho grandes amigos que eu fiz em viagem, mas... Por segurança, você tem que ficar com o pezinho um pouco atrás. E, em geral, você não fala para ninguém que você está viajando sozinha. Você fala que vai encontrar com um amigo, um namorado, com qualquer um, no próximo destino, na próxima viagem, na próxima cidade que você vai, eles vão para lá, né? Por mais que você esteja sozinha naquele momento. E eu falava para todo mundo que eu estava viajando sozinha outra besteira, né, não se fala. Enfim, mas tirando essas coisas que aconteceram, e aí teve outras coisinhas assim também, mas foram coisas assim pequenas, né, ao meu ver, né. Eu já contei essa história na internet e tem mulher que fala "Gente, eu fiquei desesperada só de ouvir você contar, meu Deus, se fosse comigo". Eu falo, né, tem gente que talvez precisa até de ajuda mesmo, porque tem gente que tem medo muito de tudo, né. E eu tenho medo das coisas, mas... Enfim, o que me fez querer continuar viajando foi que eu já morava sozinha. Eu dividia, na verdade, com uma amiga minha, mas eu já morava longe da minha família, já tinha muitos anos. Eu já era independente, eu trabalhava, eu era supervisora de colheita naquela época. Morava em Minas naquela época. Mas, assim, apesar de liderar uma equipe masculina naquela época, mas era como se eu não sentisse que eu era livre de verdade, que eu era capaz de verdade, sabe? Que eu era independente, essa palavra, que era independente de verdade. Porque, como você falou, eu vou em um lugar e sempre vou num lugar, eu sempre tenho alguém ali comigo. Antes até que

não, eu ia para o shopping sozinha, eu ia no cinema sozinha, eu não saía sozinha lá em Overland, né, que eu morei em Overland. Eu até fazia muitas coisas sozinha, só que é tipo, ah, é um negocinho ali rapidinho, acabou, né, logo você já tá com um amigo, com outra amiga. E aí quando você está realmente sozinha, que você tem que tomar decisão de tudo, né, por dias. A decisão de conversar com outra pessoa, de fazer uma amizade, de querer ir num passeio ou não, de sei lá, qualquer coisa, né, qualquer coisa é só sua. E eu acho que isso aí me deu uma sensação, assim, de independência e de liberdade grande. E aí eu falei "quero sentir isso de novo", né, e aí que me motivou a viajar outras vezes. E aí, essa viagem sozinha que eu faço e que eu fiz, elas nunca foram iguais. Eu sempre falo no meu Instagram que viagem é muito transformação, não é só passear pra conhecer um lugar novo. E pra mim, talvez por momentos que eu estava na vida, cada vez foi tipo uma transformação diferente. Mas não que eu fico lá "Vou meditar", eu não medito, eu não fico lá e "Agora eu vou pensar na vida", ai vou ficar refletindo, Meu marido que entende dessas coisas, né? Eu não tenho essas coisas de pensar na vida, só que as experiências que você tem, mesmo passeando, andando para lá, andando para cá, aquilo ali vai mexendo com você por dentro de alguma maneira e vai sentindo coisas diferentes, sabe?

Orador 1

Sim... Entendi. Bom. Qual foi sua principal motivação ao criar uma rede social voltada para o compartilhamento de suas experiências com viagem de solo?

Orador 2

Então, eu já tinha... Na verdade, eu... Como é que eu abri o Instagram? O Facebook eu sempre tive, mas o Facebook eu não... Tipo, pessoal, né? O Instagram, quando eu estava morando na Irlanda, que eu fui fazer... Eu saí desse emprego que eu estava lá em Minas, e aí eu fui pra ficar 10 semanas na Irlanda fazendo intercâmbio e acabei ficando 7 meses. E aí, né, aí muda tudo, né? Como eu falei, né? E fui sozinha também, né? Não morava sozinha lá, mas eu fui sozinha, né? Você vai voltar aí, você tá sozinha, não conhece ninguém, né? E aí, uma amiga minha falou "Ah, por que você não... Alguma coisa no Instagram? O Instagram é uma rede social". Eu falei "Ah, não gosto de ficar mexendo nessas coisas", "Não, mas é uma rede social de foto", Porque era só foto antigamente, não tinha vídeo no Instagram,

era só foto. Aí eu peguei "Nossa!" Porque ela falou "Ai, você tem tantas fotos aí", que eu postava às vezes algumas coisas no Facebook, "Você tem tanta foto aí que você não posta no Instagram". Eu falei "Ah, vou postar", e aí eu comecei a fazer postagem no Instagram. Então, meu Instagram, quando ele nasceu lá em... Foi em 2014 ou 2015 que eu abri o Instagram? É... Acho que foi em 2014, final de 2014. Então, desde quando eu abri, ele nunca foi um Instagram, assim, pessoal pra eu postar foto de amigo, de família, sabe? Nunca, nunca. Não tem uma foto que você vê de alguma família ou de alguns amigos. Tem alguma legenda muito significativa por trás. Eu sempre quis postar foto de todas as minhas viagens e reflexão de viagem, então, o meu Instagram sempre foi isso, com reflexão, foto. Tanto que eu nem, até hoje, não sigo toda a minha família, não sigo todos os meus amigos. Eu sempre falei "Gente, Instagram pra mim é pra ver coisa de viagem". Então, antigamente eu focava muito, eu só ficava assim, seguia pessoal da National Geographic e coisas assim. Hoje em dia, Instagram, você aprende tudo, né? Tudo, tudo, tem nutricionista, tem qualquer coisa lá, consultora de imagem, enfim. Mas aí, então, eu sempre dei dicas para as mulheres viajarem sozinhas, como viajar de forma econômica, mas não era de uma forma, assim, profissional, né, que eu falo que eu profissionalizei o meu perfil, por quê? Porque eu postava um dia de uma vez ou outra, às vezes eu ficava meses sem postar, não postava stories, né, com frequência, nada. E aí eu saí da, em maio do ano passado, eu saí da área florestal e aí eu fui para o Chile, fiquei 40 dias no Chile, fiz intercâmbio lá de espanhol. E quando eu voltei eu falei "Eu não quero mais voltar para a área florestal. Eu quero tentar trabalhar com marketing digital". Instagram é uma das coisas, mas não é assim o carro forte, não. Porque aí eu sou afiliada de produtos, então, são várias outras coisas aí no meio também. Mas aí quando eu decidi profissionalizar, eu falei "Eu vou fazer o quê?". Porque o pessoal sempre falava "Eu tenho que escolher um nicho dentro ali do viagem", "Eu vou falar de viagem econômica ou eu vou falar de viagem sozinha?", eu falava "Não tem como eu dividir esses assuntos". Porque eu viajo sozinha, mesmo casada. Eu sou casada, até antes de casar, quando eu fui morar na Indonésia foi a trabalho, fui trabalhar num projeto lá, eu já estava trabalhando com o meu pai. Aí eu falei "Eu tenho que falar pra mulheres". Eu comecei a fazer postagens quase todo dia, todo dia praticamente eu postava, e eu postava muito de viagem sozinha, de viagem econômica. E aí foi nichando muito, aí que a minha rede social, meu Instagram começou a crescer. Eu tenho um canal no

YouTube também, no canal no YouTube, acho que na maioria dos vídeos é mais sobre viagem econômica. No caso de viagem sozinha, porque, como eu falei, não tem como separar. Porque eu viajo sozinha, mas eu viajo sozinha de forma econômica, mas não é aquela econômica raiz, né? Vou pedir carona? Não. É econômica com conforto. Mas eu uno essas duas coisas, porque quando eu viajava, minhas amigas falavam assim "Nossa, você ganha na loteria, porque você viaja tanto", "Nossa, você gastou, sei lá, 30 mil reais?" Porque não, gente, não gastei nem 10, é tipo assim, né? E aí, enfim, eu comecei a dar essas dicas, mas assim, qual o motivo mesmo? Porque o que eu quero, né? Uma das minhas missões de vida é que mais mulheres viajem sozinhas, e não é só viajar sozinha para ir viajar sozinha, para passear, para se divertir, não. É pelo poder da transformação que uma viagem sozinha pode ter para uma mulher. Ainda mais num mundo que a gente vive com tanto relacionamento abusivo, né? Com tanta mulher que tem autoestima baixa, não se sente capaz, não se sente suficiente, não se sente independente, não se sente... Tem tanta mulher que se acha tão abaixo do que ela é, e uma viagem sozinha acaba despertando muito... Tudo que ela tem de bom, né? Tudo que ela pode fazer.

Orador 1

Fale um pouco sobre como é a experiência de compartilhar suas vivências. Quais são as principais informações que você procura trazer para as suas seguidoras quando conhecem um novo lugar?

Orador 2

Como é a experiência de contar histórias, né? Das coisas que aconteceram e às vezes eu vejo que eu não conto muito, tanto que o pessoal fala, principalmente em live, né? Esse ano eu parei de fazer um pouco a live, o pessoal fala "Ah, fala um pouco disso, fala um pouco daquilo", e pediram pra eu fazer lives falando de cada viagem de país que eu fiz. Eu fui assim, não sei se um dia eu vou fazer, mas quando eu conto a minha experiência ali, eu até fiz um quadro que é toda quinta feira que é "Viagem sozinha para...", então eu falo ali, eu conto como que foi a viagem, eu conto o lugar, mas não assim só dando dicas do lugar. Eu conto ali pela vivência e pela experiência ali de tudo que tá acontecendo. Ou, como agora, eu conto histórias, que eu não tô viajando, então, de tudo que aconteceu. Na verdade, eu

conto mais a experiência mesmo, transformadora, o que eu senti em qualquer momento de vida, o que aconteceu. Algumas coisas que aconteceram durante a viagem que foram fazendo eu pensar de forma diferente. E eu tenho amigas que também são influencers de viagens, que elas viajam sozinhas, só que para elas não tem nada disso de transformação não. É lá, é na balada ali, é esse prato de comida aqui, é esse negócio aqui é isso aqui, é isso aqui, é isso ali, pronto e acabou. E eu até falo ali, ó, tô comendo no tal lugar aqui, mas olha a vista, gente, olha como que é. É mais ou menos assim, eu sou mais de sentir "Ah, eu tô aqui nesse hotel, nesse hostel, eu sei lá, mas olha aqui esse lugar e tal, olha a paz, olha essa...". Então assim, eu sempre tenho que ter uma vista pra alguma coisa que desperte algum sentimento. Então eu compartilho mais experiências, talvez, de emoção, de transformação do que de dicas, né? Até compartilho de dica porque eu faço permuta e faço as parcerias, então tem que ficar lá mostrando o lugar e tudo fotinho e bonitinho, mas eu falo mais sobre o sentimento das coisas. E as principais informações você procura trazer para as suas seguidoras quando conhece o novo lugar. Então, aí eu dou dicas, assim, de coisas que às vezes eu não acho na internet, porque aí eu procuro como que eu vou montar um roteiro... Eu montei o meu roteiro tal, beleza, como é que chega naquele aeroporto? Como é que pega um trem para ir para tal lugar? Enfim, eu sempre caço de um blog aqui, caço de um blog ali, tal, e eu vou falando.

Orador 1

Sim. Entendi. Você traz informações assim, como se fossem mais práticas, né?

Orador 2

Isso. Trago informações práticas ali do lugar que eu tô indo, mas é como eu falei, né? Eu vou falando como que faz ali pra facilitar a vida das pessoas. E algumas vezes, ou até, as vezes coisas que foi pro stories e se perdeu, só se alguém quer perguntar, mas não assim, em posts.

Orador 1

E como você define a importância de grupos virtuais, agências, hospedagens e roteiros voltados para o público feminino?

Orador 2

Essa é uma pergunta muito importante, porque tem muita mulher que vem falar comigo e eu estava até tentando pensar se eu conseguia reunir quantas já me falaram que eu motivei, que viajou sozinha por ver meus vídeos, por ver eu falando. E, nossa, Isabella, eu não tenho noção, mas assim, foram talvez dezenas ou centenas, foram muitas. Então, assim, o fato de elas verem, né, motiva, né? E eu fico feliz, né? Tem algumas que às vezes nem fala comigo antes, fala depois que foi "Ah, eu vi seus vídeos e tal", aí eu olho e falo "Gente, a gente nunca conversou antes e eu motivei ela e ela foi fazer a viagem sozinha por mim", né? Então, eu acho muito legal. Só que tem algumas que não conseguem, que tem muitos medos, muitos medos mesmo. Tem gente que nossa... Mas manda mensagem pra mim e aí eu vou tentando falar "Mas qual que é a origem do seu medo? Tenta ver assim, pra cada coisa que tem o seu medo, o que você pode fazer pra isso não acontecer?", ou "não, procure também terapia". Nossa, todo mundo tinha que fazer terapia, mas algumas pessoas são mais urgência do que outras, né? Porque tem, assim, é um negócio fora do comum, sabe? Tem mulher que fala, já chegou a falar comigo que viveu em relacionamento abusivo, que está em relacionamento abusivo, com extremamente dependência psicológica, com agressão física, sabe? Já teve histórias assim. E aí, pra essas, talvez é um pouco mais difícil delas fazerem a coisa sozinhas. Então eu acho muito legal ter esses grupos, né. Às vezes tem muita influencer aí que faz grupo, já me pediram para eu fazer grupo, não sei se um dia eu vou fazer, mas não sei enfim,. Mas tem muitos grupos com influencers, tem agências de turismo também que é só pra mulher. Eu acho isso muito legal porque pega essas mulheres que têm, assim, muito medo, pega também as mulheres que não quer ter trabalho com nada, assim, "ai, não, eu quero... Não tenho com quem viajar", mas assim, a impressão é viajar sozinha, mas sem estar sozinha, mais um grupo de mulheres. Porque quando você viaja sozinha, sem estar num grupo, você pode fazer muitas amizades ou você pode ficar sozinha o tempo todo. Porque eu já viajei, já fiz viagens que eu tava numa vibe de fazer amizade e todos os dias da viagem eu nunca estava sozinha, nunca. E teve viagens sozinha que eu não quero fazer, eu tava quieta comigo, não quero ver gente. Tipo assim, então só quando você vai num grupo desses, por mais que todas as mulheres que estão ali estão viajando sozinhas, elas vão sempre estar interagindo. Então, se você se focar "ah, eu vou me isolar do grupo", acho que não dá muito certo, né? Então, eu acho assim muito importante para essas mulheres, principalmente também, eu vejo que tem

muita mulher, às vezes, da terceira idade, mulher que é viúva, mesmo que não é, tem mais idade ou divorciada Então eu acho que é muito importante.

Orador 1

Como o depoimento de outras mulheres impactam suas escolhas para viagem?

Orador 2

Positivamente, viu? Por quê? Tem uma que se chama Nataly Gabrielli, a “Viaje sem limites”, não sei se já viu ela?

Orador 1

Ai, eu não sei, eu não tenho certeza se eu já vi ela.

Orador 2

Talvez pode ser... Nossa, talvez é interessante, por quê? Porque ela é a primeira brasileira, ela é negra, ela tá dando a volta do mundo.

Orador 1

Ah, então eu acho que eu já vi sim. Na verdade, eu acho que eu vi sobre ela numa reportagem quando eu tava pesquisando, pode ser que seja ela mesmo.

Orador 2

Ela já saiu de várias reportagens, inclusive até uma polêmica. A Glória Maria achou ruim ela falar que ela ia ser a primeira mulher brasileira a viajar por todos os países do mundo. Por quê? A Glória Maria viajou demais, mas ela não viajou por todos os países do mundo e ela tava com a Globo, né? Ela tava a trabalho. Agora a Nataly Gabrielli, é ela por ela, ela não é rica. Ela era, nossa, ela foi bolsista, enfim. A história dela é legal, não sei se casa para colocar aí no seu negócio, mas ela é uma que me inspira. Por quê? Porque às vezes eu não levo em consideração nenhuma uma mulher que vira para mim e fala "Ai, é perigoso viajar para o Egito sozinha. Tipo, eu escuto, realmente é complicado viajar para o Egito sozinha., mas se alguém falar assim, aí eu até escuto, né? Mas se alguém falar assim "Não vá para o Egito sozinha, não vá para a Arábia Saudita sozinha", eu falo "Por quê?" E aí quando alguém fala que "Ai, é perigoso mulher viajar sozinha", geralmente é homem, tá? Às vezes eles comentam alguma coisa, principalmente quando é post perrengue, assim, que eu conto, eu sempre cito a "Viage sem limites", que é a

Nataly. Por quê? Ela é mulher, ela é negra, e ela tá viajando sozinha por todos os países do mundo, com um baixíssimo orçamento. Então, ela teve no Afeganistão, Arábia Saudita, acho que ainda não teve. Mas assim, tá? Hoje ela tá na onde? Hoje ela deve estar no Jordânia, Israel, não lembro. Enfim, eu falo como que uma mulher tá fazendo isso? É brasileira, né? Eu sei que já teve outras mulheres que viajaram por todos os países do mundo, mas eu não sabia da história delas. E eu sigo o Anderson do 196 Sonhos, que ele foi o primeiro brasileiro a viajar por todos os países do mundo. Ele conquistou isso em 2018, acho, 2018 ou 2019. E, tipo, era uma inspiração demais, assim, porque eu conheci vários países ali que eu não sabia nada por ele. Só que eu ainda pensava, eu falava, "Ah, mas pra ele é fácil, porque ele é homem e ele é branco. Porque ele é homem, como que ele vai entrar no Iêmen? Uma mulher vai entrar no Iêmen? Como que uma mulher vai entrar no Afeganistão? Como que a mulher..." Enfim, eu sempre pensava nisso. E ela já foi para o Afeganistão mesmo depois do Talibã, tem pouco tempo que ela foi. Então, assim, qualquer pensamento de "Ah, a mulher, ela tá limitada em tal lugar" que pra mim não cola mais. Pode ir para qualquer lugar. É claro que ela tem que ter muita experiência, não dá pra... Nossa, aí eu vou te contar até uma outra história aqui que é uma... Que acontece demais, né? Esses golpes virtuais, o golpe do amor, relacionamento online tem umas coitada que às vezes manda mensagem pra mim. "Ah, Jocelaine, queria dica pra minha primeira viagem sozinha. Tô super animada, vai ser para o exterior" eu falo "Ai, que legal. Pra onde você vai?", "Paquistão." A primeira... Tem uma que era para o Paquistão, a outra era pra a Grécia, a outra era pra Polônia. Mas assim, umas histórias que você fala assim "Gente, deve ser tráfico humano", aí eu mandei canais tipo "Sobrevivendo na Turquia", que é um canal que fala. Eu falei isso pra elas, conversei bastante, e aí você não sabe o que dá, né? Enfim. E eu falo "Gente, pra ir pra uma primeira..." ainda falei, "pra uma primeira viagem sozinha ir pro Paquistão? Hoje, se eu for pro Paquistão sozinha, vai ser um... Vou ter que estudar muito, vou ter que me preparar e tal. Uma pessoa que não tem experiência nenhuma com viagem, vai pra um lugar difícil sozinha, então não. Mas enfim, então é isso.

Orador 1

Mas isso que você falou aí sobre nem todo depoimento você leva 100% a ferro e fogo, a última mulher que eu entrevistei falou a mesma coisa e eu não tinha, eu

achei muito legal, eu acho muito legal quando vocês falam sobre isso porque pra mim, eu pensava assim, não, qualquer depoimento de qualquer mulher é experiência dela e é isso tem que ser levado em conta porque é isso que acontece. E aí ela falou muito comigo sobre as nossas experiências estão muito ligadas também às nossas crenças, aos nossos preconceitos e nem todo mundo tem responsabilidade quando compartilha um depoimento desse. Então essa história de falar "não vá de forma alguma, muito perigoso, você vai morrer" pode ser exagerado mesmo né?

Orador 2

Pode. Do mesmo jeito que se alguém vira pra mim e fala assim, uma mulher fala "nossa gente, vem aqui para o Paquistão, é como se estivesse indo para Paris", é a mesma coisa, não tem diferença nenhuma.

Orador 1

Você também vai ficar...

Orador 2

Sim.. É que nem o pessoal que fala, eu morei na Indonésia também, a Indonésia é o país mais muçulmano, tem mais muçulmano no mundo né, e o pessoal só conhece a Indonésia pela ilha de Bali, surf, good vibes e tal. Todo mundo acha que Indonésia é isso. Não gente, Indonésia, tem uma província na Indonésia que tem açoitemento ali na praça pública. Não posso, imagina, na Indonésia onde eu morei no interior da Ilha de Sumatra, é sair assim, eu sempre estava com uma coisa... Blusa regata, jamais, calça curta, jamais. Isso aqui é decotado. Isso aqui já é um decote enorme. Então, assim, às vezes eu vejo o pessoal falando, que nem às vezes eu vejo o pessoal viajando lá para o Oriente Médio, e aí aquelas fotos lindas lá em Dubai, naqueles outros lugares, o povo tudo de coisa curtinha, justa, topzinho. E aí eu vejo algumas influenciadoras falando "Aí o pessoal vai me perguntar, mas aí não tem restrição de roupa?" Não, isso aí é coisa que o pessoal fica falando e tal. Gente, aí acaba dando uma imagem super errada para outras mulheres que "Ah, então lá é tranquilo". E assim, pode até ser porque eles querem o dinheiro do turista, mas não fica pensando que você tá indo totalmente contra a cultura, você está desrespeitando, e aquilo ali é Dubai e Abu Dhabi. Vai pro Kuwait desse jeito, você

não entra. Ou qualquer outro lugar, né? Enfim, essas generalizações que eu não gosto muito.

Orador 1

Você sente alguma pressão estrutural quanto à sua decisão de viajar sozinha?

Orador 2

Ah, hoje não mais. E também porque quem me conhece não tem mais coragem de falar mais nada para mim. Mas antigamente o que se escutava muito era "Nossa, você é muito corajosa", "Nossa, você é doida". Ou, às vezes, durante a viagem mesmo, às vezes eu encontrava com outras mulheres. Eu lembro até hoje, eu estava no Rio de Janeiro, uma senhora, uma mulher e a filha dela no metrô. E ela disse "Minha filha", e colocava a mão em mim e "meu Deus, como que você está sozinha? A mulher não pode andar sozinha de jeito nenhum". Eu falo "Não, pode sim, eu já fui para outros países sozinha, não tem problema nenhum". Então assim, tem muita gente que é tipo machista, sem ser machista. Essa senhora não estava sendo machista, ela estava sendo mais preocupada que alguém fizesse alguma coisa de errado comigo, né. Só que aí tem um monte de coisas que a gente pode fazer para evitar que essas coisas erradas aconteçam com você, estando viajando sozinha. Você não vai viver da mesma forma, e eu tenho amigas que vivem até da forma mais doida, ainda quando vai viajar sozinha. Só que aí eu falo "viveu um pouco da sorte" que alguma coisa muito errada pode acontecer e você tá em outro país, né? Enfim, então, assim, eu acho que tem, assim, um pouco desse espanto. Tem um pouco que eu percebo também que tem muito mais mulher viajando sozinha do que homem viajando sozinho. Muito mais, tanto no Brasil quanto no exterior. Sempre encontrei mais mulher viajando sozinha do que homem. Então, mas assim, pode ser um negócio das mulheres quererem provar alguma coisa diferente. Mas assim, eu, sinceramente, eu não sinto. O que eu ainda tenho, né? Minha mãe ainda tá naquela preocupação quando eu viajo sozinha. Mas ela também já não se surpreende. Eu já falei aquele caso lá na pergunta número 1, lá na Argentina. Já achei que eu ia... Mas assim, eu passei por essa situação aí de quase abuso, mas ela continua não gostando, Isabella. Dez anos, passou, mas mesmo assim, quando eu falo que eu vou viajar, ela fala "Ah, e o Luiz?".

Orador 1

Você já sofreu algum tipo de constrangimento, medo ou assédio quando viajou sozinha?

Orador 2

Eu não senti medo na hora que aconteceu. Como eu falei, eu senti medo depois em Ushuaia de encontrá los. Mas assim, era um medo porque... Mas na época eu ainda não sabia. Você vê aqui na nossa cabeça, né? Não sabia que aquilo que tinha acontecido era errado, né? Mas eu estava com medo de não encontrar eles. Foi um monte de tempos que eu falei "gente, olha a situação que eu passei, né?". Uma outra coisa que eu senti na hora ali, que eu falei "Pô, eu vou morrer hoje, nossa, já era Jocelaine", foi quando eu cheguei em Roma. Eu não sei de qual país eu tava vindo, mas eu cheguei em Roma no aeroporto, e aí o aeroporto era longe da cidade, peguei o ônibus pra ir. Eu sei que eu cheguei na rodoviária de Roma uma e meia da manhã. E aí quando eu cheguei na rodoviária, é um lugar muito grande, assim, abertão. Mas Roma é muito bagunçado, meio sujo e tinha uns maloqueiros, tipo, tava meio Praça da Sé. E aí eu fui olhar meu celular, tinha vindo pra outro país, tava sem sinal. E aí eu não tinha baixado o Google, nem sei se tinha nessa época ou não, sei lá, mas hoje tem, né? Você baixa o Google Maps pra usar offline, e não usei. Aí eu falei, vou olhar a rua do meu hostel, porque eu sabia que era perto, pelo meu mapa, O que? Quando eu andava numa rua, eu fui assim, porque assim, essa é um... Sei lá, deve ser dez ruas desse lado, dez esse lado, assim. Eu fui andando pra ver onde que era, qual era das ruas e aí, um taxista, depois, ele me falou "É aquela rua", que eu acho que ele ficou vendo, não sei, eu indo pra lá e pra cá, então aquele dia eu senti... Ninguém me abordou, mas era uma situação de madrugada, só tinha homem. E era assim, como eu falei pra você, Praça da Sé. Imagina você andar na Praça da Sé à noite, eu tenho muito medo nessa... Outras situações... Ah, sempre tem, né? Algumas é que eu me enfio na situação, né? Que nem... Mas não é nem por estar sozinha no Chile, eu fui subir num vulcão lá, quase 6 mil metros, tive mal de... Tive mal de montanha, nossa, eu fiquei... Não consegui subir, aí voltei pra caminhonete lá, que o guia me trouxe de volta, aí mal de montanha é por conta da baixa oxigênio que tem no ar. E acima de 8 mil metros é a zona da morte, que o pessoal fala. Acima de 8 mil metros você não vive mais. De 5 a 8 mil, você vive, mas você vive... Acima de 8 mil metros nada vive, né? Então, tipo, o Everest, K2, aquelas montanhas em que o povo vai subir lá em cima. Então, quando ele sobe,

eles tem que subir e descer rápido, porque o corpo realmente começa a morrer as células, e nos 5 mil metros, a gente não tá acostumado. Então, eu tava 5.600 e aí, você, como o corpo, ele pode dar várias coisas e deu várias coisas e eu tava sozinha na hora que deu. Eu tava subindo já com guia, mas aí eu comecei a me sentir... A minha pressão caiu, mas eu ainda tava sozinha. Eu tava super bem, eu queria subir, ele falou "Não, você não vai, a pressão caiu na montanha, não pode". Aí ele desceu comigo e eu fiquei dentro da caminhonete esperando lá umas duas, três horas. E ali... Eu até delirei ali. Eu achei que eu ia, talvez, bater as botinhas ali também. Eu me enfio no meio da situação, entendeu? Eu vou ou eu não vou, eu tinha medo de um vento derrubar, ficar enrolando lá e depois... Enfim, aí acabei ficando, desci, passei mal pra caramba. Nossa, passei mal pra caramba. Descendo, a gente, eu tinha que parar pra vomitar, no saquinho não tava dando mais. Aí vou vomitar, e aquele vento, aquela dor aquela poeira e vem tudo pra cima de mim, imagina que foi derrota total. Que é uma coisa que eu não me arrependo de ter feito, foi o negócio mais difícil que eu fiz fisicamente. Doideira, podia ter corrido mais riscos ainda mas é o que eu falei, eu me enfio nesses tipos de situação. Então já me enfio em outros, esse foi, acho que o mais extremo. Esse ano eu vou subir o Monte Roraima, então já tô vendo, eu tenho condromalácia nos dois joelhos Então assim, tô vendo já o problema que vai ser. Já vai demorando. É, então eu me enfio em situação arriscada vamos dizer assim, mas em termos de riscos normais que eu tive medo mais foram esses aí, com certeza teve outros, mas assim, coisas que não teve tanta importância, sabe?

Orador 1

Quais cuidados você julga necessários tomar ao realizar uma viagem sozinha? Você tem estratégias para se manter segura durante a viagem?

Orador 2

Então, a primeira coisa, você tem que ter um contato de segurança, que é uma pessoa que vai te acompanhar durante a sua viagem. Pode ser algum familiar seu, sua mãe, sua ou a minha, né? Porque a minha, eu tenho que dar prova de vida. Aqui, se eu vier aqui, ela lá na cidade dela, a gente fica a semana sem se falar. Mas eu viajei, eu tenho que dar todo dia prova de vida. Eu falo que é prova de vida pra ver que eu tô viva, né? E que eu tenho que falar, porque aí meu pai fala "Jocelaine,

você não mandou mensagem pra sua mãe". Então, assim, tem que ficar dando essas provas de vida, mas é uma coisa importante, então ter alguém acompanhando você e essa pessoa, na verdade, minha mãe ela não é... Ela tá ali atenta a mim, mas fui o meu contato de segurança. Sempre antes de casar era minha irmã, então o que que eu fazia? Eu passava voo, hotel, todas essas informações eu passava pra minha irmã. Agora eu passo pra Luiz Fernando, que é meu marido. Eu vou até te dar um exemplo, eu tava no Chile e o banheiro, ele era tipo banheiro assim, eu escorreguei e bati a cabeça, bati a cabeça de leve, mas porque eu consegui segurar. E aí eu falei pra ele, "olha Luiz, aconteceu isso, aí eu vou te passar", eu tinha uma amiga chilena já, "eu vou te passar o contato dela, porque se você vir falar comigo um dia e eu não responder, vai que eu cai no banheiro e bati a cabeça mesmo, então você já sabe que isso pode ter acontecido". Então, assim, a pessoa sempre ter alguém ali com as informações dela. Tem gente que segue isso? Não. Tem várias amigas minhas que viajam sozinhas que não faz isso. Só que eu falo, se acontecer alguma coisa muito errada... E tem gente, assim, que nem usa a rede social, que você fala assim "Ai, postou o último lugar, foi esse". Você fala "Sumiram, morreu, tráfico humano, sei lá, qualquer coisa aconteceu e você não sabe". Então, eu sempre falo pra fazer isso. Vai viajar pro exterior? É ter um seguro viagem, evita sair à noite. Vai sair para jantar alguma coisa, uma balada, tá bom, quer ir para a balada? Vá, mas não beba muito. De jeito nenhum, mesmo que você fez os seus amigos ali, mas os seus amigos ali é da ocasião. Ninguém vai cuidar de você se você beber muito. Não beba bebida de desconhecido, essa é coisa óbvia que a gente não tem que fazer nem na nossa vida cotidiana, mas eu falo isso também. Não beba bebida desconhecida. Se alguém ficar muito interessado em você, tenha ainda o pé atrás, né, que você fala "vou pra casa do fulano". Em outro país, em outra cidade, tenta ser muito mais atenta do que você é no seu dia a dia lá na sua cidade, lá na sua casa. Então eu sempre falo isso, pegue também os contatos de embaixada. E o que mais? Eu acho que basicamente são esses os principais, cuida dos pertences, sempre cuidados pertences, e quando eu falo cuida dos pertences, se vai viajar para o exterior, usa a doleira no corpo. Eu fui roubada nessa última viagem que eu fiz, levaram a minha bolsa, dentro da minha bolsa tinha um Kindle e um pau de selfie. E o pessoal leva, às vezes, tudo dentro da bolsa, né? Aí imagina se tivesse levado meu cartão, meu dinheiro, meu passaporte, eu levado tudo? E não levaram nada, só levaram essas duas coisas porque tudo estava na

doleira, que estava no meu corpo, junto com o meu corpo. E o pessoal fala, às vezes, para viagem para o exterior, deixar guardado o passaporte. Eu acho isso uma besteira tão grande, eu levo meu passaporte para tudo quanto é lugar, se eu for atropelada na rua, vou o quê? Vou ficar como indigente? Não, tá meu passaporte. Aí eu tiro uma foto do passaporte? Tá... Molhou a foto ali, você foi atropelada e tal, coisou, ninguém vai ver um pedaço de papel. Agora, não, por mais que tá molhado, regaçado, é um passaporte, né? Eu acho que mais importantes são esses.

Orador 1

Você se sente segura ao viajar sozinha no território brasileiro? Qual a maior dificuldade ou facilidade que uma mulher encontra ao viajar sozinha pelo Brasil ao seu ver?

Orador 2

Se eu me sinto segura? Ah, eu acho que eu me sinto... Viajando pelo Brasil, acho que eu me sinto do mesmo jeito que eu me sinto aqui. Assim, falo pra você que eu, quando tenho que lavar a minha garagem, né? Eu abro o portão e fecho rapidinho. Não é que nem lá na casa dos meus pais, que às vezes a gente larga o portão e fica o portão aberto e tal. E aqui eu moro ainda numa cidade relativamente segura, então assim, você tá no Brasil você nunca se sente 100% seguro de fazer qualquer coisa. Você vai andar sozinha à noite em qualquer lugar? Não. Então, pra viajar pelo Brasil, eu também vejo, ah, onde eu vou me hospedar? Então, eu já por um blog para saber como que é a região ali daquela cidade. Ah, essa região aqui ela é perigosa ou não? Aí eu vejo bastante os comentários das acomodações, tanto do Booking quanto do Airbnb. Então, eu vejo, leio um, dois ou três. Eu leio o máximo possível para eu saber como que é a questão de segurança. Mas eu tenho os mesmos cuidados viajando sozinha que eu teria aqui comigo, no meu dia a dia. Se eu vou para um lugar muito turístico, eu vou andar à noite sozinha? Eu vou, mas eu vou andar à noite sozinha ali onde está turístico, onde estão os restaurantes, onde está a super iluminação. Se eu tiver que atravessar uma avenida inteira, que é meio... Não é muito escura, talvez eu vou pegar um Uber, e se eu for pegar um Uber, eu vou pegar o Uber e falar "Oi, amor", e eu nem falo "amor", eu e o Luiz, mas um dia eu liguei pra ele e falei "Oi, amor", ele "Oi?" tipo, você nunca me chamou de

amor, né? Mas por quê? Pro Uber saber que eu tô... Enfim Que alguém tá te esperando "Ó, eu tô chegando aí", ele "Aí, onde?" Ele tava em outro lugar. Eu falei "não, Luiz, é porque eu tava junto no Uber, então o cara ficar esperto que tem um homem me esperando em algum lugar". E qual que é a maior dificuldade que uma mulher encontra ao viajar sozinha pelo Brasil? Talvez um pouco, como eu falei, de machismo, por ter gente que fala "Nossa, é uma doida que tá viajando sozinha". Ou pode ser, você tá sozinha, você vai para um barzinho sozinha, não sei se o povo já acha que você é, sei lá, fácil, alguma coisa assim, né?... Facilidade? Não tem. Eu acho que é mais fácil para a gente, mulher, viajar para o exterior sozinha. É mais seguro, né? É mais fácil. Eu morei na Indonésia. Pô, a Indonésia é um país muito mais populoso que o Brasil. E, tipo, ninguém vai fazer nada. Ninguém. Ninguém vai fazer nada. Quando tem homicídio, assim, o negócio é muito... Um negócio, assim, uau, é tão fora da casinha, sabe? Ninguém vai fazer nada com você. Na Europa, nesses outros lugares aí até pode, né, mas país asiático é muito mais difícil. Mas o Brasil, que nem quando eu falo para as mulheres, ah, que cuidados a mais, além daqueles que eu falei, né, na pergunta anterior, eu falo, ó, agir do jeito que você acha aqui no Brasil, não vai só porque você tá em outro país, que é muito mais seguro, não vai também. "Ah, então beleza, agora não preciso tomar cuidado com nada". Não, continua daí, né? E eu falo até para as amigas que eu tenho, europeias, que vêm aqui para o Brasil. Aí eu falo muitas coisas. O europeu tem mania de pegar, "Tô com a minha bolsa aqui, eu largo a bolsa aqui, eu vou entrar lá no mar e deixo a mochila aqui". Tem praia no Brasil que dá pra fazer isso? Tem, obviamente, mas não é toda. Não vai fazer isso no Rio de Janeiro, né? "Vou tirar o celular aqui em Copacabana ou no centro de São Paulo". Não vai, né, minha filha? Só que isso, quem não é brasileiro, você tem que falar. Porque o povo faz isso nos países deles. Enfim, não sei se eu respondi direito essa, mas...

Orador 1

Respondeu sim... Alguma política pública ou costume local trouxe facilidade ou sensação maior de segurança durante uma viagem solo? Você chegou em um lugar que por causa dos costumes você se sentiu segura?

Orador 2

No Brasil, você fala?

Orador 1

Não, em qualquer lugar.

Orador 2

Uhum Eu ficava no meio da floresta, então morava numa casa de madeira no meio de uma vila no meio da floresta, né? E durante o final da semana eu ia pra cidade, e ali durante a semana eu só lidava com o homem o tempo todo. O tempo todo, 100%, inclusive, na casa que eu ficava, como era uma casa da empresa. Então, de começo tinha pessoas que estavam morando ali junto comigo, que eu conhecia, e depois que eles dois foram embora, em outros dois quartos, vinham outras pessoas. E de começo eu ficava "Ai meu Deus", por que era homem. E aí eu falava lá pro gerente, eu falei "Eu quero ficar na casa sozinha", "Não, não tem" ele falou, "Nossa, Jocelaine, eu tentei de tudo, mas você pode ficar tranquila e tal". E assim, nunca ninguém me desrespeitou em nada, eles até achavam engraçado, porque eu era... Pra eles eu era gringa, né? Então eles levavam fruta pra eu comer diferente, aí eu comia. Então assim... Eu não tinha medo de andar por ali. Às vezes eu andava por ali na vila e só tinha homem, não tinha um guarda, não tinha um nada ali. Mas eu não sentia medo, às vezes eu tinha aquele medo, aquela sensação, porque a gente é daqui do Brasil, né? E a gente pensa com a cabeça de brasileiro, que você tá nesse ambiente, andando a noite, com o carro cheio de homem, num lugar cheio de homem. Apesar de ser um ambiente profissional, as vezes não era, às vezes eu tava na minha folga ali e tava sempre homem. Então, era um lugar que eu me sentia segura pela cultura, eu sabia que ninguém ia fazer nada comigo porque eu era gringa, porque eu era da empresa. Aqui no Brasil, quando é um hostel, uma pousada, que tem uma mulher que é dona, tipo, você se sente mais segura ali porque você sabe que é como se ela estivesse tomando conta. Porque eu já fiquei... Eu fiquei em hostel e em pousada que eu não gostei, por quê? Porque era só menino, homem, novo, e você vê aí, fica te perguntando alguma coisa, parece que tá dando em cima. Não é pra dar em cima de mim, sabe? Eu sou uma cliente, não importa que a gente tenha a mesma idade, que eu tô viajando sozinha, eu não quero. Então, quando é uma mulher ali, atendendo na recepção de hostel, pousada, hotel, geralmente não vão fazer isso, né? Mas pousada, quando é pequenininho e hostel, pode ser que faça. Então sim, eu não gostava, não me sentia à vontade.

Então, quando era uma mulher que tava ali, e uma mulher mais velha, eu me sentia mais à vontade.

Orador 1

Bom, e quais seriam as principais recomendações que você daria para uma mulher que pretende fazer sua primeira viagem sozinha? As mais básicas.

Orador 2

A primeira coisa é começar a fazer coisas sozinha na sua cidade. Então vai ao cinema sozinha, vai dar uma volta no shopping sozinha, vai numa pizzaria sozinha, vai no rodízio, aí chega aí, né? Que aí você vai subindo num nível. Vai um dia num bar sozinha, vai lá, pede um... Você bebe uma cerveja, pede uma cerveja. Nossa, é uma coisa muito estranha, mas eu fiz muito isso. Mas eu falo pra fazer isso porque para a pessoa começar assim, pra ela se sentir estranha ali, "Ai, eu vou me sentir estranha tá fazendo isso sozinha", o povo não vai nem ligar. Onde as pessoas começam a ligar, porque eles começam a ligar que você está sozinha, quando você vai em um bar sozinha, num restaurante, às vezes o pessoal pode achar que você tá com dó de você "Ai, está sozinha, coitada, levou o bolo de alguém, né?". Ou às vezes vai vir um cara querer sentar na mesa com você e você fala "Ah, não quero, tô aqui sozinha", ou às vezes você quer fazer amizade, enfim, então faz. Mas fazer coisas que você não faria sozinha. E eu falo assim, não é pra você acostumar porque depois você vai ficar sozinha na viagem. Não, na viagem você vai escolher ficar sozinha se você quiser, né? E aí eu falo, porque se você quiser? Se você ficar em hostel, eu sempre falo, ele tem um ambiente que acolhe, se você sentar numa área em comum de um hostel e você olhar pra alguém, ficar olhando por uma conversa ali que tá tendo, uma hora eles vão te perguntar alguma coisa. Ou se olhar pra alguém que tá sozinho, a pessoa que tá sozinha também, ela vai te perguntar, enfim. Ou se ninguém te perguntar, se você não perguntar nada, você pergunta que vão começar a conversar com você. Porque quando eu comecei a viajar sozinha, eu ficava em hotel e aí eu sentia sozinha, porque ninguém tá ali pra fazer amizade. E um hostel é um ambiente que propicia, então as dicas principais que eu dou é isso. Fazer coisas sozinhas na sua cidade pra você naturalizar um pouco estar sozinha, depois de você não viajar sozinha e ficar achando que o povo tá olhando pra você, que se sente estranha. E ficar em hostel, mesmo que seja pra alugar um quarto,

reservar um quarto privado, um quarto que só fique em você. Se tiver menos amarras ainda, divida quarto, isso faz a pessoa ter contato.

Orador 1

É Bom, e por fim, né, pra gente fechar. Quais mudanças você enxerga em si mesma desde que iniciou sua jornada como viagem de solo?

Orador 2

Nossa, muitas. Eu não seria quem eu sou hoje se eu não tivesse... Nossa, não seria quem eu sou hoje se eu não tivesse viajado sozinha de forma alguma. Como eu falei pra você, apesar de eu estar lá num ambiente masculino e sendo líder ali, né, eu não sentia que eu era capaz, eu não sentia que eu era independente, né. Eu senti isso mesmo estando numa viagem, né, viajando sozinha. Uma outra viagem que me marcou muito foi o período que eu fiquei na Indonésia, os sete meses que eu fiquei na Indonésia, porque eu morei realmente numa casa de madeira no meio de uma floresta que parece uma floresta amazônica. É um negócio assim, que eu falo para as pessoas, o povo não tem noção, né. Às vezes meu marido fala alguma coisa "Ai, você não vai gostar de tal lugar", eu falo "Luiz, eu morei numa casinha de madeira no meio da floresta". Então até brinco que eu preciso de um negócio de morar com os índios então, né? Pra ser um negócio mais extremo, porque foi uma situação muito forte. E ali você tá sujeito a qualquer coisa, né? E eu vou dar um exemplo que parece besta, mas pra mim é muito significativo que é a questão de barata. Eu tenho horror, pode ser fobia barata, eu não conseguia, eu olhava pra elas, eu fechava o cômodo uma vez em Uberlândia, eu fiquei o final de semana inteiro sem entrar no meu quarto, e era meu quarto e meu banheiro, pra você ter noção, porque uma barata tava dentro do meu quarto e meu banheiro Ela entrou na sexta, eu fui conseguir no domingo entrar, aí eu não achei, né? Você não entende o nível que era o negócio. Aí fui para a Indonésia e aí, meu Deus, é desse tamanho.... E aí, o que que eu tinha que fazer? Porque não é só assim, não gosto, é um negócio aqui dentro, então eu tive que enfrentar tudo ali. Então, vou lá e tal. Depois que eu voltei, né? Aparece uma barata, eu chamo o Luís, aí Luiz fala "ai, mas você matou tanta barata", eu falo "Ai, lá não tinha você, agora aqui eu tenho". Só que assim, o que eu percebi? Esses dias eu tava aqui no meu escritório, tinha uma barata entrando ali, tipo, eu penso assim, ela ou eu, eu fui lá e mato. Porque agora

não é aquele negócio mais que me consome por dentro, que é um negócio que eu vou morrer, entende? Eu tô dando um exemplo da barata, mas pra outras coisas que eu também tinha, que às vezes você sente "ai, não dá, ai, nossa, ai". Se você não fizer tal coisa, quem vai fazer por você? Ninguém. "Nossa, eu preciso perguntar"... Eu tinha o negócio de perguntar alguma coisa, de tirar dúvida dos outros. Eu ia perguntar e eu ficava "deixa, larga e larga". Nossa, eu já entrei em casa roubada de não perguntar qual parada que é pra parar o ônibus, o trem ou qualquer coisa. "Ai, não sei falar o idioma direito", eu falei "Não, você tem que falar, você tem que ir atrás". Então, muito disso de eu ser expansiva do jeito que eu sou hoje, eu não nasci desse jeito, de maneira nenhuma. Eu fui criando isso com trabalho, sim, mas acho que muito pelas viagens, esse negócio de eu ver o que tenho que fazer, eu vou lá e faço, eu preciso de tal negócio, ou eu peço, ou eu pergunto. Então, eu acho que isso eu aprendi muito com viagem, ir atrás das coisas e me sentir realmente capaz, né, como eu falei para você da história da barata.

Orador 1

Sim.. Bom, foi isso. Eu quero te agradecer muito pelos seus relatos. Com certeza vai me ajudar demais, já me ajudou, né? Eu espero que você tenha gostado, que tenha sido confortável, tá?

Orador 2

Gostei sim. Eu quero até ler depois, quando terminar.

Orador 1

Ah, eu mando, eu mando.

Apêndice 5. Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - Flavia Goulart



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
 ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
 DEPARTAMENTO DE TURISMO
 TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Eu, Flavia [REDACTED], portadora do CPF [REDACTED], depois de entender especialmente os métodos que serão usados para a coleta de dados para a pesquisa intitulada “**A prática do turismo solo ou em grupos femininos e suas complexidades**”, estando assim ciente da necessidade da gravação de minha entrevista para que seja feita a transcrição posteriormente, AUTORIZO, por meio deste termo, a pesquisadora Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva a realizar a gravação de minha entrevista sem custos financeiros a nenhuma parte.

Esta AUTORIZAÇÃO foi concedida mediante o compromisso da pesquisadora acima citados em garantir-me os seguintes direitos:

1. A imagem e áudio de minha gravação não serão divulgados em nenhuma hipótese, sendo necessária apenas para a transcrição da entrevista posteriormente;
2. Poderei ler a transcrição de minha gravação;
3. Caso não me sinta confortável em responder alguma pergunta, tenho a liberdade de não responder ou interromper a entrevista em qualquer momento;
4. Os dados coletados serão usados exclusivamente para gerar informações para a pesquisa aqui relatada e outras publicações dela decorrentes, quais sejam: revistas científicas, congressos e jornais;
5. Qualquer outra forma de utilização dessas informações somente poderá ser feita mediante minha autorização;
6. Serei livre para solicitar a gravação e transcrição de minha entrevista, assim como a pesquisa, assim que concluída.

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa a Sr^a poderá entrar em contato com os responsáveis pelo estudo: Isabella Kathleen Bastos Vargas da Silva (discente) e Leandro Beneditini Brusadin (docente orientador), que podem ser localizados no Campus Universitário Morro do Cruzeiro, Universidade Federal de Ouro Preto, Escola de Direito Turismo e Museologia, Ouro Preto, Minas Gerais, ou pelo e-mail isabella.vargas@aluno.ufop.edu.br e leandro@ufop.edu.br, respectivamente.

Este termo será assinado em uma via digital, pela senhora e pelos responsáveis pela pesquisa, ficando sobre o poder de ambos.

Desde já, agradecemos sua valiosa contribuição.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
ESCOLA DE DIREITO, TURISMO E MUSEOLOGIA.
DEPARTAMENTO DE TURISMO
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



Assinatura do entrevistado

Rio de Janeiro - RJ 01/02/2023
Cidade (UF) **Data**

Isabella Kathlem Bastos Vargas da Silva

Assinatura do responsável pela pesquisa

Ouro Branco (MG) 25/01/2023
Cidade (UF) **Data**

Apêndice 6. Transcrição da Entrevista - Flavia Goulart**Orador 1**

Bom, agora que eu comecei a gravar, eu preciso te perguntar novamente se você autoriza a gravação dessa reunião.

Orador 2

Autorizo sim.

Orador 1

Ah, outra coisa, eu gostaria de saber também se você autoriza a sua identificação na monografia. Se quando eu falar de você eu posso falar seu nome, eu posso citar o seu Instagram, suas redes sociais ou se você prefere que não.

Orador 2

Pode, não, tá autorizado sim, pode colocar.

Orador 1

Então tá, jóia. Bom, pra gente começar, né, eu gostaria de te conhecer. Que você se apresente da forma que você preferir, como você se sentir confortável.

Orador 2

Tá, bom, eu sou a Flávia Goulart Ribeiro, Eu tenho 37 anos, tô colando aqui pra eu não esquecer o que eu tenho que falar. Tenho 37 anos, sou do sexo feminino, sou solteira, moro no Rio de Janeiro, cidade do Rio. Escolaridade, eu sou graduada tanto em turismo quanto em direito e hoje minha ocupação é blogueira de viagens.

Orador 1

Você fez turismo onde?

Orador 2

Na Estácio

Orador 1

No Rio mesmo?

Orador 2

Aham. Me formei em 2012, já tem 11 anos.

Orador 1

Nossa, que legal. Eu acho que nessa época foi quando o curso de turismo teve um boom. Foi quando ele começou mesmo a ficar famoso.

Orador 2

Sim, porque foi a época das Olimpíadas no Brasil, que tinha muitas promessas da Copa do Mundo, então teve muito esse... Muita gente entrou para o curso. Agora eu não sei como é que está, mas... Até depois, em off, eu te pergunto, queria saber se você me manda a grade da faculdade, porque eu tenho uma curiosidade de ver, porque eu acho que deve ter evoluído bastante também. Na minha época, eu lembro que eu queria muito trabalhar com planejamento turístico, né? E, na época, não tinha tanta disciplina ligada a isso. Eu queria fazer pós graduação, eu lembro que na época eu queria muito fazer isso. A minha monografia, inclusive, foi um projeto de sinalização turística numa rodovia aqui do Rio. E aí, eu até cheguei a ver que tinha pós graduação disso. Porque na Europa, a galera investe. Infelizmente, o governo investe lá, aqui não. Então, a gente encontra essa barreira. Mas é outro assunto. Eu adoro falar sobre isso.

Orador 1

Claro, podemos falar sim. Bom... Começando, o que te motivou a realizar sua primeira viagem solo? E como foi desencadeado o interesse por continuar viajando sozinha?

Orador 2

Eu trabalhei um tempo para morar em Londres. Chegando lá, minha intenção sempre foi trabalhar lá também para juntar dinheiro e fazer um mochilão. Mas quando eu saí do Brasil, eu tinha ideia de fazer esse mochilão com uma amiga minha que morava aqui no Brasil. Então a gente meio que combinou um período. Só que eu fui para lá, passaram alguns meses e ela falou pra mim "Flávia, eu não vou conseguir fazer esse mochilão com você". E aí eu tive que encarar essa realidade do tipo "Cara, eu preciso arrumar alguém então pra fazer comigo". Tinham brasileiros e alguns amigos lá, só que o problema é que eu queria fazer um mochilão grande. Eu não queria tipo, ir no final de semana, sei lá, conhecer Paris, e no outro final de semana, ir pra Dublin, que é muito comum que a galera que morava comigo fazia. Eu queria tipo, fazer um mochilão de, sei lá, três meses e tal,

e como ela não ia, eu falei "Cara, eu quero muito ter essa experiência", e aí eu encarei a realidade, que eu falei "Cara, eu preciso viajar sozinha". Para mim, nessa época, apesar de eu estar com medo, o que me facilitou, porque como eu trabalhava em hostel aqui no Rio, eu via algumas mulheres, principalmente gringas, nessa época eu não via mulher brasileira nenhuma viajando sozinha, eram todas gringas. Então, querendo ou não, elas foram a minha inspiração, né? Que é o que eu faço hoje com as mulheres, e elas fizeram aquilo para mim. Então, eu tinha um certo medo, mas aquilo me soava mais natural, apesar disso ser 2008, né? Que eu fiz essa viagem. Então, tem bastante tempo, é uma época que você não via muita gente viajando, não via brasileiros ficando em hostel, mas isso acabou facilitando, que eu tive essa inspiração dessas mulheres. Então, eu encarei o fato de que, tipo, se eu quero experimentar essa viagem, vou ter que fazer sozinha, porque ninguém vai querer ir comigo. Então foi assim que eu me motivei a viajar sozinha. E aí nessa viagem é o que eu sempre falo, né? Aí um novo mundo se abriu pra mim, porque foi uma experiência incrível, foram quase três meses de fato viajando sozinha. E eu sempre tive uma característica, uma personalidade de gostar da solitude, desde nova. Eu ia para a praia sozinha, eu gostava de fazer minhas coisas sozinha. Então aí encaixou, porque eu fiz uma viagem onde eu fiquei num ambiente que eu já conhecia, que eu fiz muitos amigos e que eu tinha mesmo momentos sozinha, então assim, ainda estava realizando um sonho de viagem. Aí eu falei, "Cara, eu quero isso para o resto da minha vida". Então, o interesse, não tinha nem como não ter mais interesse, porque foi como uma descoberta mesmo de que era o melhor estilo de viagem para mim.

Orador 1

Bom... Qual foi sua principal motivação ao criar uma rede social voltada para o compartilhamento de suas experiências como viajante solo?

Orador 2

Na verdade, eu criei a primeira... A primeira rede que eu criei foi o All We Need Is Travel, nem era o outro Instagram que eu tenho de viajar sozinha. Ele nunca foi motivado para viagem solo, para mim, era uma coisa tão natural. Eu inspirava algumas amigas no offline, mas para mim aquilo era muito natural. Eu não tinha muito contato com várias mulheres, com mulheres que não tinham muito medo.

Então, eu comecei a compartilhar minhas viagens de uma forma geral, quando eu decidi abrir o blog, o Instagram. No início era muito hobby, eu não tinha ideia de virar a minha profissão. Até porque eu estava na faculdade de Direito nessa época. E aí, eu abri o Instagram para falar sobre isso, mas como eu viajava sozinha e já tinha tido experiência, eu acabava falando sobre isso, né? E aí, eu comecei a responder um monte de mulheres, que elas perguntavam, "Ué, mas você vai sozinha? Mas como é que você faz isso? Você tira foto como? Você não tem medo? E a segurança?". E aí eu comecei a falar "Cara, tem muita dúvida", e aquilo me chamou a atenção, e aí eu lembro que eu comecei a ter uma ideia de falar assim "Cara, eu preciso começar a falar mais sobre isso". Então eu comecei a fazer posts sobre isso, e até um dia que eu tive a ideia de escrever um ebook sobre isso, com as dicas todas, condensar tudo, que foi o meu livro, né? Que até hoje eu vendo o livro, e aí por conta disso eu resolvi falar "Cara, então eu vou abrir um Instagram só do livro" Nem era um Instagram voltado para viagem solo. Eu falei "Ah, eu vou abrir um Instagram só para deixar o livro lá e tal", e acabou que eu comecei a postar várias coisas para divulgar o livro e aí começou a crescer também aquele outro Instagram. Então eu acabei levando os dois Instas e aí ele ficou mais um Instagram mais motivacional para mulheres. E aí eu tive que ir além da viagem, né? Porque aí você começa a tratar disso, de solidão, de se valorizar, a própria companhia, de autoestima, de empoderamento de mulher, de tudo relacionado ao autodesenvolvimento, ao conhecimento. Então, foi meio que por acaso e a partir de uma identificação a identificação dessa necessidade que as mulheres tinham de ter alguém que inspirava, mas ao mesmo tempo que contava suas experiências e tiravam suas dúvidas e que chegavam junto ali para falar "não, vamos embora". Então, foi basicamente isso.

Orador 1

Sim... Fale um pouco sobre como é a experiência de compartilhar as suas vivências e quais são as principais informações que você procura trazer para suas seguidoras quando conhece um novo lugar.

Orador 2

Você tem que ter noção de que você está contribuindo não só para a viagem, mas para a vida. Porque é o que eu sempre falo, você tomar consciência de como você vai extrapolar para a sua vida. Não vai ficar só na viagem solo, você vai olhar para a sua companhia, você vai se valorizar, você vai escolher melhor os relacionamentos, porque você se sente bem sozinha. A gente sabe que a mulher muitas vezes acaba ficando num relacionamento porque ela não quer ficar sozinha. A partir do momento que você identifica que está tudo bem estar sozinha, você não se sujeita a muitas coisas. Então, isso para mim, até me arrepio de falar, porque é uma coisa que me toca muito. A experiência de compartilhar é incrível, porque realmente você se sente transformando e ajudando muitas mulheres e até contribuindo um pouco para mudar um pouquinho essa sociedade, sabe? Eu não sou uma influência de um milhão de seguidores, mas assim, eu consigo influenciar algumas mulheres e isso, pô, isso para mim tem um valor assim inestimável, né? Então, é uma coisa que eu gosto, tanto que eu acabei largando meu outro Instagram inicial para acabar focando nisso, porque é o que toca mais no meu coração, não tem jeito, então, é incrível essa experiência. E sobre a outra pergunta, "quais são as principais informações que você procura trazer?" é mais assim, quando eu conheço um novo lugar, eu falo muito sobre planejamento, eu tenho muito esse background aí, não só porque eu formei em turismo, mas também porque eu trabalhei muitos anos em agência e também uma coisa que eu identifiquei é que o planejamento é muito a base da segurança para uma viagem. Então, uma das principais informações é que eu sempre falo para elas pesquisarem bastante sobre aquele destino. Ou então eu dou algumas dicas de segurança e até de planejamento em si para que não role os perrengues. Porque muitas mulheres têm medo de viajar sozinha também porque acham que vai passar perrengue, então, eu gosto de passar bastante informação sobre isso. Eu gosto de passar bastante informação sobre o lugar, sobre a segurança do lugar, né? E também de desmistificar um pouco também os destinos, que é uma coisa que eu falo muito, né? Tem muita mulher que fica "ah, eu não vou precisar do destino porque vai ser perigoso". Eu também gosto de trazer essa informação de que, calma, se a gente pesquisar, fizer com responsabilidade, dá para a gente conhecer vários destinos, inclusive destinos aí que a galera gosta de pintar como destinos que são proibidos, né? Não só por conta da violência, mas é uma outra problemática que a gente enfrenta, de ser destino para casal, tem muito isso. Tem muita mulher que fica "Será que só vai ter casazinho? Vou ficar me

sentindo insegura e tal". Então geralmente são essas informações que eu tento pincelar quando eu levo informação de um novo destino.

Orador 1

Sim... Como você define a importância de grupos virtuais, agências, hospedagens e roteiros voltados para o público feminino?".

Orador 2

Olha, eu acho muito legal ter esse incentivador, porque tudo vai fazer parte do incentivo. Então, por exemplo, esses grupos, que eu acho que são esses grupos que você está falando de viagem, que a galera junta e tal. E claro, eu falo sobre viajar sozinha, mas é sempre uma coisa que eu gosto de falar também. Porque muita mulher pergunta, "Flávia, mas viajar de excursão é viajar sozinha?" E eu falo, gente, é. Porque você vai ter que fazer aquele movimento de ir sozinha, de fazer amigos, de sair da sua casa sozinha e pegar o seu táxi, seu ônibus. Então, isso é um movimento, né? Então, por mais que não seja aquela viagem solo clássica, de você fazer tudo, organizar tudo, é assim que você dá os primeiros passos. Então, ter grupos voltados para isso vão auxiliar a mulher nesse processo. A mesma coisa de agências que oferecem roteiros só para mulheres ou até para excursões que vão só mulheres. As próprias hospedagens que tem. Ontem mesmo fiz uma reunião com a Sister Wave, não sei se você conhece essa plataforma, que é tipo um couchsurfing, mas pago, de mulheres, só com hospedagens de mulheres. Então, também é interessante porque a mulher que não quer ficar num hotel ou que ela não quer ficar num hostel, mas ela pode ficar numa hospedagem onde ela conhece um local, onde ela vai interagir. Tudo que puder incentivar o movimento da mulher vai contribuir para essa jornada dela de viagem solo, de autonomia e tudo mais. Então, eu acho essencial porque isso é forma de dar esse start mesmo.

Orador 1

Sim... E Como o depoimento de outras mulheres impactam em suas escolhas para viagens?

Orador 1

Você diz das minhas viagens, destinos e tal? Acho que é essencial e é uma coisa que também eu gosto de fazer no meu para inspirar as outras. Então, é bem essa

ideia de inspiração. E não só inspiração, de pegar o relato prático. Então, dela falar "Olha, nessa cidade aqui é mais complicado, você precisa usar esse tipo de vestimento ou evitar sair à noite, ou evitar ficar nessa região", então isso vai me impactar. Geralmente, para o meu lado, é de abrir os meus olhos e me fazer me encorajar. Infelizmente, eu vejo alguns conteúdos na internet, até de homens. Uma vez eu até falei isso, que no início da pandemia, eu vi no TikTok um garoto que ele fazia... Bombavam muito no TikTok nessa época aqueles vídeos de lista. Então, assim, 10 lugares para não ser que lá, não, não, não. E aí, ele fez um vídeo que ele pegou até no site internacional. Depois, eu até brinquei, porque eu falei "Cara, o Brasil está nessa lista e a gente mora no Brasil". Então, tipo assim, que eram os 10 lugares mais perigosos para a mulher viajar sozinha, né? E o Brasil estava no topo, eu falei "Cara..." Mas ele pega aleatório os lugares e um homem, sabe? E aí fica colocando essa imagem, sabe? Continua estereotipando destinos, dificultando ainda mais que a mulher se sinta... Porque, cara, a mulher já tem vários empecilhos. Ela tem ela mesma falando que vai ser perigoso, ela tem a sociedade falando que ela perigoso, a família dela fala que é perigoso, aí chega um monte de vídeo no TikTok falando que é perigoso. Então, assim, eu acho que tem muitos conteúdos que fazem o contrário, né? Então, eu tento fazer o meu conteúdo e consumo o conteúdo de mulheres que fazem o contrário. Que, claro, com responsabilidade, falar sobre os destinos, mas de abrir os olhos e falar, cara, eu não vou ficar tolhida, a gente já é tolhida demais pela sociedade. Então, não vou deixar que o destino... Eu até, não sei se você chegou a ver, mas eu até lancei uma marca de blusinhas ano passado, e uma das frases que eu coloquei na blusinha é "Lugar de mulher é no destino que ela quiser", por essa ideia. Então, foi uma frase que eu tinha postado no Instagram e eu falei, cara, é isso, assim, porque eu não quero limitar, a gente já é muito limitada. Se a gente for limitada também nas viagens, pelo amor de Deus. E aí, talvez, isso também funcione como um movimento de libertação em tudo, né? Porque você começa se libertando nas viagens e isso vai te transbordando. Então, antes você achava que aquele cargo não era pra você. Mas, pô, aí você pensou "Pô, mas antes eu achava que aquele destino não era pra mim eu fui lá e consegui". Então, agora, eu me sinto empoderada também pra também traçar outros desafios na minha vida também. Então acho que é por aí.

Orador 1

Você sente alguma pressão estrutural quanto à sua decisão de viajar sozinha?

Orador 2

Estrutural ce diz mais social, assim, né? Eu, não. Porque... Mas, assim, eu nunca fui uma pessoa muito aí, mais da minha personalidade, mais da minha característica. E também eu comecei muito nova. A vida acabou me encaminhando ali pra trabalhar num hostel, que abriu minha mente, minha personalidade. Já era uma pessoa que também era um pouco mais rebelde nesse sentido. Então, eu não, mas eu sinto um pouco quando eu viajo, assim. Em alguns olhares, alguns julgamentos, alguns questionamentos. Mas também eu não sinto muito isso, porque como eu já faço isso há muito tempo, não me atinge. Então, assim, também acho que eu dei sorte, porque a minha família não é uma pessoa... Ninguém me julga, ninguém fica perguntando se eu vou casar, se eu vou ter filhos. Minha mãe nunca me atazanou por eu viajar sozinha. Então, assim, eu tenho essa sorte também. Meus amigos também, acho que a maioria dos meus amigos hoje da vida adulta também já me conheceram eu fazendo minhas viagens sozinha, então também nunca teve muita questão. Às vezes, só quando eu falo, tipo, eu lembro que uma vez eu falei que eu queria ir lá naquela região ali do Afeganistão, que tinha uns lugares bonitos, né? A galera pensa que o Afeganistão só tem a guerra, mas tem uma parte do país que é tranquila e é lindo. É ali naquela região da Ásia Central. Aí, meus amigos, meu Deus do céu e tal, mas é mais nesse sentido eu até entendo, mas ninguém se mete, né? Mas assim, para as mulheres em geral, até para você te ajudar no trabalho, tem sim, elas sofrem pressão da família, dizendo que é perigoso, que elas não vão ser capazes de se virar sozinhas, dos próprios amigos, dos parceiros. Eu não sei se é uma coisa que pode entrar aí na sua monografia, mas depois, se você quiser, eu te mando um vídeo no meu YouTube. Depois, lê os comentários para você ver, pode até te ajudar na parte do machismo, porque é um vídeo que, eu não sei o que aconteceu com o algoritmo, que ele mandou para um monte de homem. Então, assim, é um monte de homem falando muita merda de mulher que viaja sozinha, mesmo namorando ou num relacionamento. Mas também tem comentários de mulheres falando que fazem, então é bem interessante também porque elas sofrem pressão também dos próprios parceiros e maridos e tudo mais. Então da família, dos parceiros, amigos e da sociedade, né? Você vai num restaurante, já até vi isso brincando. Você chega sozinha e a pessoa pergunta "Ah, mesa pra dois?" ou "Ah,

cadê o seu marido? Vai chegar?", então assim, isso também é um certo preconceito, né? Porque tem muita mulher que já vai com medo do julgamento, de receber os olhares, aí chega e já toma uma paulada dessa do garçom perguntando se vai ter mais alguém, então já te abala emocionalmente. Então, é bem comum isso acontecer.

Orador 1

Sim... Entendi. Você já sofreu algum tipo de constrangimento, medo ou assédio quando viaja sozinha?

Orador 2

Já. Já sofri um assédio, foi até bem pesada essa história. Foi a minha primeira viagem, foi essa viagem no meu mochilão da Europa. Ali ela particularmente foi uma viagem que eu não tinha noção nenhuma de planejamento. Até foi muito bem sucedida pela pouca experiência que eu tinha. Mas eu passei alguns perrengues por falta de conhecimento mesmo. Um deles foi não saber o que eu precisava de visto. E naquela época não tinha internet no celular, então dificultava muito a minha vida, né? Foi falta de conhecimento aliada à falta de informação. Mas eu fui pegar um trem da Bulgária para a Sérvia e aí eu não tinha visto. Então, chegamos ali na fronteira, eu estava no trem, né? Então para no meio do nada, do nada, assim, da fronteira da Sérvia com a Bulgária. Então, assim, não tinha nada, eu fui parada e falaram que eu ia me deportar, mas até você tem que esperar um trem pra voltar. Então, você ficou no meio do nada com um monte de policial homem da Sérvia e ninguém falava muito bem inglês, eles pegaram o meu passaporte. Mas ali foi tranquilo, só para resumir a história, foi tranquilo ali, não fizeram nada comigo. Esperaram um trem passar de volta para Bulgária e me botaram. E aí esses trens ali do leste europeu, eles são tipo... Não é aquelas fileirinhas igual ônibus, é tipo cabines assim né, e dois sofazinhos. E eles me botaram num que tinha três homens mais velhos. E me beijaram, me davam beijo na bochecha e fizeram um símbolo, a gente não conseguia se comunicar, falando que queriam fazer sexo. E aí, eu fiquei tensa, eram duas horas de viagem, mas assim, eles não fizeram nada comigo, a não ser me tocar, assim, e tal. E depois, no final, quando chegou na estação, eu saí correndo pra saltar, e um deles foi puxando minha mochila, me perseguindo pela estação, até que eu consegui desviar e me esconder, e aí o cara foi embora. Isso lá

em 2008, vendo uma mulher correndo e ninguém fazer nada, simplesmente nada. Mas enfim, passei esse perrengue. Mas assim, foi uma noite bem pesada para mim. Depois eu cheguei e dormi chorando, aquele choro que você chora, chora, chora, chora, porque na hora você não consegue chorar. Você precisa se manter ali forte para você tomar as decisões, né? Então, depois a emoção vem. Então, eu chorei, chorei, chorei. No dia seguinte, eu falei, "Olha, eu não vou deixar isso abalar minha viagem, que é uma viagem incrível, ainda tem vários dias pela frente". Mas também foi um aprendizado ali pra mim, né? De... É... Óbvio que eu não tive culpa, mas o aprendizado, tipo, ah, tem que... Pra você não se colocar em certas situações, né? Do tipo, eu pegar um trem aleatório que eu não sabia a hora que eu chegava e tal. Pra isso, por isso, que eu falo muito sobre planejamento, né? Pra você evitar sair do script, porque sair do script pode te levar para um perrengue.

Orador 1

Entendi... E quais cuidados você julga necessários tomar ao realizar uma viagem sozinha? Você tem estratégias para se manter segura durante a viagem?

Orador 2

Como a gente falou um pouquinho já, planejamento é sempre muito bom. Você pensar também, por exemplo, se você está indo para um destino que seja uma cultura, uma religião diferente, ficar muito atenta ao comportamento naquele lugar, a vestimenta que você vai usar. Uma coisa que eu sempre falo, evitar beber ao ponto de perder a consciência. Então, toma suas cervejinhas, mas chega naquele ponto, limite. Ou então, se você não consegue ter esse limite, você se proibir de beber álcool nas suas viagens. É... Evitar sair à noite andando pela rua sozinha. Na maioria dos destinos, o ideal é isso. Alguns destinos são muito seguros. Não confiar em qualquer pessoa, né? Tipo, "Ah, vai para o hostel, você faz vários amigos", mas é aquilo, você não pode contar 100% com aquela pessoa. É ter sempre junto com o seu celular ou anotado num papelzinho o endereço da sua hospedagem. Deixar com o familiar também, todo o seu cronograma da viagem, endereço de onde você está hospedada, cidade, horários de voo, para sempre ter um suporte ali caso necessário. Cuidar também em relação ao assalto, né? Bolsas, evitar bolsas com muitas bolsas, assim, geralmente aquelas bolsinhas menores ou até aquela... Qual o nome... Do dólar? Aquela bolsinha de dólar para botar aqui. Muito boa para o

carnaval também, para deixar o celular. Acho que são tantas coisas que a gente tem que se preocupar, mas é basicamente escolher uma boa hospedagem, bem localizada. Muitas mulheres têm muito medo de hostel, por exemplo. Eu já morei, já trabalhei, já me hospedei, eu sempre fico em quarto misto, nunca tive problema. Mas, por exemplo, eu evito colocar a baby doll, aqueles muito soltos no corpo, para não sair o peito, ou para pagar uma bundinha, então colocar uma legging mais justinha, uma blusinha mais justinha, ou então ficar em quarto feminino também, se a pessoa não está se sentindo muito segura. Eu acho, uma coisa que eu sempre falo, nós somos brasileiros, infelizmente a gente vive aqui. É um dos países onde você se sente menos segura para fazer suas coisas, mas essa infelizmente é a nossa vida. Então assim, às vezes eu vejo gringas lá fora, ou até quando eu trabalhava em hostel aqui, elas largando o celular, largando o computador na cama e saindo para passear. Então, geralmente, a mulher brasileira é muito sagaz nesses cuidados, entendeu? Claro, não são todos, a gente sempre tem que alertar, mas geralmente a mulher brasileira já faz esses cuidados no dia a dia dela. Então é mais ou menos manter a mesma coisa. Coisas específicas de viagem também. Eu sempre falo, se der, evita chegar num destino novo à noite. Ainda mais se você pegar transporte público, porque você não conhece. À noite tem menos gente na rua, os perigos estão mais à noite, geralmente. Então, esses tipos de cuidados que a gente já tem.

Orador 1

Você se sente segura ao viajar sozinha no território brasileiro? Qual a maior dificuldade ou facilidade que uma mulher encontra ao viajar sozinha pelo Brasil, na sua opinião?

Orador 2

É muito mais fácil em relação a isso, né? Quando eu volto, tipo, eu voltei... Em dezembro, eu passei 20 dias nos Estados Unidos. E, cara, eu chego no Brasil, eu fico revoltada com os assédios que a gente sofre. Tipo, sério, eu fico, tipo, duas semanas muito... Muito... Desculpa, muito revoltada com o que a gente tem que passar aqui, sabe? Porque você não sente isso lá fora. E isso acaba que prejudica as mulheres que querem viajar pra fora, porque elas colocam na cabeça delas a referência que a gente tem do Brasil. E geralmente, na maior parte do mundo, você

vai estar muito mais tranquilo lá fora do que aqui. São assédios, estupros e tudo mais. Então, eu me sinto segura porque eu tenho os meus cuidados. Eu também não sou aquela mulher... Eu vejo algumas meninas na internet também mais pro lado da... De ser mais neurótica, eu digo neurótica não como um lado negativo não, de ser muito mais preocupada, assim, de ficar mais noiada. Eu não sou esse tipo de pessoa. Então, eu acho que isso me tranquiliza um pouco também, porque eu acho que senão fica uma carga muito pesada. Tipo, eu sei que tem mulheres que levam spray de pimenta para se proteger. Eu não sou muito essa pegada, mas claro, cada um tem que fazer o que se sente mais tranquilo, que vai trazer segurança para ela. Mas eu me sinto, de geral, de forma segura, tomando os meus cuidados. E, de novo, o que a gente já faz no nosso dia a dia, vivendo como mulher, é o que a gente pode fazer também viajando. E qual a maior dificuldade ou facilidade que a mulher... Acho que a facilidade é a questão da língua e a proximidade da cultura, que eu acho que as mulheres que acabam ficando preocupadas ou postergando uma viagem ao exterior sozinha, elas se preocupam muito com a questão da língua, de não conhecer a cultura do desconhecido, que no Brasil, querendo ou não, você tem. E a maior dificuldade, eu diria, é o assédio, o medo do estupro, assalto, mas acho que o que mais pega para a mulher sozinha é a questão do assédio mesmo.

Orador 1

Sim. E a questão também do assédio, a gente quase que se acostuma, né? É um absurdo.

Orador 2

Sim, é o que eu te falo. Eu fico com raiva, mas quando eu fico um tempo fora e volto, é uma coisa que me abala. Porque aí você percebe, porque acaba que a gente ignora. Quando você vai para algum país mais seguro em relação ao assalto e a assédio, você vive uma vida em paz, você não fica o tempo todo naquele estado de nervo, que a gente não percebe. A gente no Brasil vive no estado de nervo por causa de assalto e a mulher por causa do estupro e do assédio. Cara, e quando você sai um pouco, você fica mais tempo fora, você sai daquele estado ali, no início você ainda fica meio assim, que você leva referência, depois de um tempo você relaxa. E aí você chega e fica questionando. Eu sei quando eu volto e falo, "Cara, eu vou embora do Brasil, não dá mais pra eu morar aqui não", porque é um nervoso,

infelizmente. Só que agora eu já estou normalizada de novo, entendeu? Você já vai costumando aqui, mano, de novo. Terrível.

Orador 1

Alguma política pública ou costume local trouxe facilidade ou sensação maior de segurança durante uma viagem solo? Na sua opinião, funciona ter o vagão exclusivo?

Orador 2

Funciona, mas aí não é específico para uma mulher viajante, é específico para a mulher... Geralmente, a mulher que trabalha, pega esse vagão, ele também só funciona no horário de rush, quando vai ficar cheio, onde o homem vai conseguir encostar com mais facilidade, né? Então, assim, de política pública que eu consigo me lembrar, acho que esse cuidado só, em geral. Mas em relação à viagem, eu acho que a questão dos quartos femininos em hostel é uma grande evolução. Quando eu comecei a trabalhar em hostel, ali em 2005, eu já tinha alguns hostels, o que eu trabalhava tinha quarto feminino, mas era bem raro. E hoje a gente vê que grande parte, acho que 95% dos hostels tem quarto feminino. Inclusive agora tem lugar que tem quarto masculino só, que não era uma coisa comum, geralmente era misto ou feminino. Agora às vezes, tem misto, feminino e masculino. Tem lugares que é só masculino e feminino, então acho que também é uma evolução. Acho que também essa questão de... O Sister Wave mesmo, acho que é uma plataforma bem legal, porque tem muitas mulheres que gostariam de fazer o Couchsurfing, mas ficam com medo de ser um anfitrião homem, então você ter uma anfitriã mulher também é uma questão. A questão do próprio Uber não faz isso, mas tem aplicativos que, tipo Uber, que são específicos para motoristas mulheres ou então você pode solicitar uma motorista mulher. Então eu acho que isso também é uma evolução. Então de cara, eu acho que eu consigo pensar nesses, porque isso também é aquilo que a gente até dos grupos, isso de certa forma incentiva a mulher a experimentar, começando por isso. Eu sempre falo, você tem medo de hostel, porque o brasileiro tem medo do hostel pelos mesmos motivos da vida, do tipo de ser assaltado, porque você está compartilhando um espaço, e a mulher de ser assediada ou estuprada naquele ambiente compartilhado. O brasileiro tem muito medo disso. Então, eu sempre falo, começa pelo quarto feminino, então. Porque aí

você vai ficar mais tranquila, vai ser ambientar e depois, se você quiser experimentar o quarto misto, você vai. Então eu acho que é uma evolução porque você coloca a mulher, você incentiva ela a experimentar a experiência.

Orador 1

Sim. Bom, quais seriam as principais recomendações que você daria para uma mulher que pretende fazer sua primeira viagem sozinha?

Orador 2

Olha, eu acho que primeiro, uma das primeiras recomendações que eu sempre faço é, cara, primeiro, não ache que você precisa estar se sentindo 100% corajosa para você ir. Porque ninguém se sente 100% corajosa para fazer uma coisa que é nova, que é desconhecida e que tem tanto tabu e mitos e questões de segurança envolvidos que mexem com o nosso emocional. Então, não esperar, assim. Eu tenho até uma frase que eu sempre falo, que é, "Cara, não espera não estar com medo, né? Se sentir corajosa. Vai com medo que a coragem vai te encontrar no caminho. Porque você vai acabar vivendo as experiências e vai vendo que não é aquilo tudo que você imagina, que é muito mais fácil, as coisas vão fluindo, vão acontecendo, você vai ganhando confiança também nesse processo. Porque as coisas vão dando certo, então você vai encontrando com essa coragem. No final, você está já tipo "Caraca, que incrível!" E aí você começa a ver os benefícios disso, né? E também não se iludir a achar que você vai se sentir 100% corajosa para sempre. Às vezes, na segunda viagem, você ainda vai tá lá... Hoje mesmo, se eu vou fazer um destino que é mais desafiador pra mim, eu vou sentir um certo medo, ainda mesmo tendo quase 20 anos viajando sozinha, né? Então, acho que é bem... Primeiro, assim, é não achar que só pode ir quando estiver 100% confiante, a outra coisa que eu acho que dá um tempo para escolher um bom destino. E eu digo isso, não um bom destino que seja legal e tal, é mais que seja a ver com você. Porque, às vezes, uma mulher que está com muito medo, às vezes ela tem o sonho de ir para algum destino, mas ela não tá se sentindo segura. Aí ela vai, ainda não está acostumada com a própria companhia. Então é um destino que é um pouco mais desafiador, naturalmente. E aí sai tudo errado e ela fala "Não, viagem sozinha não é para mim". E isso vai traumatizar ela. Eu sei que eu já troquei mensagem com muitas mulheres desses anos e isso às vezes acontece, né? Então, escolher um

destino, que eu sempre falo, escolhe um destino que você já foi, que você já conhece. Um destino que você já é pertinho da sua casa. Um destino que você vai na sexta e volta no domingo. Pegue o ônibus e volte se bater o desespero, entendeu? Para você se colocar na experiência. Porque aí você vai evitar de dar esse trauma e aí não querer mais. E também eu acho que, tipo, tem muita mulher que não se acostumou a estar na própria companhia. Então, pode ser que a viagem seja ruim por causa disso. E aí ela também traumatiza. Então, outra recomendação, se você nunca teve a experiência de fazer nada sozinha, começa, ao invés de começar pela viagem, comece por atividades na sua cidade. Cinema, restaurante, praia, parque. Porque aí você vai tirando esses medos, essas inseguranças. Vai vendo que é legal também estar sozinha. Vai se acostumando com a sua própria companhia. Então, acho que essa é a maior recomendação importante, dessas mais emocionais. A parte prática, eu acho que planejar bem essa viagem, pesquisar bastante sobre o destino, para você pegar um planejamento muito certinho, né? Não querer fazer uma viagem mais "deixa a vida me levar", que é uma viagem legal também, mas quando você tem mais experiência na viagem solo. Quando você está começando, tem que ser aquele roteirinho mais cronometrado, mais certinho, bem planejado, para evitar sair de qualquer coisa fora do rumo, porque você não tem experiência, não tem essa malandragem para poder resolver um problema, alguma questão. Então, eu acho que o planejamento... Cuidar também com essa lista de questões de segurança, de ter internet no seu celular, ter o dinheirinho fácil, na mão, cuidar que tem bateria no seu celular, levar carregador portátil, evitar beber, aquelas mesmas instruções também que eu falei na parte de segurança. Então, se atentar bastante para a questão de segurança. E eu acho que com isso, você pega o lado emocional pra te fortalecer e também garante que você vai ter uma segurança ali.

Orador 1

Sim. Bom, e por fim, né? Quais mudanças você enxerga em si mesma desde que iniciou sua jornada como viajante solo?

Orador 2

Ah, menina, eu sempre falo isso, que viajar sozinha ali, eu tinha 21 anos, né? Moldou a mulher que eu sou hoje, assim. Eu já, como eu te falei, eu já tinha uma personalidade que tinha uma tendência para solidão, mas aquela experiência ali,

ela me abriu os olhos para a minha autoconfiança, ela me deu autoestima, ela me abriu os olhos para as coisas que eu posso realizar como mulher sozinha, ela me fez enxergar que eu posso me divertir sozinha, né? Porque eu queria ir com a minha amiga, mas aí eu falei, "Pô, será que eu vou me divertir?" E foi melhor ainda. Hoje eu falo "Graças a Deus que essa minha amiga não foi", entendeu? Porque me abriu para o mundo, abriu meus olhos. Então, acho que a mulher que eu sou hoje realmente foi construída ali, parece um exagero, mas só quem de fato viveu e sabe que como uma viagem sozinha é transformadora, né? Outro dia até recebi um comentário de uma menina falando que eu romantizo muitas viagens solo. E não é, cara. É porque eu... Eu falo as coisas que são problemáticas também, né? Eu conto meus perrengues. Mas eu acho que ela realmente é transformadora, ela te dá esse empoderamento todo, de fato, essa confiança. Eu olho pra mim antes de fazer essas viagens, essas primeiras viagens, e eu falo, cara, eu tenho certeza que aquilo ali moldou muito do que eu sou, da minha confiança para outros planos da minha vida depois, para os meus desafios, sabe? Então, eu tenho certeza que ela me deu, me trouxe realmente essa, principalmente, essa autoconfiança, né? Esse sentido de... O autoconhecimento também, pra gente, é muito importante, pra mulher, eu acho, e também para romper essas barreiras, essas crenças internas nossas, de que a gente não pode, de que a gente não vai ser feliz sozinha, de que a gente não pode se divertir, que a gente tem que estar sempre acompanhado. E também tirar um pouco essas expectativas dos outros, sabe? É tipo você pegar o controle da sua vida e falar "Cara, óbvio, a gente vive em sociedade, mas eu também tenho poder sobre as minhas decisões, sobre as coisas que eu faço, sobre as minhas escolhas". Então eu acho que a viagem só, ela tem muito esse poder. E hoje, inspirando outras mulheres, eu consigo perceber que não é só uma percepção minha, ou uma mudança de vida minha, porque eu leio todo dia milhares de relatos das pessoas falando "Cara, a melhor coisa que aconteceu depois que eu viajei sozinha, pô, eu terminei um relacionamento abusivo, depois que eu viajei sozinha, eu decidi, sei lá, mudar de cidade, mudar minha vida e tal". Então ela te traz, de fato, um poder que nós mulheres a gente não recebe, né? Ainda mais nas gerações mais antigas e tal. Eu tenho 37, 38 anos esse ano, então é uma geração completamente diferente. Hoje já está um pouquinho melhor, mas ainda assim, eu falo com meninas de 20 anos que ainda estão lá, a família prendendo ela, "não vai, não sei o quê, não, não, não." Entendeu? Então é importante mesmo pra essa libertação da mulher, eu acho.

Orador 1

Sim. Bom, foi isso. Foi bem rapidinho. Acho que até porque eu já tinha te mandado as perguntas e eu acho que até facilitou. Eu te agradeço muito por você ter aceitado participar. Com certeza sua contribuição vai me ajudar demais.

Orador 2

Ah, que bom. Então, qualquer coisa é só me mandar lá no WhatsApp também, se você lembrar ou pensar em alguma coisa. Não esquece, eu quero ler essa monografia.

Orador 1

Ah, jóia. Não, com certeza. Eu vou te enviar. Obrigada novamente.

Apêndice 7. Roteiro para Entrevistas

1º BLOCO: APRESENTAÇÃO

- Apresentação da entrevistadora
 - Introdução sobre a pesquisa
 - Autorização para gravação e identificação na pesquisa
 - Apresentação inicial da entrevistada
1. O que te motivou a realizar sua primeira viagem solo, e como foi desencadeado o interesse por continuar viajando sozinha? Fale sobre experiências de primeiras viagens, motivações, expectativas, frustrações e sensações.

2º BLOCO: REDES SOCIAIS

2. Qual foi sua principal motivação ao criar uma rede social voltada para o compartilhamento de suas experiências como viajante solo?
3. Fale um pouco sobre como é a experiência de compartilhar suas vivências. Quais são as principais informações que você procura trazer para suas seguidoras quando conhece um novo lugar?
4. Como você julga a importância de grupos virtuais, agências, hospedagens e roteiros voltados para o público feminino?
5. Como o depoimento de outras mulheres impactam suas escolhas para viagens?

3º BLOCO: INSEGURANÇAS

6. Você sente alguma pressão estrutural quanto à sua decisão de viajar sozinha?
7. Você já sofreu algum tipo de constrangimento, medo ou assédio quando viajou sozinha? Conte essa experiência como se sentir mais confortável.
8. Quais cuidados você julga necessários tomar ao realizar uma viagem sozinha? Você tem estratégias para se manter segura durante a viagem?
9. Você se sente segura ao viajar sozinha no território brasileiro? Qual a maior dificuldade ou facilidade que uma mulher encontra ao viajar sozinha pelo Brasil?

4º BLOCO: SEGURANÇA E RECOMENDAÇÕES

10. Alguma política pública ou costume local trouxe facilidade ou sensação maior de segurança durante uma viagem solo? (ex: pousada apenas para mulheres, vagões

exclusivos para mulheres em transporte público) Conte essa experiência como se sentir mais confortável.

11. Quais seriam as principais recomendações que você daria para uma mulher que pretende fazer sua primeira viagem sozinha?
12. Por fim, quais mudanças (comportamentos, sentimentos, motivações) você enxerga em si mesma desde que iniciou sua jornada como viajante solo?